



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Gestão de Tomar

**O TURISMO E O DESENVOLVIMENTO
LOCAL DO INTERIOR:
TEORIAS E PRÁTICAS NA ZONA DE SICÓ,
DA REGIÃO CENTRO**

Projeto

Sandra Isabel de Jesus Rosa

Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural



Instituto Politécnico de Tomar

www.ipt.pt

Tomar/ novembro/ 2019



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Gestão de Tomar

Sandra Isabel de Jesus Rosa

**O TURISMO E O DESENVOLVIMENTO
LOCAL DO INTERIOR: TEORIAS E PRÁTICAS NA
ZONA DE SICÓ, DA REGIÃO CENTRO**

Projeto de Mestrado

Orientado por:

Professor Doutor Luís Mota Figueira | Instituto Politécnico de Tomar

Dissertação apresentada ao Instituto Politécnico de Tomar
para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural

RESUMO

Este projeto tem como objetivo estudar a hipótese de implementação da marca “SICÓ Turístico-Cultural para todos”, no sentido de divulgar e valorizar a Região de Sicó tal como outras iniciativas similares. O seu objetivo principal é o de atrair público para o território e a comercialização dos produtos da região, numa perspetiva de desenvolvimento de produtos de turismo cultural, tornando-os uniformes e apelativos. A marca pretende assumir-se como uma identidade forte territorial e cultural: o seu modelo baseia-se na diversidade cultural, inovação, inclusão social e sustentabilidade. Por sua vez pretende-se aumentar a oferta turística, preservando e valorizando o que existe, nomeadamente em termos de autenticidade e de iconicidade. Acredita-se que a deslocação de turistas possa dinamizar o território, mas para isso é necessário mostrar o seu potencial e sensibilizar as comunidades para a importância dos seus recursos endógenos e da sua preservação e sustentabilidade.

Primeiramente fez-se uma exploração bibliográfica que permitiu compreender as potencialidades da região enquanto espaço que proporciona a criação de produto turístico, com base na identidade da região que, do ponto de vista histórico, social e geográfico apresenta grande singularidade no contexto nacional. Feita essa pesquisa procedeu-se à análise do território e das suas características naturais e culturais, com base no trabalho de campo. Trabalhou-se o tema de forma a construir linhas condutoras sobre os seis municípios escolhidos, com o objetivo de criar, em ambiente de cooperação intermunicipal, uma rede forte de divulgação do território proposta como modelo experimental focado no turismo. Esta rede evidencia mais-valias para o território, diversificando a oferta de Sicó aos mercados turísticos, ao mesmo tempo que pode significar uma linha de combate contra o despovoamento. Neste contexto de territorialidade específica de uma zona de baixa densidade demográfica, esta proposta também pretende criar mais conhecimento sobre a valorização dos recursos disponíveis no enquadramento da identidade da Região de Sicó, integrada na Região Centro de Portugal. É sustentado nesta visão que este Projeto se entende como um eventual reforço à inovação, necessária para o desenvolvimento dos territórios de baixa densidade demográfica, como se referiu.

Palavras-Chave: Território, Região de Sicó, iconicidade, identidade

ABSTRACT

This project aims to study the implementation of the brand “SICÓ Turístico-Cultural para todos”. It also aims to disseminate and give value to Região de Sicó. Its main purpose is to attract tourists to the territory and sell traditional products in order to create regular and appealing cultural tourism products. The brand assumes itself as a strong territorial and cultural identity: its model is based on cultural diversity, innovation, social inclusion and sustainability. Therefore, it is intended to increase the tourist offer, preserving and valuing the preexistent goods and history, particularly in terms of authenticity and iconicity. It is believed that bringing tourists to the territory can boost its development. For that to happen, though, it is necessary to enhance its potential and raise awareness among communities to the importance of endogenous resources and to the need of its preservation and sustainability.

At first a bibliographic incursion was made to allow us to understand the potentialities of the region, such as the creation of a tourist product based on its identity. One cannot ignore its uniqueness in the national context from a historical, social and geographical point of view. This research was based on the field work and carried out to analyze the territory and its natural and cultural characteristics.

This theme was developed in order to lead one to conductive lines related to the six chosen municipalities. The purpose, then, was to create a strong network which could enrich the dissemination of the territory as an experimental model focused on tourism. This strategy would come out as a result of an intermunicipal cooperation. This network highlights capital gains for the territory, diversifying Sicó's offer to tourist markets. It can also represent a way to avoid depopulation.

Considering that Região de Sicó is a low demographic density area, this proposal also aims to create knowledge about the value of resources available in the framework of its identity, as part of Região Centro de Portugal. Being so, this Project is meant to be understood as a way to upgrade the innovation which is determinant to the development of low-density demographic territories, as mentioned above.

Key words: territory, Região de Sicó, iconicity, identity

AGRADECIMENTO

Neste momento de finalização do projeto, revela-se imperioso agradecer ao meu orientador, Professor Luís Mota Figueira, que se não tivesse aceite o desafio de me orientar não chegaríamos a este projeto que se crê da maior importância para a Região de Sicó. Enquanto mentor, de forma paciente, ajudou-me a descobrir caminhos que foram essenciais para a concretização do projeto, mesmo quando nada parecia fazer sentido. Agradeço igualmente ao Instituto Politécnico de Tomar, em particular, à direção e aos professores do Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural, que me deram as ferramentas para a concretização do projeto.

Uma palavra aos meus amigos Miguel Carvalho, Sandra Simões, Sílvia Graça e Elisa Borgas que me auxiliaram nestes meses de trabalho, no trabalho de campo, na análise do trabalho, revelando disponibilidade imediata para todas as minhas questões sempre com boa disposição. À Laurinda Marques pelo apoio neste desafio intelectual e pelo seu acompanhamento em todo processo - sem ela seria mais difícil a sua concretização. Não posso deixar de agradecer à autarca do Município de Alvaiázere, Célia Marques, que ajudou na conceção deste trabalho, respondendo ao questionário, também a si dirigido.

Por fim, mas não menos importante, agradeço os meus colegas de Mestrado com quem partilhei este desafio, especialmente à Vanda Costa, João Paulo Pedro e Sérgio Martins.

Índice

Introdução	4
Metodologia.....	5
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico	6
1.1 Conceito de Território e Espaço	6
1.2 Território de Interior	8
1.3 Território de Baixa Densidade.....	9
1.4 Poder Local e Governança.....	10
1.5 Conceito de Turismo	14
1.6 Conceito de Turismo Territorial	16
1.7 Conceito de Turismo de Estada e Turismo de Trânsito.....	21
1.8 A importância do Turismo Acessível	22
Capítulo 2 – Caracterização Territorial	26
2.1. A Região de Sicó	26
2.2 Caracterização Histórica da Região de SICÓ.....	31
2.3 Caracterização Social e Económica da Região de SICÓ	33
2.4 Caracterização do Município de Alvaiázere	38
2.5 Caracterização do Município de Ansião	38
2.6 Caracterização do Município de Condeixa	39
2.7 Caracterização do Município de Penela	40
2.8 Caracterização do Município de Pombal	41
2.9 Caracterização do Município de Soure	42
Capítulo 3 – O território de Sicó na Região Centro e o seu potencial de desenvolvimento.....	43
3.1 Caracterização da Região Centro	43
3.2 O papel regional da oferta turística, em função da procura e das tendências de consumo.....	45
3.3 Linhas orientadoras do turismo Centro	51
3.4 Ícones dos Municípios da Região Centro	57

3.5 Iconicidade no território de Sicó: o que revelam os sítios eletrónicos municipais.....	59
3.6 Redes materiais e imateriais no Território de Sicó: a mobilidade da marca .	60
3.7 Estruturas existentes no Território de Sicó.....	65
Capítulo 4 - Proposta de intervenção.....	66
4.1 A escolha do território – Terras de Sicó	66
4.2 Linhas de planeamento e ação	69
4.3 Fatores diferenciadores no Território como enquadrante da Marca SICÓ Turístico-Cultural para todos.....	71
4.4 Matriz de avaliação da saída de campo	72
Capítulo 5 - Projeto: SICÓ Turístico-Cultural para todos.....	78
5.1 Marketing territorial do projeto “Sicó Turístico-Cultural para todos”	78
5.2 Público-Alvo.....	80
5.3 Conceptualização do Projeto	82
5.4 Imagem de marca do território e o projeto	86
5.5 Integração territorial do projeto: enquadramento institucional	86
5.6 Redes Territoriais, proposta de um percurso turístico acessível	87
Capítulo 6 - Análise dos resultados e síntese sobre a abordagem desenvolvida	88
Conclusão	90
Bibliografia.....	91
Anexos	102
Anexo 1 – Matriz das iconicidades da Região Centro.....	102
Anexo 2 – Oferta de Restauração e Hotelaria	106
Anexo 3 – Entrevista aos autarcas	108
Anexo 3 – Matriz de avaliação da saída de campo.....	110
Anexo 4- Exemplo de sinalética da Linha defensiva do Mondego	130
Anexo 5 - Pesquisa no Sítio TUR4all.....	131

Índice de figuras

FIGURA 1- SISTEMA TURÍSTICO	16
Figura 2: Necessidades específicas de viajante	24
FIGURA 3: SEGMENTO DE MERCADO DE TURISMO ACESSIVEL	25
FIGURA 4: REGIÃO DE SICÓ	27
FIGURA 5: FLORES-DOS-RAPAZINHOS, ORQUÍDEA, ESTEVAS	30
FIGURA 6: MORCEGO DE FERRADURA, COBRA RATEIRA, AGUIA COBREIRA.....	31
FIGURA 7: TOTAL DE ALOJAMENTOS TURÍSTICOS REGIÃO DE SICÓ	48
FIGURA 8: ESTA MEDIA DO MERCADO INTERNO NA REGIÃO CENTRO EM 2018.....	49
FIGURA 9: ESTA MEDIA DO MERCADO EXTERNO NA REGIÃO CENTRO EM 2018.....	49
FIGURA 10: REPARTIÇÃO DAS DORMIDAS POR MOTIVOS.....	50
FIGURA 11: DESPESA MÉDIA DIÁRIA POR TURISTA EM RELAÇÃO AOS MOTIVOS	50
FIGURA 12: PILARES DO MARKETING DA REGIÃO CENTRO.	53
FIGURA13: PRODUTOS TURÍSTICOS POR DELEGAÇÃO: PERSPETIVA SINTÉTICA DA ANÁLISE INTERNA.	54
FIGURA14: EIXOS E LINHAS DE ATUAÇÃO.....	56
FIGURA 15: ATIVOS ESTRATÉGICOS	56
FIGURA 16: SISTEMA DE CONETIVIDADE DO MODELO TERRITORIAL.....	62
FIGURA 17: PRINCIPAIS VIAS VIARIAS	63
FIGURA 18 : ATIVOS ESTRATEGICOS	71
FIGURA 19: MARCA SICÓ TURÍSTICO-CULTURAL PARA TODOS.....	85
FIGURA 20: REPRESENTAÇÃO DE UMA REDE DE TERRITÓRIOS.....	88
FIGURA 21: MAIL ENVIADO	108
FIGURA 22: EXEMPLO DAS LINHAS DEFENSIVAS DO MONDEGO.....	130

Índice de Tabela

TABELA 1 – DESTINO TURÍSTICO DE SICÓ	24
TABELA 2 - DADOS DA CARATERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DA REGIÃO DE SICÓ.....	34
TABELA 3 - DADOS DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO CENTRO	35
TABELA 4 – DADOS INDICADORES GLOBAIS DA REGIÃO CENTRO	37
TABELA 5 – OFERTA DA REGIÃO CENTRO	45
TABELA 6 - MATRIZ DA DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS NA REGIÃO DE COIMBRA E LEIRIA. ...	46
TABELA 7 - PILARES DO MARKETING DA REGIÃO SICÓ QUE SUSTENTA A MARCA QUE PROPOMOS.	54
TABELA 8 - PRODUTOS TURÍSTICOS: ANÁLISE INTERNA	55
TABELA 9 : ÍCONES DA REGIÃO DE SICÓ.....	60
TABELA 10: OFERTA NA REGIÃO DE SICÓ (NOS SEIS MUNICÍPIOS DESTE PROJETO)	66
TABELA 11: ESTRATÉGIA DAS TERRAS DE SICÓ/PROJETO	68
TABELA 12: SÍNTESE DO PROJETO.....	70
TABELA 13: EXEMPLO DE MATRIZ DO TRABALHO DE CAMPO	74
TABELA 14: MATRIZ DA AVALIAÇÃO DE CAMPO	78
TABELA 15: OFERTA NA REGIÃO DE SICÓ	81
TABELA 16: OFERTA NA REGIÃO DE SICÓ	84
TABELA 17: PROPOSTA PARA O TERRITÓRIO DE SICÓ	87
TABELA 18: FASES DO PROJETO.....	89
TABELA 19: MATRIZ DE ANÁLISE DOS SÍTIOS MUNICIPAIS	106
TABELA 20: OFERTA DE RESTAURAÇÃO E HOTELARIA DA REGIÃO DE SICÓ.....	108
TABELA 21: PESQUISA NOS SÍTIOS TUR4ALL DA REGIÃO DE SICÓ	131

Siglas e abreviaturas

ET27 – Estratégia Turismo 2027

EU- União Europeia

CCDRC- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro

CP - Comboios de Portugal

OMT - Organização Mundial do Turismo

INE - Instituto Nacional de Estatística

TUE - Tratado da União Europeia

IPT – Instituto Politécnica de Tomar

A - Via Expressa

IC- Itinerário Complementa

ER Estradas Regionais

EN- Estrada Nacional

EM- Estrada Municipal

CM – Caminhos Municipais

PNPOT - Programa Nacional da Política do Ordenamento do Território.

Introdução

O presente projeto pretende encontrar respostas para valorizar e projetar a Região de Sicó ainda que se trate de um território maioritariamente de Interior, constituído por seis municípios (Alvaiázere, Ansião, Condeixa-a-Nova, Penela, Pombal e Soure). O município de Pombal integra a faixa Litoral e os restantes são efetivamente territórios de Interior. Como territórios de interior, estes sentem as problemáticas comuns à interioridade em geral (desertificação, definhamento demográfico e socioeconómico).

Partindo da criação da Marca “SICÓ Turístico-Cultural Para Todos”, propõe-se a criação de um Itinerário Intermunicipal que contempla o que podemos visitar e do que podemos usufruir no território onde está inserida a Região de Sicó. Esta região debate-se, como já aludido, com problemáticas idênticas a outros territórios de interior, nomeadamente, a desertificação, a falta de visão de política turística, a pouca relevância da Região de Sicó no Plano de Marketing do Turismo do Centro e a dificuldade de estruturar uma rede que contemple estes seis municípios. Neste sentido e constatando esta dificuldade, estruturou-se uma pergunta de partida: Como dinamizar e valorizar a Região de Sicó - território de interior?

Criou-se, então, uma estratégia de resposta que, associando a Marca e os produtos que lhe estão associados, facilitasse uma solução integrada e orientada ao que se pretendia estudar

Este projeto, a partir da análise do território, pretende assumir-se como uma ferramenta que permita perceber o papel determinante de uma rede (a criar) que contribua para divulgação do território, trazendo mais-valias para o mesmo. Haverá, portanto, razões para aplicar os seus resultados. Em primeiro lugar procedeu-se a uma análise bibliográfica e a uma pesquisa rigorosa na *internet* que permitisse compreender as problemáticas da Região de Sicó. Para que se pudesse delinear uma estratégia de compreensão sobre a notoriedade turística territorial, foi necessário criar conhecimento sobre os seus recursos naturais e culturais e, assim, orientar o projeto para a marca “Sicó Turístico-Cultural para todos”. Para a sua implementação e sucesso é determinante envolver os atores, pois é necessário que estes sintam a marca como sua. Assim, valorizar o território implica ter em linha de conta o contexto natural e cultural, os produtos locais e os residentes. Trata-se de um desafio possível

de alcançar desde que se recorra a uma abordagem criativa que envolva todos os atores territoriais que devem intervir no processo.

A governança, como sistema colaborativo de administração das relações entre interesses diversos, particularmente os da administração pública e os da iniciativa privada, tem forte impacto nos territórios, facilitando uma visão partilhada entre vários atores, numa perspetiva territorial. Assim, como enunciado por Gomes, et al. (2011), a autarquia tem um papel fundamental na problemática do turismo, sendo esta atividade determinante para crescimento económico e desenvolvimento local: porque cria emprego e outras formas de promoção das economias locais e regionais com grande impacto no produto interno bruto nacional.

Pelo exposto, o presente projeto visa, a partir do envolvimento de todos os atores, a criação de uma marca que potencie a riqueza de uma região que tem muito para oferecer aos que a habitam, ao mesmo tempo (e também porque) se reveste do maior interesse para o potencial público que será convidado a usufruir da marca criada.

Metodologia

Este projeto baseou-se na pesquisa bibliográfica, exploratória do território com pesquisa campo e de análise digital. A pesquisa bibliográfica foi efetuada em bibliografia e alguns artigos científicos para fundamentar a parte conceptual voltada para a temática desenvolvida (turismo, território, acessibilidades entre outras). Foram analisados os referenciais teóricos, da identidade da região do ponto de vista histórico, social, geográfico e económico (entrevista orientados para estas linhas de estudo). Seguidamente pretendeu-se perceber o impacto atual do território na Entidade do Turismo do Centro.

Foi ainda realizada uma recolha de dados em trabalho de campo, através de visitaçã e recolha fotográfica. Realizou-se ainda entrevista para determinar a preceptiva da governação local sobre as Terras de Sicó, contribuindo para o enriquecimento do projeto.

Estruturalmente, o projeto inicia-se pelo enquadramento teórico direcionado para os conceitos Territoriais e de Turismo os quais estão inseridos no capítulo 1. Neste capítulo realizamos revisão de literatura com o objetivo de definição de conceitos de território e Espaço, Território de Interior, Território de Baixa densidade, Poder Local e Governança, Turismo, turismo territorial, Turismo de Estada e de Transito e o Turismo Acessível. Nos

capítulos 2 e 3, procederemos à caracterização da Região Centro de Portugal e a região de Sicó, onde foi ainda explorado o território e as suas características em busca da identidade territorial para a região de Sicó, foram ainda analisadas hipóteses de desenvolvimento turístico-culturais. Neste sentido foi necessário proceder ao mapeamento da região de Sicó, com base na visitação, pesquisa na *internet* e na informação adquirida nos pontos turísticos. Os resultados dessa pesquisa esta presente no capítulo 4 e 5 e onde se direcionou o projeto para marca SICÓ Turístico-Cultural para todos, consideraremos que esta será uma mais valia económica para a Região de Sicó, que representa uma maior viabilidade e que potencializa à captação de turista. Assim exporemos alguns contributos para implementação da marca e o processo de divulgação turística da Região de Sicó, eu pode ser observada no capítulo 6, neste ponto expomos a nossa proposta para a marca Sicó Turístico-Cultural para todos.

No projeto está ainda contemplada uma conclusão e anexos, onde consta elementos que ilustram este projeto e a sua implementação.

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

1.1 Conceito de Território e Espaço

Numa linha de estudo direcionada para o território será importante perceber, o espaço do estudo. O território, segundo o Dicionário Infopédia¹ da Língua Portuguesa, é uma grande extensão de terra e uma área de uma jurisdição. Não é possível, ainda, dissociá-lo da ocupação humana e da sua influência no espaço em que coabitam seres humanos e natureza. Segundo Ribeiro (2009) “(...) criou-se uma espécie de consenso historiográfico no qual uma complexa trama deu lugar a uma simples dicotomia: uma geografia vidaliana “possibilista” centrada em torno das formas engendradas pelo homem na superação das adversidades do meio.” (p.7). Os territórios são, desde sempre, estruturados por redes que permitem criar dinâmicas relacionais entre comunidades. As redes naturais, criadas pela Natureza, são condicionadas pelos usos que dela foram sendo feitos ao longo dos tempos, sendo que a

¹ www.infopedia.pt (8/8/2019)

renaturalização é uma realidade até aos nossos dias. Depois, as redes hidrográficas e sua valorização ambiental, sobretudo ao nível das infraestruturas, bem como as redes viárias e fluviais, ferroviárias e aéreas, por exemplo, servem aglomerados populacionais e fomentam as suas dinâmicas. Os territórios onde as economias são mais fortes criaram e foram mantendo as suas redes, atualizando-as. Numa perspetiva de observação sobre a história de cada território sempre que nos sistemas de vida falharam redes antigas (as antigas vias romanas são disso exemplo) ou não se conseguiram impor as novas redes (as modernas redes de transportes rodoviários, por exemplo), entre outras redes possíveis de exemplificar, deu-se o definhamento inevitável das economias que as incorporavam. Neste sentido, podemos concluir que todos os territórios têm dinâmicas e potenciais distintos.

Também Monteiro (2012) refere que, no caso da formação de percursos ainda hoje visíveis, os itinerários dependiam de um conjunto de fatores naturais e humanos que eram determinantes para estabelecer cada percurso, bem como das suas características topográficas e materiais.

Na perspetiva da gestão de territórios, é importante quebrar barreiras administrativas e unir esforços concertados sob estratégias de parceria, visando o desenvolvimento coeso das regiões. Neste processo, a inclusão social dos residentes e as suas interações com os visitantes (excursionistas e turistas) é fundamental. O ET27² considera esta questão como fundamental para o futuro das regiões, nomeadamente para as do Interior. A natureza não se compadece com as fronteiras que o Homem estabeleceu e a Geografia dos lugares não é divisível pelas administrações locais. Segundo Queirós (2014), com a adaptação da Humanidade no globo, houve a necessidade desta se adaptar à Natureza, sendo esta transformada, direta ou indiretamente, pelas atividades humanas, criando novas paisagens. Como é descrito pela Convenção Europeia de Paisagem (2004), “paisagem” faz parte do território e resulta da ação e interação dos fatores naturais e humanos, esta está incorporada no território.

² <https://www.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/estrategia/estrategia-turismo-2027.pdf>
(8/8/2019)

Na perspectiva de espaço, nesta dimensão do desenvolvimento territorial, é caracterizado por um conjunto de objetos dispostos no território, sendo eles naturais ou artificiais (infraestruturas), caracterizando assim um espaço como refere Blum (2014).

Reforçado ainda pelos autores Nunes e Sousa (2018):

“(...) o território é a sobreposição de múltiplas dimensões de espaços: um espaço físico (escala geográfica), um espaço de relações (actores, redes e dinâmicas de interacção) e um espaço político-institucional (resultante da coordenação entre diferentes órgãos de poder e da integração num espaço concreto das suas diferentes políticas).” (p. 28)

Neste sentido, é importante perceber-se a multifuncionalidades dos territórios: são utilizados para as diversas atividades produtivas onde o turismo tem, em alguns deles de grande expressão.

1.2 Território de Interior

Dentro da noção de território, existe o território de interior. Considera-se Território de Interior, segundo a definição do Dicionário Infopédia³ da Língua Portuguesa, o que está longe das fronteiras ou do litoral, mas esta definição torna-se muito redutora quando falamos de interior no espaço geográfico. Segundo o Programa Nacional de Coesão Territorial⁴ (2018), o interior não é apenas um problema demográfico, uma vez que também tem uma dimensão de caráter económico, urbano, institucional e relacional. Tratando-se de territórios subdesenvolvidos, em que existem dificuldades de acesso a serviços e instituições, bem como fraca economia, escassez de empregos e enfraquecimento de redes de parcerias, só deixarão de o ser se estes condicionantes forem alterados. Ainda assim, de forma genérica,

³ www.infopedia.pt (10/8/219)

⁴ <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-pdf.aspx> (10/08/2019)

o interior é caracterizado por uma menor densidade populacional e por um afastamento do litoral. Rodrigues (2010) referencia que:

“A dualidade litoral/interior não é imposta por qualquer fronteira geométrica; é sim uma tendência que se manifesta pela maior concentração da actividade em redor daquelas cidades/regiões que, aproveitando vantagens de primeira ordem, se estabeleceram e cresceram junto ao mar.”(p. 4)

Ainda dentro desta lógica relacional entre o Homem e o Meio e por forma a combater esta interioridade, será pertinente, de acordo com Melo (2000):

“... que os territórios em movimento na Europa de hoje estabeleçam entre si estruturas em rede e projectos interlocais transnacionais, em todos os domínios de interesse para o desenvolvimento local, mas muito particularmente os de base cultural. Só assim se poderá evitar os localismos defensivos e paralisantes, evitando ao mesmo tempo a diluição das culturas em modelos efémeros e superficiais de uma pretensa cultura universal.”. (Doc. em Word enviado pelo autor)

Os Territórios de Interior, pela sua diversidade, são espaços geográficos com elevado potencial que devemos valorizar e direccionar para a atratividade; dessa forma atrairemos mais pessoas para esses lugares. Sem pessoas os territórios ficam inevitavelmente desertificados e vazios de dinâmicas, o que se torna uma espiral de contágio que conduz ao despovoamento, principal problema, daí a importância do projeto direccionado para o desenvolvimento territorial.

1.3 Território de Baixa Densidade

Os Territórios de Baixa Densidade estão relacionados com os Territórios de Interior e, segundo Covas (2007), estes territórios apresentam problemas estruturais em determinadas regiões. A demografia, os fracos índices de qualificação da população e um tecido empresarial com fraca capacidade empreendedora e de inovação são parte do panorama comum num quadro de diversidade e dinamismo institucionais incipientes.

Segundo Carvalho (2009), opinião partilhada por outros autores, os instrumentos para combater o despovoamento, têm na sua base estratégias de desenvolvimento requalificadoras e revitalizadoras, orientadas para os territórios de baixa densidade. Neste sentido, o Programa Nacional para a Coesão Territorial (2018) reforça a importância de dar a conhecer melhor o país, de forma a contrariar e minimizar a discrepância entre o Litoral e o Interior. O Turismo, neste sentido, tem um papel determinante no que se refere a dar a conhecer esse Interior. Então, valorizar o potencial destes territórios, tal como os recursos endógenos e atrair recursos exógenos com o objetivo de atrair investidores é a estratégia mais adequada. Segundo alguns autores, como Ferrão (2002), quando centrado no conceito de identidade territorial e mais recentemente Mortágua (2008), a imagem de cada território é o resultado de uma identidade existente e assumida internamente.

Para valorizar o Interior e os Territórios de Baixa Densidade tem de existir uma sensibilidade e estratégia política que viabilize o seu desenvolvimento.

1.4 Poder Local e Governança

Os enquadramentos institucionais locais, alinhados com os da EU, devem ser considerados como balizas para as alterações ao nível do crescimento económico em qualquer processo de intervenção da administração pública. Nesta matéria, a componente teórica é fundamental. Como explica Bilhim (2019), “A governança multinível implica conceitos como compromisso e influência - nenhum nível de atividade é superior ao outro - e, portanto, uma dependência mútua através do entrelaçamento de atividades na formulação de políticas.” (p.86). Ao nível do compromisso é importante que as iniciativas sejam claramente enunciadas. Por outro lado, a dependência mútua deve ser considerada como um fator positivo para a necessária colaboração entre parceiros, visando um objetivo comum. Bilhim salienta ainda que “a governança multinível também tem sido definida como o processo de organização e coordenação de atores para desenvolver o capital territorial de forma não destrutiva, a fim de melhorar a coesão territorial em diferentes níveis.”

Como se poderá compreender, teoricamente, as vantagens da governança exercida neste modelo multinível traduzem-se nos benefícios que representam para os atores e no fortalecimento das relações entre as organizações que operam no território.

A governança, quando é exercida atendendo às bases da sua sustentação considera-se *bottom-up* - essas bases são parte integrante da governança. Por outro lado, a abordagem *top-down* valoriza a gestão vertical em relação à horizontal, de acordo com os pressupostos que antes referimos.

Como vários autores confirmam, a Governança tem forte impacto nos territórios, facilitando uma visão partilhada entre vários atores (Estado, a sociedade civil e o setor privado), por oposição à Governação, onde o estado é o centro.

Para abordarmos o conceito de governança é determinante fazer uma abordagem sucinta do conceito de governação. Segundo Ferrão (2010), a governação é um modelo em que o Estado é colocado no centro, respeitando uma estrutura hierárquica. Assim a Governança abre espaço para a participação ativa da sociedade civil e do setor privado, mantendo o papel decisor; atribui, também, um papel importante na mediação, em vários entendimentos, que garantem a legitimidade das ações. Esta colaboração institucional na forma público-privado faz parte da política contemporânea de desenvolvimento local. A governança requer uma visão estratégica, colaborativa e coordenada e requer, para além disto, uma cooperação entre atores. Ferrão (2010) refere ainda:

“Trata-se, afinal, da transição de um Estado directamente interventor e executor, que actua de forma verticalizada e sectorializada de acordo com uma visão de comando e controlo, para uma outra concepção do papel do Estado, centrada em intervenções de natureza sobretudo reguladora e estratégica, valorizadoras de relações diversificadas com distintos actores e crescentemente organizadas em rede.” (p.131)

Rhodes (1997) salienta ainda que no significado atual governança não é sinónimo de governo. Governança significa, na perspetiva deste autor, uma mudança no significado de governo. Assim, representa um novo processo de governar, uma alteração das regras de governar ou, ainda, um novo método pela qual a sociedade é governada. Este autor também salienta que não existe um governo unitário ou monocêntrico, mas sim redes, ligando diversos níveis do governo – local, regional, territorial e nacional. Jossep (2006), refere que a Governança Territorial pretende também orientar e promover o desenvolvimento dos recursos locais. Ferrão (2013) salienta, por sua vez, a importância de estabelecer

naturalmente relações horizontais de cooperação e de parceria com todos os atores. Dasí (2008), por seu turno, refere que na Governança Territorial podemos aplicar os princípios da boa governança, tratando-a como um processo de planeamento e gestão de dinâmicas territoriais na perspetiva inovadora, partilhada e colaborativa. Como modelo europeu de desenvolvimento territorial e na perspetiva do Livro Branco da Governança Europeia (2001), existem 5 princípios de boa governança: o primeiro refere a abertura, transparência e comunicação ampla da informação com linguagem acessível - a partir da divulgação há a possibilidade de promover a participação da sociedade civil; o segundo estabelece que a qualidade das políticas depende dessa participação, entre conceção e execução, que favorece a eficácia das ações e a confiança no processo; o terceiro aborda a responsabilização e participação, pelo que é determinante definir de forma clara as atribuições do poder legislativo e executivo, tendo em conta que a governança não é um fim em si mesma, mas um processo dinâmico e flexível, sempre mutável; o quarto mostra que no novo modelo de gestão é sempre necessário orientar a estratégia de governança no sentido de privilegiar a definição das políticas, nunca deixando de parte as experiências do passado; o quinto não descora a coerência, referindo-se à necessidade da coerência de políticas e liderança política para lidar com a diversidade. Sendo estes princípios de grande importância, será pertinente serem postos em prática, unificando os territórios e reforçando o diálogo entre os intervenientes nos mesmos.

Os autores Knill e Lenschow (2005) identificam ainda três padrões de governança na União Europeia e que se definem como coerção (em conformidade com regras comunitárias dos Estados Membros - por exemplo, política de ambiente); como competição (procuram-se arranjos institucionais mais eficientes, comparando-os com soluções de outros Estados-Membros (por exemplo, política de transportes); como comunicação (com base na qual se realizam ajustamentos dinâmicos voluntários, estimulando a troca de informações e de aprendizagem mútua nas redes transnacionais - por exemplo, políticas sociais de proteção e inclusão). Segundo Sidman (2009), a coerção define a forma como a humanidade é controlada, nas dinâmicas e interação do seu quotidiano. Este investigador refere ainda que a coerção nunca desaparecerá por completo, pois o ser humano é imperfeito. Para colocar a ordem, o Estado tem um papel regulador, controlando e supervisionando a ação da comunidade, mantendo a liberdade individual. A individualidade, conforme a definição do

Dicionário Infopédia⁵ da Língua Portuguesa, representa o conjunto das qualidades que distinguem cada indivíduo - cada pessoa é considerada individualmente, portanto, em relação ao coletivo.

A Governança apresenta um contributo significativo para as políticas de desenvolvimento territorial, estando relacionada com a qualidade no contexto das políticas públicas. Segundo Tsukamoto (2017), a governança territorial organiza-se através de uma prática/processo e das múltiplas relações que se estabelecem nas interações entre diferentes atores e interesses do território.

Uma das medidas políticas que poderemos salientar a favor da Governança é a Subsidiariedade. Segundo Baracho (1995), do ponto de vista etimológico, subsidiário, subsidiariamente ou subsidiariedade são palavras com origem no termo latino *subsidium*, que deriva de *subsidiarius*. O autor refere, assim, que a Subsidiariedade implica a intervenção do Estado. Esta intervenção implica a atribuição equitativa de subsídios, sendo que as decisões são tomadas ao nível mais local possível, com o objetivo de assegurar a defesa do consumidor com vista à sua maior proteção e, consequentemente, a melhoria dos territórios. Segundo Duarte e Nacle (2014), a subsidiariedade é um elemento estrutural e elementar na atual conjuntura económica, em que o Estado intervém. O princípio de subsidiariedade é definido no artigo 5.º do Tratado da União Europeia (TUE) e visa garantir a tomada de decisões o mais próxima possível das necessidades do cidadão, o que obriga à verificação constante da ação a empreender ao nível da EU para garantir que a mesma se justifica relativamente às possibilidades oferecidas a nível nacional, regional ou local (como se explicita no glossário das sínteses da UE⁶), exceto quando se trate de domínios da sua competência exclusiva. Este é um princípio de proporcionalidade que supõe que a ação da UE não deve exceder aquilo que seja necessário para alcançar os objetivos dos tratados. Este princípio visa, então, o desenvolvimento e melhoria dos territórios e das populações, podendo ser direcionado para o setor do turismo, por ser uma forma de potenciar o desenvolvimento das regiões.

⁵ www.infopedia.pt (8/8/2019)

⁶ <https://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/subsidiarity.html?locale=pt> (15/8/2019)

1.5 Conceito de Turismo

O turismo é um fenómeno socioeconómico e cultural consubstanciado na deslocação de pessoas para locais diferentes da sua residência habitual, para lazer, nos quais permanecem por um período superior a vinte e quatro horas. Para o efeito recorrem às facilidades de alojamento, alimentação e outras oferecidas no local de destino. Implica, por isso, um conjunto de atividades profissionais relacionadas com a oferta e utilização de transportes, alojamento, alimentação e ocupação de tempos livres. Cunha (2010) vai mais longe e estabelece de alguma forma a definição ao clarificar que o “Excursionista ou visitante do dia” (p.5) é aquele que permanece menos de vinte e quatro horas no local visitado ou que não recorre a um estabelecimento de alojamento para lá passar uma noite. Esta figura é alguém que efetua um passeio dentro ou fora das fronteiras de um país, mas que não passa uma noite fora da sua residência. Diferencia-se do turista porque este, supõe-se, utiliza os serviços ou facilidades de alojamento, comerciais, familiares ou outros, por período de tempo igual ou superior a vinte e quatro horas.

Na perspetiva dos autores, Cabral, Nery, Rollo, Silva (2010),

“Os turistas, com as suas viagens e estadias, criaram novos lugares. É certo que os espaços estavam lá, mas ninguém se deslocava aí propositadamente. Os lugares turísticos não são simples espaços dotados de certas qualidades naturais ou patrimoniais, mas espaços socialmente construídos, dotados de significados e percecionados através da experiência e das representações individuais e coletivas. Os desejos dos turistas e a necessidade de responder à crescente procura tiveram um enorme impacto, ainda insuficientemente estudado, no território.” (p.71)

Muitos autores consideram o turismo um fenómeno, mas Cunha (2010) relembra que para outros é uma indústria, pois representa uma atividade que gera movimentação humana e mobiliza e altera comportamentos humanos. Podemos, pelo exposto, dizer que o conceito de turismo e o que representa pode ser analisado a partir de vários prismas (económico, político, sociológico, antropológico, cultural, psicológico, entre outros), até porque a atividade turística cria relações com implicações em diferentes áreas e segmentos de atuação. Como refere Torres (2007), de acordo com a OMT, o turismo implica a deslocação de

pessoas em viagem, que permaneçam num local, que não o seu ambiente normal, por menos de um ano consecutivo, por lazer, trabalho, entre outras motivações (OMT, 1994). Esta organização reforça ainda que o turismo é uma atividade associada ao repouso, à descontração, ao desporto, ao acesso à cultura e à natureza e que deve ser uma fonte de enriquecimento individual e coletivo. Os autores Mathieson e Wall (1982) concebem o turismo como uma movimentação temporária do homem para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e residência, o que implica atividades que se realizam durante a estada nos destinos. Aí, então, podemos encontrar equipamentos criados para satisfazerem as suas necessidades pessoais.

O turismo reflete, portanto, o comportamento do Homem, fora do seu habitat habitual e inclui as atividades que satisfazem as suas necessidades, criando impacto nos locais anfitriões (bem-estar económico, físico e social). De alguma forma transforma em elementos da mesma equação as motivações e experiências dos turistas, as expectativas e ajustamentos efetuados pelos residentes nas áreas recetoras e os papéis desempenhados por inúmeras agências e instituições que os intermedeiam.

O turismo tem claramente influência no que se refere ao desenvolvimento nacional, regional e local; neste sentido temos de analisar a oferta turística de cada território, pois este é um fator importante e que determina o seu posicionamento no mercado e a respetiva capacidade de atrair turistas. O destino tem de disponibilizar variedade de produtos turísticos para garantir maior atratividade turística enquanto destino. Segundo Henriques (2003):

“As potencialidades turísticas de qualquer destino só podem ser desenvolvidas mediante a existência de infraestruturas, equipamentos e serviços que completam, na realidade a verdadeira oferta turística. De um modo geral, a oferta turística engloba tudo aquilo que o local de destino tem para oferecer aos seus turistas actuais e potenciais, sendo representada por uma gama de atracções, bens e serviços que determinarão a preferência do visitante". (p. 1)

Como se poderá observar no esquema que se apresenta, o turismo é, também, um sistema.

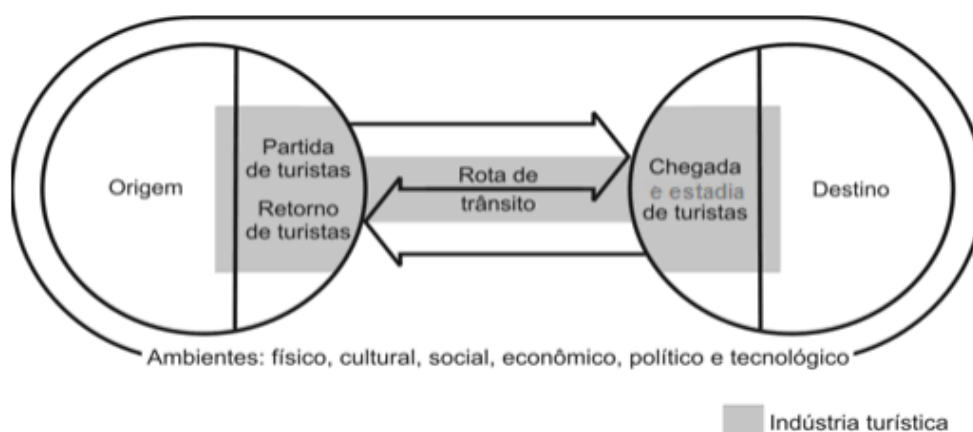


Figura 1- Sistema Turístico

Fonte: Adaptado de Leiper (1979). Elaborado por Monteiro (2014)

O turismo tem uma dinâmica que depende de uma deslocação, como podemos observar na figura anterior. Nesta deslocação está implicada uma trajetória de saída e regresso, pelo que nesta dinâmica há que considerar o espaço físico, tecnológico, social, cultural, económico e político de cada território. Este modelo representa a influência do sistema turístico, o qual está subjacente a qualquer processo de desenvolvimento territorial. Aplicada à realidade de Sicó, esta é uma referência que poderá ser potenciada para qualificar os produtos, o trabalho dos atores territoriais e, acima de tudo, a satisfação do turista que escolhe a região como destino. Nesta dinâmica também se revela a marca dominante do território: por isso, a marca “SICÓ Turístico-Cultural para todos” tenta refletir essa conjugação dos recursos com a autenticidade turística.

1.6 Conceito de Turismo Territorial

O conceito de Turismo Territorial é determinante para a compreensão do tema do nosso projeto. É importante estudar e analisar o comportamento do Homem fora da sua área geográfica habitual, verificando como o turismo responde às necessidades do turista. Tem, por isso, impacto ao nível do acolhimento (do ponto de vista sociocultural, económico e físico). Tal como refere a OMT, o turismo, para além do tempo máximo de permanência do turista fora da residência e ambiente habitual, prevê a realização de atividades por este e visa compreender as suas motivações para permanecer naquele local por um período de tempo consecutivo, como já anteriormente referido, inferior a um ano, com fins de ócio, negócios,

saúde, entre outros. Também os autores Mathienson e Wall (1982) corroboram o conceito de turismo associado ao deslocamento temporário de pessoas, por período inferior a um ano, para fora da sua residência e local de trabalho habitual. Estes reforçam ainda a importância da oferta de atividades de forma a satisfazer das necessidades do turista. Também Cunha (2009), refere que o turismo é uma atividade, ou um conjunto de atividades que geram economia, decorrente da deslocação e permanência de visitantes num determinado local. Esta definição reveste-se de maior complexidade e profundidade, pois envolve vários fatores, o que justifica o interesse académico e profissional de vários autores por esta atividade complexa, multissetorial e com uma envolvimento muito específica. O turismo é uma atividade que depende do fornecimento de bens e serviços (associados a deslocações, alojamento etc...). Numa abordagem geográfica ou territorial, Valls (2004) estabelece que o destino turístico está delimitado num determinado espaço geográfico, com características endógenas (clima, cultura infraestruturas, serviços entre outros).

Potenciar os recursos endógenos pode significar atração em relação a outros recursos que, sendo exógenos, influenciam o processo de transformação territorial, aumentando a notoriedade do território. Podemos assim dizer que a importância do turismo se deve à sua área de ação física, económica e política. Cerro (1993), refere que as análises dos impactos turísticos são explicadas pela localização, pela identificação de lugares ou regiões e pelas suas potencialidades turísticas. Este autor refere ainda a importância da matéria-prima para as atividades turísticas, ou seja, são necessários recursos turísticos que por si só atraiam visitantes. Assim, os territórios devem ser atrativos pelos seus recursos básicos, sendo que o seu potencial turístico gera recursos complementares com poder aglutinador. Assim, o território é convertido em potencial turístico num conjunto de vários elementos como reforça Pardellas (2005). Os destinos enfrentam o desafio de satisfazer os seus visitantes através dos seus recursos, atrações, produtos, equipamentos e infraestruturas. No espaço físico do território, o turismo aproveita os recursos locais com o objetivo de se desenvolver, respeitando de livre vontade ou coercivamente (o Estado é o regulador e regulamentador do turismo) as especificidades do ordenamento do território. Neste seguimento, Costa (2005) refere a importância dos sete eixos principais da oferta: alojamento, restauração, transporte, serviços de agências de viagens e operadores turísticos, aluguer de viaturas, serviços culturais e serviços recreativos e de lazer.

Segundo Cabrita (2012), o fator de localização geográfica está relacionado com a escala, internacional, nacional, regional e local. A nível regional o autor analisa a distribuição das áreas turísticas, a sua localização e a descrição dos seus recursos, infraestruturas turísticas e características da mobilidade do fluxo turístico. No que se refere ao local, destaca-se a preocupação em relação aos aspetos morfotipológicos da paisagem (processo evolutivo, transformações da paisagem e do tecido urbano), avaliação do impacto ambiental e o acompanhamento dos projetos. Nesta lógica, o contributo desta visão é muito relevante.

O turismo é uma indústria multidisciplinar e interdisciplinar que abrange diversas áreas de ação, que inclui turistas, regiões emissoras, regiões de trânsito e regiões de destino, entre outras. O turismo implica a realização de atividades pelo indivíduo, fora da sua rotina habitual e inclui práticas sociais, mobilizando um qualquer meio de transporte que o leve para o destino recetor. Assim o turismo concretiza-se num espaço geográfico ou territorial onde se concentram diversas atividades e infraestruturas necessárias para o bem-estar e atratividade do turista, igualmente com benefícios para a economia local. Smith (1995) refere que região turística é uma área contígua, delineada por um investigador, planeador ou agência pública e que será relevante para o planeamento ou para o desenvolvimento do turismo ou até para a sua análise. Esta análise pode ser quantitativa ou qualitativa e deve de ir ao encontro dos objetivos definidos para a região analisada. Segundo Eusébio (2006), uma região de destino turístico deve ter em conta seis critérios:

1. Ter um conjunto de características culturais, físicas e sociais que criem uma identidade regional;
2. Ter um conjunto de infraestruturas de suporte ao desenvolvimento turístico (exemplo: serviços financeiros, serviços de saúde, infraestruturas rodoviárias);
3. Ter um conjunto de atrações turísticas que permitam o seu desenvolvimento;
4. Ter uma dimensão maior que uma cidade, aldeia ou do que uma simples atração;
5. Ter a capacidade de acolher uma agência de planeamento do turismo e iniciativas de marketing de forma a permitir o desenvolvimento sustentável;
6. Ter acessibilidades rodoviárias, ferroviárias, aéreas ou marítimas e, naturalmente, pessoas.

Um destino turístico contextualizado na Região Centro de Portugal necessita de comunicar com os territórios vizinhos. Acresce que no espaço Europeu, esta necessidade é óbvia no combate às assimetrias territoriais. Como refere um documento da EU:

“Atualmente, as sociedades europeias enfrentam muitos desafios que se colocam à sustentabilidade, do desemprego de jovens ao poluição, energia sustentável e migração. Temos de enfrentar os desafios atuais e preparar o futuro, dando resposta ao ritmo e à complexidade das alterações globais e às necessidades de uma população mundial crescente. A fim de preservar o modelo social e a coesão social na Europa, é essencial investir nos jovens, promover um crescimento inclusivo e sustentável” (p. 2)⁷

Os ciclos temporais, nomeadamente das legislaturas políticas, refletem as medidas de governo. Por isso e fruto da ação dos últimos governos:

“Nos últimos 10 anos, evidenciou-se uma diversificação temática, abrangendo aspetos transversais aos vários domínios desta agenda - como a competitividade turística das regiões e das cidades (turistificação e gentrificação), e a capacidade de carga dos recursos e destinos, territórios insulares. A proximidade entre consumidores e locais de consumo e a economia centrada em redes de negócios e em coopetição territorial, ganham alguma centralidade na investigação e atravessam domínios como os Territórios e a Competitividade, bem como os Comportamentos e Perfis (destino smart, sociedade de informação e economia partilhada).” (p.105)⁸

Nesta dinâmica também é de atender os processos de turistificação territorial que não são isentos de conflitos. Assim:

⁷ <https://publications.europa.eu/pt/publication-detail/-/publication/b25d7add-c181-11e4-bbe1-01aa75ed71a1/language-pt> (16/9/2019)

⁸ https://www.fct.pt/agendastematicas/docs/Agenda_Turismo_Final.pdf (15/9/2019)

“Por sua vez, a turistificação do território suscita abordagens multifacetadas e multidisciplinares, que, por um lado, remetem para avaliação e minimização de impactos territoriais do turismo, sejam os decorrentes do aumento e focalização territorial dos fluxos, sejam os decorrentes da intensificação construtiva dos equipamentos turísticos e de apoio, que, por outro lado, levantam questões de ordenamento do território, tendo em vista aspetos de sustentabilidade ambiental, valorização paisagística e qualificação dos tecidos urbanísticos, e que, por outro lado ainda, suscitam orientações técnicas e tomadas de decisão política quanto à valoração do papel do turismo nos processos de desenvolvimento local, em função das especificidades de cada contexto territorial.

O desenvolvimento dos produtos turísticos e a gestão estratégica dos destinos turísticos requerem, assim, quer uma avaliação criteriosa dos valores e determinantes que emanam do território, quer uma abordagem seletiva, já que nem todos os recursos possuem suficiente relevância para a internalização em cadeias de valor ou para a afirmação e sustentação dos destinos turísticos. Por outro lado, as motivações dos turistas e visitantes são dinâmicas em correlação com a evolução da própria sociedade, implicando ajustamentos nas estratégias de desenvolvimento turístico, a que acrescem fatores decorrentes de inovações tecnológicas, de alterações económicas e de conjunturas diversas.” (p. 53)⁹

Os territórios dispõem de elementos naturais, paisagísticos e culturais que permitem a sua visita e motivam o interesse e deslocação de turista para utilizar as infraestruturas existentes (restauração, hotelaria e serviços, entre outros), que levam a uma estada mais ou

⁹ https://www.fct.pt/agendastematicas/docs/Agenda_Turismo_Final.pdf (15/9/2019)

menos prolongada. A Região d Sicó detém elementos naturais e culturais que fazem parte dos atributos da marca que pretendemos propor.

1.7 Conceito de Turismo de Estada e Turismo de Trânsito

O termo, sendo deslocação é igualmente estada (ou estadia) e, portanto, segundo a OMT, desde que o visitante durma uma noite num destino é, estaticamente um turrista. Estada, segundo a definição do Dicionário Infopédia¹⁰ da Língua Portuguesa, é ato de estar. Podemos assim inferir que o turismo de estada está associado à duração e período de permanência de um turista num destino, com pelo menos uma dormida. Segundo Silva (2013), a estada é um dos três grandes vetores do turismo, juntamente com a viagem e a motivação. O visitante permanece durante um determinado período de tempo, contribuindo assim para a concentração turística no destino. Este autor refere ainda a importância do aumento da estada nos destinos turísticos com o objetivo de estimular a economia local, consumindo os bens e serviços turísticos. Cunha (2013) defende que o turismo de estada é caracterizado pelo destino da viagem onde o turista permanecerá, desde que esse tempo seja superior ao tempo despendido no turismo de passagem.

Remetendo para a figura de Leiper, já referida, o turismo de trânsito, segundo a definição do Dicionário Infopédia¹¹ da Língua Portuguesa, remete para aquele que se pratica a percorrer, a circular ou ainda a mudar de lugar. Ou seja, o turismo de trânsito/passagem poderá ser considerado de acordo com o tempo necessário para alcançar paragens até ao destino turístico final. Segundo Cunha (2013), o turismo de passagem é a viagem necessária que se realiza, por um período de tempo muito reduzido, para chegar ao destino turístico. A passagem e presença dos turistas provoca sempre algum impacto. Segundo Eusébio (2006), a Região Centro de Portugal é um destino principal de viagem. Embora funcione como um destino principal, para os estrangeiros é principalmente destino turístico de passagem. A autora (2006) refere ainda que “A Região Centro de Portugal, apesar de invocar

¹⁰ www.infopedia.pt (9/8/2019)

¹¹ www.infopedia.pt (9/8/2019)

potencialidades para o desenvolvimento turístico, destaca-se, no contexto nacional, como uma das regiões onde a actividade turística ainda apresenta um fraco dinamismo.” (P. 29).

A investigação é fundamental no desenvolvimento turístico das regiões de destino, e neste caso particular da Região Centro de Portugal, revelando-se crucial o desenvolvimento de metodologias que permitam estimar os impactes económicos do turismo numa determinada comunidade e utilizar os resultados da aplicação dessas metodologias para segmentar o mercado. Será pertinente combater a tendência da Região Centro de Portugal que se define como uma zona de turismo de trânsito, trabalhando-se para alterar essa realidade, estimulando o território e dinamizando-o no sentido de atrair e fixar os turistas e assim esta região afirmar-se como região de estada ou destino turístico. Neste sentido é também pertinente contemplar o Turismo Acessível.

1.8 A importância do Turismo Acessível

Na dimensão territorial do turismo, a acessibilidade é fundamental. Neste ano de 2019 Portugal foi considerado o melhor destino turístico do mundo para pessoas com necessidades específicas, pela OMT. Neste seguimento Taleb Rifai, Secretário-Geral da OMT¹² refere:

“A acessibilidade é um elemento central de qualquer política de turismo responsável e sustentável. Constitui simultaneamente um imperativo dos direitos humanos e uma oportunidade de negócio excecional. Acima de tudo, temos que começar a compreender que o turismo acessível não beneficia apenas as pessoas com deficiência ou com necessidades específicas, beneficia todos.” (p. 2)

O turismo deve ser também direccionado e pensado para a população portadora de deficiência, até porque a realização de práticas turísticas, facilitam a respetiva integração e potenciam o seu desejo de explorar novos horizontes, reiterando junto da sociedade a sua

¹² <https://business.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/all-for-all/itinerarios-turisticos-acessiveis-de-portugal.pdf> (28/9/2019)

capacidade de adaptação e superação, factos que aumentam a sua autoestima. Segundo as autoras Anacleto e Remoaldo (2016), vários autores utilizam nomenclaturas diferentes para este segmento turístico, como sendo “Turismo Acessível”, “Turismo Inclusivo”, “Turismo para Todos” e “Turismo Universal” ou “Turismo sem Barreiras”; desta forma promovem as acessibilidades da oferta turística, pelo que os destinos turísticos devem estar preparados para responder às necessidades da procura turística, garantindo a satisfação do turista que deseja usufruir do serviço, independentemente das suas incapacidades físicas, sensoriais ou psíquicas do visitante. A OMT (1999) refere que devemos respeitar o código de ética do turismo, o que implica que a atividade turística seja equitativa, responsável e sustentável devendo encontrar-se ao dispor de todos os indivíduos que a desejem praticar.

Gouveia, Mendes e Simões (2010) referem que a acessibilidade resulta de vários fatores relacionados com o edificado, bens e serviços. Os territórios devem estar preparados para proporcionar a igualdade de utilização de uma forma direta, imediata, permanente e o mais autónoma possível. Desta forma potenciam uma maior satisfação, segurança, conforto e funcionalidade para todos os utilizadores.

Para podermos considerar um destino turístico apto para todos, podemos considerar 12 etapas, como referem os autores Aragall e Montes (2009). Ao elaborarmos esta tabela, que se segue, pretendemos abordar o território de Sicó e proceder à sua caracterização turística.

Análise em destino turístico	Análise do território de Sicó
Tomada de consciência que o Turismo para todos traz benefícios económicos	Os benefícios para o território, para as pessoas e as suas organizações.
Integrar as preocupações dos responsáveis	Dar voz aos atores do território
Cooperação/networking entre os diversos agentes no destino turístico	Criar redes de integração da administração pública com iniciativa privada
Inclusão dos viajantes e localização das pessoas afetadas	Sistema de informação turística e sinalética
Plano estratégico para tornar o destino acessível	Integrar-se no ET 27 e na Entidade Regional de Turismo da Região Centro
Análise do destino turístico do ponto de vista da acessibilidade (accessibility map);	Plano de marketing da Turismo do Centro
Mobilização e qualificação dos fornecedores de serviços turísticos	Planeamento e visão para o turismo, partilhados
Desenvolvimento e implementação de boas práticas	Utilização de recursos humanos e recursos atrativos e melhoria das infraestruturas das ofertas
Desenvolvimento do produto e do marketing	Partilha de projetos de alavancamento da economia local e regional para um destino mais acessível
Garantia de acessibilidade como critério de seleção de contratação pública/privada e atribuição de concessões	Facilidades de procedimento da administração pública e da iniciativa privada
Gestão do relacionamento com os clientes (RP);	Foca da impulsão do cliente e estratégia de relações públicas

Avaliação contínua do impacto destas medidas	Monitorização e avaliação do impacto turístico no território
--	--

Tabela 1 – Destino turístico de Sicó

Fonte: Elaboração própria

De acordo com o esquema de observação apresentado na Tabela 1, a visão do território torna-se alvo de atenção integrada, proporcionando vantagens para a maioria dos atores territoriais. A prova da importância deste nicho de mercado, foi realçado este ano com o prémio de melhor destino turístico acessível de 2019. Notícia do Observador¹³ mostra o exemplo que tem vindo a ser desenvolvido desde 2016, em que foi lançado o programa “All for All”, o qual assenta em “roteiros acessíveis em todo o país”. Em termos nacionais, foi ainda desenvolvida a aplicação “Tur4All” (também portuguesa), com o objetivo de mostrar a oferta nas regiões de destino para receber pessoas com necessidades específicas, oferecendo condições adequadas à sua condição.

**Figura 2: Necessidades específicas de viajantes**

Fonte: Turismo de Portugal (28/9/2019)

Neste sentido, será pertinente estabelecer uma visão do território de Sicó e tentar estruturar e divulgar eficazmente as ofertas na região para cativar os 127M de europeus com necessidades específicas que viajam. Em Portugal temos cerca de 10 M de habitantes, sendo que no total desta população, 6% possui deficiência e 27% tem mais de 60 anos. Assim, 3,4 M são potenciais clientes para o mercado do turismo acessível que, nestes territórios mais despovoados, se poderão distribuir para fruírem de ofertas mais personalizadas. O contato

¹³ <https://observador.pt/2019/09/10/portugal-e-o-melhor-destino-turistico-do-mundo-para-pessoas-com-deficiencia/> (30/9/2019)

com a Natureza é parte da terapia para algumas formas de deficiência e incapacidades, razão pelo qual se trata de um mercado de nicho a considerar.

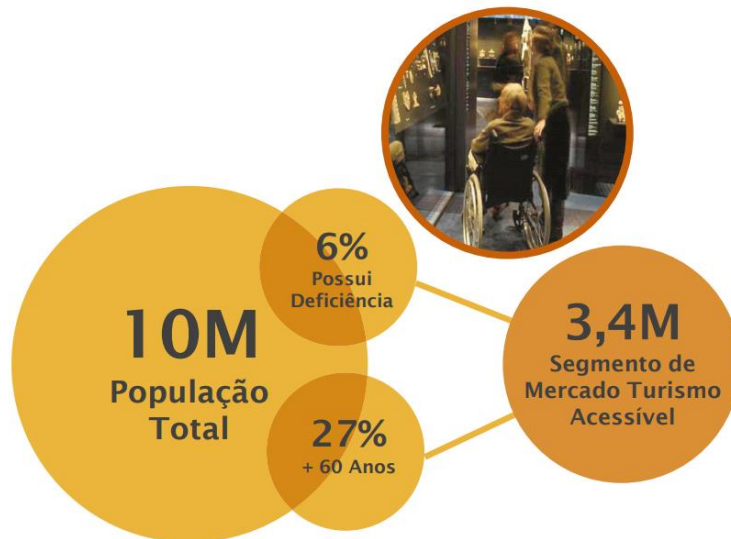


Figura 3: Segmento de Mercado de Turismo Acessível

Fonte: Turismo de Portugal (28/9/2019)

Para a implementação deste tipo de modelos no mercado regional nas Terras de Sicó será pertinente a avaliação dos seus recursos turísticos. Segundo o Prontuário Turístico (2013), o recurso turístico depende de todo o tipo de atrativos, naturais ou artificiais, que exercem um apelo suficientemente forte para promover a deslocalização de pessoas com o objetivo de ser apreciado, visitado, utilizado ou simplesmente fruído. Estes recursos terão sempre de ser estruturados, estudados e planeados. Como refere Machado (2010):

“(...) com boa estruturação técnica, poderão ser um bom passo para um adequado planeamento e ordenamento turístico dos respectivos territórios. Actividades de inventariação, estudo, investigação, formação de activos, divulgação, promoção, previstas no regime jurídico dos pólos de desenvolvimento turístico são fundamentais para tal planeamento e ordenamento. O que se afigura decisivo é o financiamento das mesmas que deveria ser gerado, parcialmente, com receitas provenientes da actividade turística nos respectivos territórios.” (pp 48-49)

Tal como o autor refere, um estudo e trabalho estruturado trarão benefícios para os territórios, gerando benefícios económicos, nomeadamente do nível da criação de emprego.

Capítulo 2 – Caracterização Territorial

2.1. A Região de Sicó

A Região Centro de Portugal é constituída por 100 municípios, onde estão integrados os seis da Região de Sicó, sendo que, em termos administrativos, integram as comunidades intermunicipais de Leiria (Alvaiázere, Ansião e Pombal) e de Coimbra (Condeixa-a-Nova, Penela e Soure). Na Entidade do Turismo do Centro de Portugal estes municípios estão distribuídos de forma diferente, a Região Leiria/Fátima/Tomar (Pombal) e Região de Coimbra (Alvaiázere, Ansião, Soure, Condeixa-a-Nova, Penela e Soure). Este território gravita em torno da Serra de Sicó, com cerca de 1501,07km² e 117.938 habitantes, segundo os Censos de 2011(INE).



Figura 4: Região de Sicó

Fonte: CCDRC: Elaboração própria

O concelho de Alvaiázere está localizado na Região Centro (NUT II) do distrito de Leiria, na região do Pinhal Norte (NUT III) e ocupa uma área de 160,48 Km². Encontra-se a cerca de 170 km de Lisboa e 178 km do Porto e a distâncias equidistantes de Pombal, Tomar e Ourense.

O concelho de Ansião faz parte da Região Centro (NUT II), do Distrito de Leiria, na zona do Pinhal Interior Norte (NUT III) e compreende uma área total de 176 km². Faz fronteira com os Concelhos de Pombal, Alvaiázere, Figueiró dos Vinhos, Penela e Soure.

O concelho de Condeixa-a-Nova fica situado na faixa litoral da Região Centro (NUT II), do Distrito de Coimbra e está integrado na zona do Baixo Mondego (NUT III), ocupando

uma área geográfica de 138,7 km². Confronta com os concelhos de Coimbra, de Miranda do Corvo, de Penela, de Soure, de Soure e Montemor-o-Velho e encontra-se sensivelmente a 200 Km de Lisboa, a 120 km do Porto e somente a 10 km da cidade de Coimbra.

O concelho de Penela, está localizado no distrito de Coimbra, localiza-se na Região Centro (NUT II), no Pinhal Interior Norte (NUT III) e ocupa uma área geográfica de 134,8 km². É limitado pelos concelhos de Condeixa-a-Nova, Miranda do Corvo, Ansião, Figueiró dos Vinhos, Soure e Figueiró dos Vinhos.

O Concelho de Pombal está localizado na Região Centro (NUT II) no distrito de Leiria, no Pinhal Litoral (NUT III). Com uma área geográfica de 626.23 km², encontra-se a cerca de 150 km das cidades de Lisboa e Porto, a 33 Km de Coimbra, a 26 km de Leiria e a 30 km da Figueira da Foz. É limitado pelos concelhos de Ansião, Alvaiázere, Ourém, Leiria, Soure e Figueira da Foz, estendendo-se, a Oeste, até ao Oceano Atlântico.

O concelho de Soure, do distrito de Coimbra, localiza-se na Região Centro (NUT II), no Baixo Mondego (NUT III), com área geográfica de 265,1 km². É limitado a norte pelo concelho de Montemor-o-Velho, a oeste pelo da Figueira da Foz, a este por Condeixa e a sul por Pombal.

Trata-se de uma região de grande valor patrimonial, cultural, geomorfológico e paisagístico. Tal como refere Silva (2019), analisar “O Património Histórico das Terras de Sicó é contemplar milénios de vivências humanas que guardam as memórias de povos que marcam indevidamente a sua presença por estas paisagens...” (p. 33). Assim, reforçado por Cunha (1990), esta região tem uma relação natural vincada pelas suas características de relevos calcários decorrentes de um processo de evolução cársica que dá origem a uma paisagem singular. Estas características são bem vincadas nas regiões acima referidas e constituem um atrativo natural. A região apresenta recursos turísticos importantes, até porque à exceção da cidade de Pombal e Condeixa, os restantes municípios estão inseridos em espaços rurais serranos, onde se pratica uma agricultura de sequeiro, essencialmente nos fundos dos vales secos e das depressões cársicas. Estes são territórios propícios ao pastoreio de ovinos e caprinos, o que lhes confere contexto natural e ambiental. Segundo Cunha e Vieira (2004), a vegetação na região, pelas suas características rochosas e vertentes íngremes e pedregosas, permite observar tufos arbustivos (carrasqueiros), oliveiras centenárias, pinheiros e eucaliptos. Mas a mais antiga vegetação da região é o carvalho cerquinho e o sobreiro, que característicos das regiões do mediterrâneo, ainda são possíveis de ser

observados em algumas manchas de alguma dimensão. Sobre o calcário estão presentes as coberturas gresosas (com base grés), sendo que estas características valorizam e dão grandiosidade geológica ao território. Segundo Cunha e Vieira (2004) esta riqueza natural e ambiental advém da importância do património geomorfológico e, por isso, a valorização de espaços de montanha, decorrendo de diversos fatores, tem a sua singularidade, originalidade, espetacularidade, beleza e grandiosidade.

As serras que mais se destacam na região são a Serra do Espinhal, a Serra de Janeanes, a Serra de Sicó, a Serra de São João, a Serra de Santa Maria, a Serra de Alvaiázere, a Serra do Castelo, a Serra do Rabaçal. O ponto mais alto do maciço de Sicó é a Serra de Alvaiázere, com 617 metros de altitude que, no topo, permite acesso a uma vista de 360° sobre a região. Devido às suas características cársicas podemos encontrar nestas serras grutas, buracas, e uma rede hidrográfica muito abundante, destacando-se o Rio Arunca, o Rio Dueça, o Rio de Mouros, a Ribeira da Azenha, o Rio de Anços e o Rio Nabão, entre outras redes hidrográficas.

Esta região, segundo Lopes (2001), “...possui um importante património florístico, vegetal e ecológico, bem como um elevado e privilegiado potencial direcionado para a conservação da natureza...” (p. 371). Como também refere lousão (2017), a região está coberta de vegetação adaptada aos solos calcários, pelo que as espécies conseguem sobreviver e prosperar em ambientes de elevada secura estival. A flora é muito rica e variada, na Primavera, com destaque para os campos de orquídeas selvagens em flor e para as flores-dos-rapazinhos. Como já referido, a flora mais frequente na zona de Sicó é característica do mediterrâneo. Pode ser encontrada, por isso, uma numerosa variedade de plantas autóctones, entre elas, com base em Romão e Barreiro (1999), o sabugueiro (*sabucus nigras L.*), o folhado (*Virburnum tinus L.*), a aroeria (*Pistacia lentiscus L.*), a hera (*Hedera Hibernica*), o espargo bravo menor (*Asparagus acutifolus L.*), o espargo bravo maior (*Asparagus aphllus L.*), a macela-de-São-João (*achillea ageratum L.*), a táguedam (*Dittrichia viscosa L.*), o alecrim (*Rosmarinus officinalis L.*), a azinheira (*Quercus rotundifolia Lam*), o carrasco (*Quercus coccifera L.*), o carvalho-português (*Quercus faginea Lam.*), o choupo-negro (*Populus nigra L.*), a dedaleira (*Digitalis purpurea L.*), a erva-de-santa-maria (*Thymus zygis L. subsp. sylvestris*), a erva-de-São-Roberto (*Geranium robertianum L.*), o folhado (*Viburnum tinus L.*), o freixo (*Fraxinus angustifolia Vahl.*), o gilbardeiro (*Ruscus aculeatus L.*), o hipericão (*Hypericum perforatum L.*), o loureiro (*Laurus nobilis L.*), a madressilva

(*Lonicera implexa* Aiton), o medronheiro (*Arbutus unedo* L.), a oliveira (*Olea europaea* L. var. *europaea*), o pinheiro-manso (*Pinus pinea* L.), a rosa-albardeira (*Paeonia broteroi* Boiss. & Reuter), a roselha-grande (*Cistus albidus* L.), o rosmaninho (*Lavandula luisieri* (Rozeira) Rivas-Martínez), o salgueiro (*Salix atrocinerea* Brot.), o sanguinho-das-sebes (*Rhamnus alaternus* L.), o sobreiro (*Quercus suber* L.), a urze (*Calluna vulgaris* (L.) Hull) e o zambujeiro (*Olea europaea* L. var. *sylvestris* (Miller) Lehr.), entre outras. Estes recursos naturais são endógenos e, portanto, de grande valor para potenciar a economia local e regional.

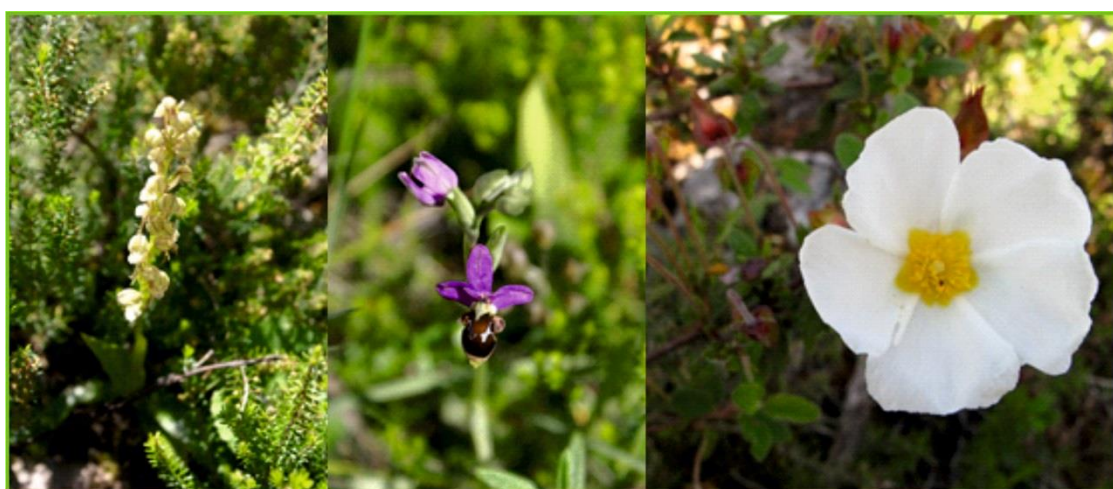


Figura 5: Flores-dos-rapazinhos, orquídea, estevas

Fonte: Elaboração própria, fotografias próprias (2016)

Segundo Romão e Barreiro (1999), neste território, no que se refere à fauna, podemos encontrar várias espécies, tais como a Poupá (*Upupa apops*), o milhafre-preto (*Milvus migrans*), a águia-cobreira (*Circaetos gallicus*), o búfalo real (*Bubo bubo*), o peneireiro comum (*Falco tinnunculus*), o morcego-d'água (*Myotis daubentonii*), o morcego-de-ferradura-grande (*Rhinolophus ferrumequinum*), o javali (*Sus scrofa*), a gineta (*Genetta genetta*), a raposa (*Vulpes vulpes*), a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), a gralha preta (*Corvus corone*), a perdiz-vermelha (*Alectoris rufa*), a lagartixa-do-mato (*Psammmodromus algirus*), a osga-comum (*Tarentola mauritanica*), a rã-verde (*Rana perezi*), a salamandra-comum (*Salamandra salamandra*), o sapo-comum (*Bufo bufo*) e o tritão-marmorado (*Triturus marmoratus*), entre outras. Tal como a flora, também a fauna reúne um conjunto de espécies de grande valor para potenciar a procura de turistas, nomeadamente em atividades de turismo praticado ao ar livre.



Figura 6: Morcego de ferradura, cobra rateira, aguia cobreira

Fonte: Elaboração própria, fotografia da esquerda da Visão, a central própria e a da direita Ebierd

Ainda assim, Eusébio (2006) faz referência à ausência de estratégias de promoção das regiões, urgindo reformular políticas e abordagens com o objetivo do desenvolvimento da atividade turística. Refere ainda que a promoção só é eficiente se houver um conhecimento profundo da procura e da oferta.

2.2 Caracterização Histórica da Região de SICÓ

A região de Sicó manteve ocupação humana desde a pré-história e, naturalmente, foi moldado por essa ocupação. Silva (2019) distingue três grandes períodos de ocupação, o primeiro corresponde à pré e proto-histórico, o segundo ao romano e o terceiro ao medieval. Essa ocupação sucessiva levou à criação ou renomeação de um elevado número de povoados que chegam até aos dias de hoje. Neste seguimento, também os autores Alarcão et al. (1996) reforçam que a região tem um percurso histórico marcado pelas invasões e sucessiva passagem de povos sobretudo por ser bem dotada de recursos essenciais para a atratividade e fixação do Homem. Já no paleolítico, as terras de Sicó revelavam-se convidativas para a fixação do Homem pela influência do Oceano Atlântico e pelo seu clima ameno.

Também do período do Neolítico (Idade da Pedra) são encontrados vestígios junto às Bacias hidrográficas do Rio dos Mouros e Nabão, no Planalto de Degracias-Alvorge, na escarpa da Nossa Senhora da Estrela, na Buraca Escura e na Buraca Grande, entre outros.) Alguns dos sítios arqueológicos evidenciam ocupação descontínua, como refere Aubry et al. (2017):

“No Maciço de Sicó (Centro de Portugal) foram detetados artefactos e ecofactos essencialmente em cavidades cársticas e abrigos sob rocha (localmente denominados “buracas”). As sequências arqueostratigráficas são descontínuas e terão sofrido diversas fases erosivas, que se revelam por lacunas sedimentares e superfícies de estabilização, com distintos graus de preservação. Os sítios arqueológicos da margem Norte do Rio Mondego (Centro de Portugal) estão associados a afloramentos de sílex e a sua preservação em sedimentos aluviocolumiais do Plistocénico, com uma componente eólica em depressões cársticas fechadas no Planalto de Outil/Cantanhede.” (p.29)

A interpretação de Cunha (2003) aponta como fatores determinantes para a fixação nestas terras “(...) as características da paisagem, a riqueza do património histórico, o valor da biodiversidade, a importância estratégica da água que circula no seu interior e a fraca degradação ambiental que se regista e que é facilmente perceptível em qualquer rápida visita pela região.” (p. 14)

As populações foram-se fixando de forma permanente com o passar dos tempos, um pouco por toda a região (Alvaiázere, Ansião, Condeixa, Penela, Pombal e Soure). Foram-se multiplicando os povoados nos altos rochosos, ao redor de Conimbriga, como refere Silva (2019). O fluxo de pessoas e bens eram feitas por duas vias romanas principais: a que passa no concelho de Soure está localizada ao lado da vila que, partindo de *Olissipo* (Lisboa), passava por *Colliopo* (S. Sebastião do Freixo, Batalha), *Saurium* (Soure) e Conimbriga, seguindo para *Bracara Augusta* (Braga); a outra via romana como refere Rodrigues (2006) que ligava *Olissipo* (Lisboa) a *Bracara Augusta* (Braga), que atravessava a Região de Sicó (Alvaiázere e Penela) e que faria a ligação a Conimbriga. Na perspetiva de Antas (1997), as estradas de *Olisipo-Conimbriga-Collipo* foram determinantes para a estruturação do território na época romana.

Nesta região desenvolveram-se estratégias que permitiam a realização de trocas inter-regionais e uma ativa circulação de pessoa e bens, razão pela qual se prestava muita atenção ao controlo do território. O contato com o Mediterrâneo Oriental, através do comércio fenício, via Santa Olaia, na embocadura do Mondego, está bem documentado a

partir do Século VII a.C., sendo evidente que os Vales de Soure e da Ega desempenharam um papel importante na entrada de mercadorias que se destinavam aos Castros instalados na região.

A Via Romana, igualmente essencial para o comércio e para a deslocação de pessoas, entrou em funcionamento desde os meados do Sec. II a.C. Como já referenciado, Iniciava-se em Lisboa (*Olisipo*), até Braga (*Bracara Augusta*) e passava pelas terras de Santarém, Tomar, Conimbriga, entre outras. Esta via foi estrategicamente construída pela proximidade de água e pela baixa altimetria. Ainda que hoje existam apenas alguns segmentos desta via, no período das invasões bárbaras foram igualmente utilizadas, mesmo durante as ocupações islâmicas, mantendo-se até à Idade Média. Na Idade Média esta região era uma referência, o que se comprova pelo relato da passagem pelo território de Peregrinos de Santiago na segunda metade do século XV, reafirmando a importância geográfica da região ao longo da história. O autor Rodrigues (2006) faz também referência às peregrinações para Santiago de Compostela, desde 1527, sendo estes relatos de extrema importância para a reconstituição da circulação viária na região. Estes documentos da Chancelaria e manuscritos (Codices 148, 739, 7642, entre outros), podem tornar-se fontes importantes para estabelecer circuitos locais de visita, itinerários de peregrinação e, também, por exemplo para identificar uma rota - apresentar uma “Rota do Cárstico” pode fazer parte de um projeto de animação turística da região. Assim, a marca que propomos também poder incorporar esta atividade de caminhadas ou outro tipo de modalidades para estes percursos

Em suma, o homem foi-se fixando no território ao longo dessas redes viárias, sendo evidente uma relação entre o espaço físico e a paisagem. É, portanto, neste cenário de pedras, vales e depressões cársticas que se desenvolveu a agricultura e que se deu a fixação das populações. Esta história pode também explorada do ponto de vista turístico. É sem dúvida, um território relevante para o nosso projeto

2.3 Caracterização Social e Económica da Região de SICÓ

Os dados que se apresentam pretendem ilustrar a realidade da sociedade e da economia local considerando que as bases de conteúdos são credíveis e correspondem ao

serviço público da administração pública desconcentrada (base de dados CCDRC)¹⁴. Apresenta-se uma sequência de dados que ilustram esta caracterização.

Tabela Região de Sicó

	População				
	Densidade populacional	Índice de envelhecimento	População residente estimada	Proporção de população jovem	Relação de masculinidade
	2018	2018	2018	2018	2018
	N.º / km²	N.º	N.º	%	N.º
Portugal	111,4	159,4	10 276 617	13,7	89,5
Centro (100)	78,6	199,2	2 216 569	12,2	89,9
Continente	109,8	162,2	9 779 826	13,7	89,4
Alvaiázere	41,3	343,7	6 626	9,4	86,0
Ansião	68,7	272,1	12 106	10,1	88,4
Condeixa-a-Nova	126,9	137,5	17 597	14,3	87,7
Penela	40,3	279,2	5 439	10,8	87,3
Pombal	82,6	207,6	51 684	11,9	90,6
Soure	65,2	280,2	17 277	10,8	88,9

Tabela 2 - Dados da caracterização da população da Região de Sicó

Fonte: CCDRC (10/09/2019)

Tabela de Desenvolvimento da Região Centro

					Portugal	Centro (100)
Desempenho económico	Índice sintético de desenvolvimento regional	Índice global	2017	PT=100	100,0	96,7
	Poder de compra per capita		2015	PT=100	100,0	88,8
	Produtividade do trabalho		2017	Milhares de euros	35,1	31,5
	Produto Interno Bruto por habitante a preços correntes		2017	Euros	18 894	16 426

¹⁴ <https://datacentro.ccdrc.pt/Viewer.aspx> (10/9/2019)

	Rendimento disponível bruto das famílias por habitante		2016	Euros	12 066	11 279
Comércio internacional	Taxa de cobertura das importações pelas exportações de bens		2018	%	77,2	113,9
	Exportações de bens com origem na região	Proporção de exportações de bens de alta tecnol...	2018	%	4,0	2,2
Proporção do VAB por ramos de atividade	Setor primário		2017	%	2,3	3,6
	Setor secundário	Total	2017	%	22,4	29,5
	Setor terciário	Total	2017	%	75,3	66,9
Propriedade industrial	Pedidos de invenções nacionais (patentes e modelos de utilidade) realizados por residentes por mi...		2017	N.º	69	78
Investigação & Desenvolvimento	Despesa em I&D no PIB		2017	%	1,3	1,3

Tabela 3 - Dados de desenvolvimento da Região Centro

Fonte: CCDRC (10/09/2019)

Tabela de indicadores globais da região centro

					Portugal	Centro (100)
Indicador global de avaliação da Região Centro	Indicador global de avaliação		2018	Valor (1 a 7)	x	4,52
	Segundo as dimensões	Crescimento e competitividade	2018	Valor (1 a 7)	x	3,46
		Potencial humano	2018	Valor (1 a 7)	x	5,83
		Qualidade de vida	2018	Valor (1 a 7)	x	2,12
		Coesão	2018	Valor (1 a 7)	x	5,74
		Sustentabilidade ambiental e energética	2018	Valor (1 a 7)	x	5,03
1-Exportações de bens	Peso das exportações de bens no PIB		2017	%	28,3	29,3
2-Captação de investimento direto estrangeiro	Posições de IDE em fim de período	Taxa de crescimento	2018	%	-0,99	4,60
3-Investimento em I&D	Despesa em I&D no PIB		2017	%	1,3	1,3

4-Regional Innovation Scoreboard	Categoria do RIS		2019	n.a.	Inovador moderado	Forte inovador
5-Doutorados nas instituições de ensino superior	Doutorados do ensino superior por 1000 habitantes		2017/2018	N.º	2,0	2,0
6-Empresas gazela	Empresas jovens de elevado crescimento no total de empresas com pelo menos 10 pessoas remuneradas		2017	%	1,24	0,77
7-Taxa líquida de criação de empresas	Sociedades	Taxa líquida de criação de sociedades	2017	%	40,1	32,5
8-Produto Interno Bruto	Taxa de crescimento real do PIB		2017	%	2,8	2,5
9-Produtividade do trabalho	Produtividade do trabalho		2017	Milhares de euros	35,1	31,5
10-Taxa de abandono escolar precoce	Taxa de abandono precoce de educação e formação		2018	% (série 2011)	11,8	10,5
11-População jovem com formação superior	Proporção da população dos 30 aos 34 anos com ensino superior completo (Inq. Emprego)		2018	%	33,5	35,5
12-Resultados de exames nacionais	Posicionamento face ao país nos resultados de e...	Ensino básico e secundário (média)	2018	PT=100	100,0	101,4
13-Formação ao longo da vida	Aprendizagem ao longo da vida		2018	%	10,3	10,9
14-População residente	Taxa de variação da população		2018	%	-0,14	-0,66
15-Taxa de desemprego	Total		2018	% (série 2011)	7,0	5,6
16-Taxa de desemprego jovem	15 aos 24 anos		2018	% (série 2011)	20,3	18,9
17-Satisfação dos residentes	Indicador médio de satisfação dos residentes		2019	Pontos (1 a 4)	2,73	2,79
18-PIB por habitante	Produto Interno Bruto por habitante a preços correntes		2017	Euros	18 894	16 426
19-Beneficiários do rendimento social de inserção	Beneficiários do rendimento social de inserção por 1000 habitantes em idade ativa		2017	N.º	32,5	22,3

20-Distribuição do rendimento	Rendimento total	Coeficiente de Gini	2014	%	31,6	28,0
21-Dispersão da variação populacional	Taxa de variação populacional dos municípios	Desvio padrão (dispersão concelhia)	2018	n.a.	0,73	0,68
22-Dispersão do rendimento familiar	Rendimento familiar por habitante	Coeficiente de variação (dispersão concelhia)	2013	n.a.	0,197	0,146
23-Energias renováveis	Percentagem de energias renováveis no consumo final de energia elétrica		2015	%	47,2	56,4
24-Emissão de gases com efeito estufa	Peso da emissão de gases com efeito estufa no VAB		2009	Gg de CO2 equivalente por milhões €	0,49	0,72
25-Eficiência energética	Consumo de energia primária no PIB		2017	tep/milhão de euros	115,6	174,8

Tabela 4 – Dados Indicadores Globais da Região Centro

Fonte: CCDRC (10/09/2019)

Como se pode observar a partir destes dados, o território é um excelente local para a fixação de pessoas, propício à organização e ao desenvolvimento da economia. Com base nos dados recolhidos passamos a apresentar os municípios que fazem parte deste estudo, a partir das suas características distintivas. Podemos salientar inclusivamente, que em alguns pontos a Região Centro de Portugal está acima dos indicadores nacionais como é o caso do setor primário (3,6) e o setor secundário (29,5). Nos seis municípios em foco as suas principais atividades económicas estão ligadas ao setor do comércio/serviços, construção, indústria e agricultura, produção de animais, caça, floresta e pesca, de acordo com a Associação Terras de Sicó. Nesta perspetiva, podemos concluir que o território tem fortes indicadores de desenvolvimento económico.

2.4 Caraterização do Município de Alvaiázere

O concelho de Alvaiázere¹⁵ está inserido na Região Centro de Portugal, ocupando uma área de 160,48 Km² na região Pinhal Litoral Norte. Este concelho é composto por 5 freguesias: Almoester, Alvaiázere, Mações de Dona Maria, Pelmá e Pussos São Pedro.

O seu nome deriva de Al-Bai-Zir ou Alva-Varze, nome dado pelos povos árabes que invadiram a Península Ibérica em 711. Segundo documentos na Torre do Tombo em 1200 referem que, lhe foi concedido foral por D. Sancho I e mais tarde, em 1338 foi elevado a vila por D. João I. Esta vila foi ainda pertença da Rainha D. Leonor, mulher de D. Duarte, pertencendo assim aos domínios da coroa. O último foral foi concedido em 1514 por D. Manuel.

Alvaiázere apesar das mudanças dos tempos, não perdeu as suas características paisagísticas, geológico, arquitetónico e etnográfico. O que mais se destaca, é a sua serra pertencente ao Maciço Calcário de Sicó coberto de urzes e pequenas orquídeas floridas e uma vasta ares de floresta mediterrânea onde predomina o carvalho cerquinho. A Serra de Alvaiázere tem uma vista de 360 de onde se avista a várzea fértil e a vila, no seu sopé. Desta podemos ainda avistar, vinhedos, olivais e o vale do rio Nabão, o concelho tem dois cursos de hídricos principais, o Nabão e a Ribeira de Alge.

2.5 Caraterização do Município de Ansião

O concelho de Ansião¹⁶ está localizado no centro do país e ocupa uma área territorial de 176,09 km² na região Pinhal Litoral Norte. Este é composto por 6 freguesias: Alvorge, Ansião, Avelar, Chão de Couce, Pousaflores e Santiago da Guarda.

O seu nome encontra-se referenciado desde de 1175, mas só foi elevado a vila em 1514, pelo foral concedido por D. Manuel. Este concelho é rico no seu património arquitetónico, histórico, cultural e de génese popular. A sua riqueza estende-se por todo concelho (a Residência Senhorial do Castelo Melhor, a Ponte da Cal, o Padrão evocativo da

¹⁵ www.cm-alvaiazere.pt (26/8/2019)

¹⁶ www.cm-ansiao.pt (26/8/2019)

Batalha do Ameixial, o Pelourinho de Ansião, de Avelar e de Pousaflores, a Igreja Matriz de Ansião, de Alvorge e de Chão de Couce, a Capela da Misericórdia, a Ermida da Senhora da Paz, a Casa Alpendrada, as ruínas da Torre da Ladeia, as aldeias típicas da Ateanha, Aljazede e Vale Florido, a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Graça, a Igreja de S. Domingos, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia, o Forno Medieval da Senhora da Guia, a Igreja de N. Sra. das Neves, a Capela de N. Sra. do Pranto e os Moinhos de ventos giratórios). Este concelho, tal como o de Alvaiázere, inclui-se na Bacia Hidrográfica do Rio Tejo, sendo atravessado pelo Rio Nabão e Ribeira de Alge.

2.6 Caraterização do Município de Condeixa

O concelho de Condeixa-a-Nova¹⁷ está localizado no centro do país e ocupa uma área geográfica de 138,67 km² na Faixa Litoral. Este é composto por 10 freguesias: Anobra, Belide, Bendafé, Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha, Ega, Furadouro, Sebal, Vila Seca e Zambujal.

Segundo autores como Alarcão, Carvalho, Cunha, Queirós, e Vilaça (1996), Condeixa-a-Nova, remonta ao século II a.C., tendo sido identificados vestígios que ainda hoje podemos observar, como as emblemáticas ruínas de Conimbriga. É em 1219 que surgem as primeiras referências a Condeixa e é em 1514 que D. Manuel I concedeu o foral a Condeixa-a-Nova. Ainda assim apenas em 1838 alcançou emancipação administrativa e passou a vila. Aqui podem ainda ser observados vestígios das diversas invasões dos bárbaros, muçulmanos e, por fim, das invasões Francesas que devastaram, na época, toda a vila, causando danos irreversíveis. Chegaram até aos nossos dias as ruínas de Conimbriga, onde se desenvolveu o Museu Monográfico de Conimbriga. Mais recentemente foi edificado o Museu PO.RO.S.¹⁸. Este, permite termos uma imagem mais realista da ocupação romana no território de Sicó, documenta o período romano no território através de conteúdos digitais apelativos, dinâmicos, interativos e educativos.

Neste município podemos ainda observar:

¹⁷ www.cm-condeixa.pt (26/8/2019)

¹⁸ <https://www.poros.pt/> (18/10/2019)

- A Bacia Hidrográfica do Mondego, onde se encontra o Paul de Arzila com a sua biodiversidade. Esta é região importante para a conservação da fauna aquática e ribeirinha;
- A plataforma de Condeixa, caracterizada predominantemente por superfícies planas com cotas aproximadamente 100 metros;
- A mata da Bufarda, que ainda conserva características da floresta mediterrânica (carvalho-cerquinho, azinheiras, sobreiros, carrascos, medronheiros, entre outras espécies;
- O “canhão” do Rio dos Mouros, que vai da povoação do Poço à plataforma de Conimbriga, onde passa o Rio do Mouros que escava o canhão fluvio-cársico.

2.7 Caracterização do Município de Penela

O concelho de Penela¹⁹ está localizado no centro do país e ocupa uma área geográfica de 134,80 km² na região do Pinhal Litoral Norte. Este é composto por 4 freguesias: União de freguesias de S. Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Podentes, Espinhal e Cumieira.

Segundo Alarcão, Carvalho, Cunha, Queirós, e Vilaça (1996), esta vila localiza-se numa área acidentada do maciço de Sicó, junto à Serra da Lousã. Esta área é abrangida pela Bacia Hidrográfica do Mondego e pela Bacia Hidrográfica do Zezere. A região está inserida numa depressão escavada nas rochas detríticas da base do Mesozóico, que percorre toda a faixa central do Concelho e onde passa o Rio Dueça. Por isso a ligação ao CISED – Centro de Interpretação do Sistema Espeleológico do Dueça, que promove e valoriza o território através da preservação e salvaguarda do ambiente. As paisagens calcárias que caracterizam o território, permitem a observação de grutas, muros de pedra ou os simples amontoados, as cavidades naturais, as buracas, as dolinas e as espécies arbóreas.

A origem etimológica do nome da vila, segundo o antiquário Santa Rosa de Viterbo, advém do diminutivo Peña, Pena ou Penha e significava, na Baixa Latindade, o cabeça, monte ou rochedo. A imagem marcante do concelho é a Torre de Menagem do Velho

¹⁹ www.cm-penela.pt (26/8/2019)

Castelo, mandado construir por D. Dinis. Em 1064, foi construído por D. Sesnando, um forte medieval no interior da fortaleza moura já existente, sendo que o Castelo de Penela pertence à linha defensiva do Mondego. À vila de Penela foi concedido o primeiro foral em 1137, por D. Afonso Henriques e em 1187 foi mandada repovoar.

2.8 Caraterização do Município de Pombal

O concelho de Pombal²⁰ está localizado no centro litoral do país e ocupa uma área geográfica de 626 Km² da região Centro Litoral. Este é composto por 17 freguesias: Abiul, Almagreira, Carnide, Carriço, Guia, Ilha, Mata Mourisca, Louriçal, Meirinhas, Pelariga, Pombal, Redinha, Santiago de Litém, São Simão de Litém, Albergaria dos Doze, Vermoil e Vila Cã.

Na região de Pombal, o vestígio da ocupação Humana no território remonta ao período da Pré-História; esta evidência é constatada pelos estudos arqueológicos efetuados e pelos artefactos encontrados. No castelo de Pombal foram ainda encontrados vestígios romanos, mas apesar de todos os vestígios de ocupação Humana, só partir do século XI é comprovada a sua existência no território. Em 1159 é concedido foral à Redinha e mais tarde, em 1174, a Pombal, por Gualdim País, mestre da Ordem dos Templários. D. Manuel I concedeu a Pombal um novo foral em 1512. Anos antes o castelo foi recuperado pelo Conde de Castelo-Melhor, alcaide-mor da vila em 1509.

Foi neste concelho que residiu o Marquês de Pombal entre 1777 e 1782 e foi ele quem mandou construir a Praça Velha, a cadeia, o sítio do antigo pelourinho e o celeiro. Mais tarde o território foi devastado pelas invasões francesas, nessa sequência o concelho ficou isolado de todo o país até 1855. Nesse ano esta região foi contemplada com a construção da via-férrea, que assegurou uma comunicação rápida e fácil com os principais centros de Portugal.

Pombal integra as áreas classificadas no âmbito da Rede Natura 2000; localizada essencialmente na Serra de Sicó, possui uma elevada diversidade de habitats associados às paisagens calcárias. O Concelho é ainda influenciado por três Bacia Hidrográficas:

²⁰ www.cm-pombal.pt (26/8/2019)

- A Bacia Hidrográfica do Mondego: que ocupa 84,1% do município e integra duas linhas de água, o rio Arunca e a ribeira de Carnide;
- A Bacia Hidrográfica do Lis: que ocupa 8,9% da área do concelho e integra a ribeira de Nasce Água;
- A Bacia Hidrográfica do Tejo: que ocupa 7% do município e integra o rio Nabão.

2.9 Caraterização do Município de Soure

O concelho de Soure²¹ está localizado no centro do país e ocupa uma área geográfica de 265,10 km² na região do Baixo Mondego. Este é composto por 12 freguesias: Alfarelos, Brunhós, Degracias, Figueiró do Campo, Gesteira, Granja do Ulmeiro, Pombalinho, Samuel, Soure, Tapéus, Vinha da Rainha, Vila Nova de Anços.

Na região de Soure as evidências da ocupação Humana remontam ao período neolítico e romano, mas a vila só é referenciada num documento escrito em 1043, onde o território é reconhecido como concelho numa doação do Convento da Vacariça. Em 1111 o Conde D. Henrique e a rainha D. Teresa concedem-lhe o foral. Mais tarde, em 1128, D. Teresa doa o Castelo de Soure à ordem dos Templários, doação confirmada por D. Afonso Henriques em 1129. No Século XVI, em 1514, D Manuel I concede-lhe foral novo.

A região de Soure tem uma paisagem heterogénea e influenciada pela presença de vários rios (Anços, Arunca, Pranto e Mondego). Pode constar-se que é caracterizado por uma superfície mais irregular, com maiores cotas altimétricas e declives, onde se encontra a Serra de Sicó a sudeste do concelho. Destaque para a biodiversidade de grande valor ambiental e paisagístico. Soure pertence também à bacia hidrográfica do rio Mondego, onde está localizada a Reserva Natural do Paul da Madriz, que é ocupada por áreas agrícolas e florestais de elevado interesse para a avifauna e para sobrevivência das espécies. Esta ocupa uma área de 89 hectares e encontra-se num vale a sul da povoação do Casal do Redinho, na baixa do Rio Arunca.

²¹ www.cm-soure.pt (26/8/2019)

Como síntese poder-se-á terminar esta caracterização dos seis municípios e consideramos que Alvaiázere, Ansião, Penela, Pombal e este último município, Soure, consubstanciam o território que, sendo o de criação e desenvolvimento da proposta da marca “SICÓ Turístico-Cultural para todos”, se destaca na sua especificidade comum: São municípios tendencialmente de Interior.

Capítulo 3 – O território de Sicó na Região Centro e o seu potencial de desenvolvimento

3.1 Caracterização da Região Centro

Como se referiu anteriormente o Território de Sicó que abarca os seis municípios deste projeto e outros mais, está inserido na Região Centro, sendo composta por 100 municípios e abarcando oito comunidades Intermunicipais (CIM), as quais são Sub-Regiões: Região de Aveiro, Região de Coimbra, Região de Leiria, Viseu Dão Lafões, Beiras e Serra da Estrela, Beira Baixa, Oeste e Médio Tejo. Embora a Região Turismo do Centro se circunscreva territorialmente à NUTS II Centro, as divisões turísticas são diferentes da divisão ao nível das NUTS III (Ministério da Economia e do Emprego, 2013), dividindo-se pelas delegações de Castelo Branco, Coimbra, Leiria/Fátima/Tomar, Oeste, Ria De Aveiro, Serra Da Estrela e Viseu/Dão-Lafões. Estes 100 municípios estão ainda subdivididos por seis distritos e estão agregados em sub-regiões diferentes em termos de atributos e de recursos e em matéria de desenvolvimento social e económico. A Região de Sicó como definido pela Entidade do Turismo do Centro, correspondente à delegação de Coimbra e Leiria/Fátima/Tomar. Nota-se que algumas freguesias poderão pertencer a projetos do Território de Sicó, segundo critérios de cada programa de financiamento.

Segundo o Centro 2020 - Programa Operacional Regional do Centro²², esta região ocupa uma área de cerca 28.199 km² e faz fronteira terrestre internacional com Espanha,

²² <http://www.centro.portugal2020.pt> (15/9/2019)

nomeadamente com as regiões espanholas de Castela e Leão e da Extremadura. A região Centro é ainda banhada por uma linha de costa atlântica e faz fronteira com as NUTS II do Norte, de Lisboa e do Alentejo. Segundo os autores Seabra, Paiva, Abrantes, Pereira e Reis (2018), na Região Centro de Portugal podemos observar uma realidade paisagística bastante diversificada. Esta diversidade definiu a própria divisão do território, considerando as suas características geomorfológicas desde as Regiões do Litoral ao interior da região. Na perspetiva de Tão (2018), esta região oferece uma ampla oferta turística, que engloba multiplicidades materiais e imateriais, suscetíveis de se apresentarem como oferta principal ou complementar às áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto, as quais se localizam a sul e a norte desta região, respetivamente

A região divide o Norte e o Sul do país, até porque ocupa a zona costeira do atlântico e a zona fronteira interior. No domínio da geologia, a Norte da Região Centro podemos encontrar xistos, arenitos, granitos e quartzitos, montanhas, planaltos, depressões e campinas e uma rede hidrográfica constituída pelo Mondego, Vouga e Lis, como referem Almeida, Cravidão, Cunha e Jacinto (2003). Segundo o ICNF²³- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, neste território podemos identificar elementos rochosos, minerais, fósseis, falhas, dobras, formas de relevo e sequências sedimentares ou de solo, conjuntamente e em inter-relação com os processos naturais e ativos. A riqueza do património natural, sobretudo no que se refere ao geomorfológico é muito diversificada, como confirmam Seabra, Paiva, Abrantes, Pereira e Reis (2018) ao se referirem os sistemas montanhosos entre o Douro e o Tejo, onde se encontra a cordilheira central com as serras da Estrela, de Montemuro, do Açor, da Lousã, de Serra de Aire, do Buçaco. Nestes espaços montanhosos encontra-se a paisagem granítica nas Serras do Montemuro, Freita e Caramulo, a paisagem cársica nos Maciços de Sicó e Estremenho e a paisagem glacial na Serra da Estrela; Os Vales de Lafões estão rodeados pelas Serras da Arada e S. Macário e pelos vales das terras de Sicó. Destaque ainda para os Parques naturais, tais como o Geopark Naturtejo da Meseta Meridional, o Parque Natural de Serra de Aire e Candeeiros e a Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto, bem como para os rios Vouga, Mondego e seus afluentes, Alva e Ceira, Zêzere e Tejo. Na região do Litoral são de inegável valor as dunas e os pinhais entre Ovar e Torres Vedras.

²³ <http://www.icnf.pt> (15/9/2019)

Para além das características geomorfológicas, a Região Centro destaca-se pela sua oferta diversifica:

Oferta	Descrição
Gastronomia	caldeiradas, bacalhau, leitão, Vitela à Lafões, pratos de forno e de caça da Beira Interior, Ovos-Moles, Pastéis de Tentúgal, queijo da Serra da Estrela, entre outros
Vinhos	Dão, Bairrada, de Sicó, entre outros
Património Histórico-Cultural	Mosteiros da Batalha e de Alcobaça, o Castelo e Convento de Cristo em Tomar, as Catedrais de Viseu, da Guarda, entre outras e ainda os Castelos do Sabugal, Abrantes, Ourém, Leiria, Pombal, Porto de Mós, Óbidos, Mosteiro e Convento de Sta. Cruz, o Convento Sta. Clara, o Convento do Lorvão, o Museu Nacional de Grão Vasco, o museu Machado de Castro, o museu Tavares Proença, entre outros
Termalismo	Termas de S. Pedro do Sul, das Felgueiras, Carvalhal, Alcafache, do Vale da Mó, Curia, Luso, Longroiva, Vimeiro, o Hospital Termal e as Termas das Caldas da Rainha, Monfortinho, Caldas de Manteigas, Almeida, Cró, Unhais da Serra e Monte Real
Praias marítimas	Ílhavo, Figueira da Foz, Nazaré, Peniche, Berlengas, Santa Cruz, Foz do Arelho, Formosa e São Martinho do Porto, entre outras
Religioso	Destaca-se o Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima embora seja uma região com muita oferta de espaços de culto religioso.

Tabela 5 – Oferta da Região Centro

Fonte: Eusébio (2006), adaptação própria

Santos e Cunha (2007), que temos vindo a citar reiteram, portanto, a diversidade da Região Centro, desde o seu Património Natural ao Património Cultural. Esta diversidade poderá sumir-se como um incentivo ao respetivo desenvolvimento económico, proporcionando diversas atividades (de lazer e desportivas) a partir dos recursos e da componente infraestrutural que estão ao dispor dos residentes e dos turistas neste território.

3.2 O papel regional da oferta turística, em função da procura e das tendências de consumo.

Relacionando a nossa proposta com as entidades presentes no território (Governo Central – CCDRC Entidade Regional do Turismo do Centro – Municípios – Associações) o domínio do turismo está assegurado conforme se expõe na tabela abaixo:

Tipologia	Produtos Turísticos Intermunicipais (PTI)						Produtos Turísticos Regionais			
Vetores	Cultura, História Património			Saúde Natureza e Bem Estar		Científica e Tecnológica	Cultura, História e património		Saúde Natureza e Bem Estar	
Operações	Turismo Cultural	Gastronomia e Vinhos	Turismo Religioso	Turismo Náutico	Turismo Montanha	Turismo Negócio	Roteiro Marcas Históricas	Roteiro Cerâmica e Vidro	Roteiro Lã	Roteiro Água
Região de Aveiro										
Região de Coimbra										
Região de Leiria										
Médio Tejo										
Beira Baixa										
Beiras e Serra da Estrela										
Viseu										
Oeste										

Tabela 6 - Matriz da distribuição de produtos na Região de Coimbra e Leiria.

Fonte: Entidade do Turismo Centro de Portugal (9/8/2019)

Como podemos aferir pela sistematização realizada pela Entidade do Turismo do Centro de Portugal, o território está direcionado para a oferta de turismo cultural, gastronómico e vínico, turismo religioso, turismo de montanha e para os roteiros de marcas históricas e da água. Com estes dados podemos direcionar a promoção e comunicação segundo, a Estratégia do Turismo-Centro 2020²⁴, para os produtos assinalados de forma a garantir coerência em conformidade com o Plano de Marketing do Turismo da Região do Centro, que atua em três dimensões:

1. Posicionamento e ativação da Marca do Turismo Centro, para contribuir para a consolidação e convergência de esforço de promoção regional, promovendo o reforço da sua visibilidade e a adesão dos operadores públicos e privados regionais, consolidando-o e alargando o seu impacto comunicacional;

²⁴<https://turismodocentro.pt/wp-content/uploads/2018/07/Plano-de-Atividades-e-Or%C3%A7amento-2019.pdf> (9/8/2019)

2. Reforço de notoriedade dos territórios turísticos da região promovendo a articulação da estratégia de comunicação regional com a promoção territorial de escala sub-regional;
3. Promoção dos produtos turísticos de âmbito regional e intermunicipal organizando-os e divulgando-os junto dos potenciais consumidores (visitantes e turistas), mas também junto das entidades de medição, distribuição e prescrição, reforçando a sua presença em toda a cadeia de valor turística.

Neste seguimento, o projeto centra-se nestes três pontos, com o objetivo de dar notoriedade ao território para que possamos assistir a um crescimento no fluxo turístico, aumentando o número de dormidas e a estada média.

Como podemos aferir na figura 7, de 2017 a 2018, houve um crescimento económico na utilização de alojamentos turísticos apenas no município de Soure, enquanto que os restantes mantiveram os valores do ano de 2017. Concluimos, portanto, que não houve alteração no fluxo turístico no território, constatação que reforça a necessidade de promoção do mesmo.

Na pesquisa realizada também foi possível verificar que a Região Centro, onde se insere a Região de Sicó, a estada média do mercado interno é de 1,6% e do mercado externo 1,9%, como podemos aferir nas figuras 8 e 9. Nesta estatística estão incluídos todos os estabelecimentos (hoteleiros, aldeamentos e apartamentos turísticos).

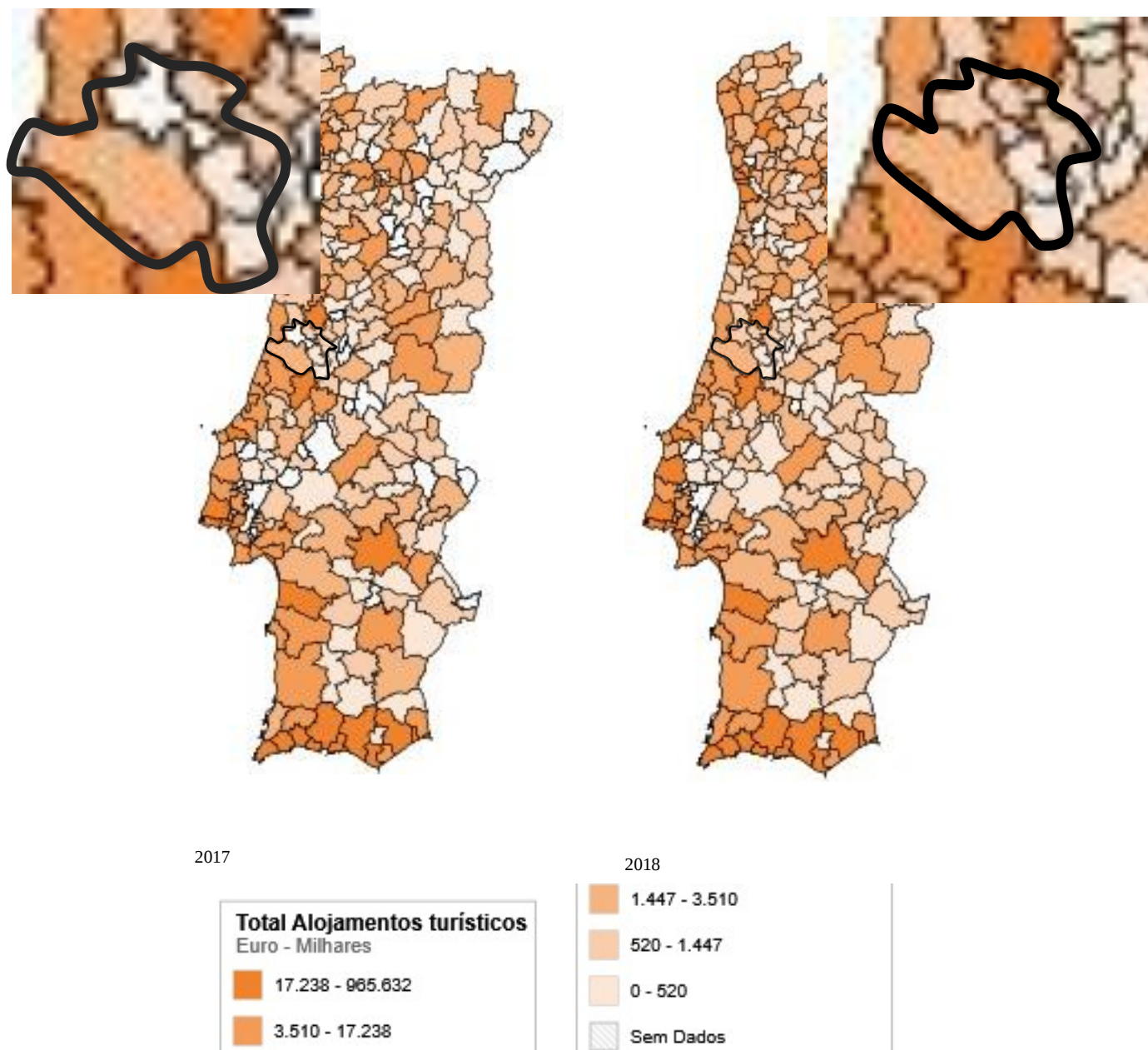


Figura 7: Total de Alojamentos Turísticos Região de Sicó

Fonte: <https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-PT/Paginas/sustentabilidade.aspx> (10/10/2019)

Se os alojamentos são importantes para nos fornecerem dados quantitativos permitindo perceber o numero de estadas, também ilações que estes indicadores nos fornecem poderão ser claras e concisas.

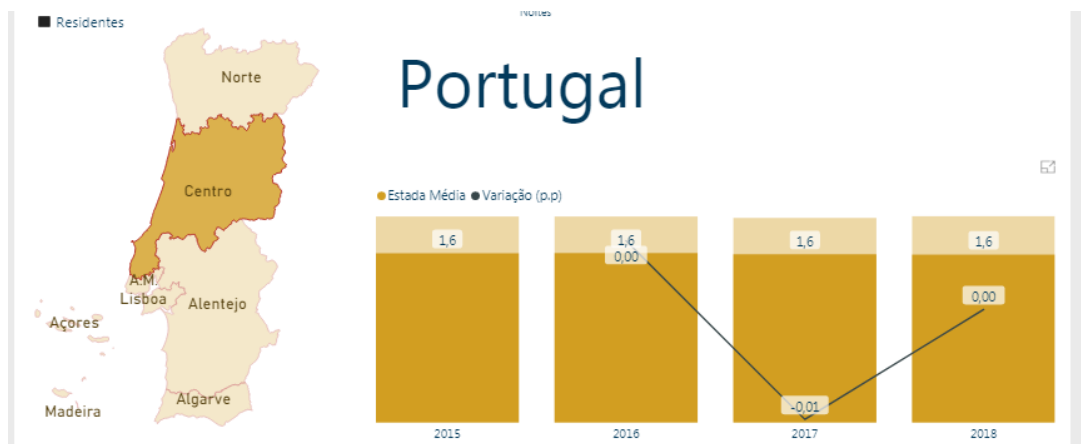


Figura 8: Estada média do mercado interno na Região Centro em 2018

Fonte: <https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-PT/Paginas/sustentabilidade.aspx> (10/10/2019)

Como se observa na figura seguinte, estes dados permitem estabelecer critérios de gestão turística adequados

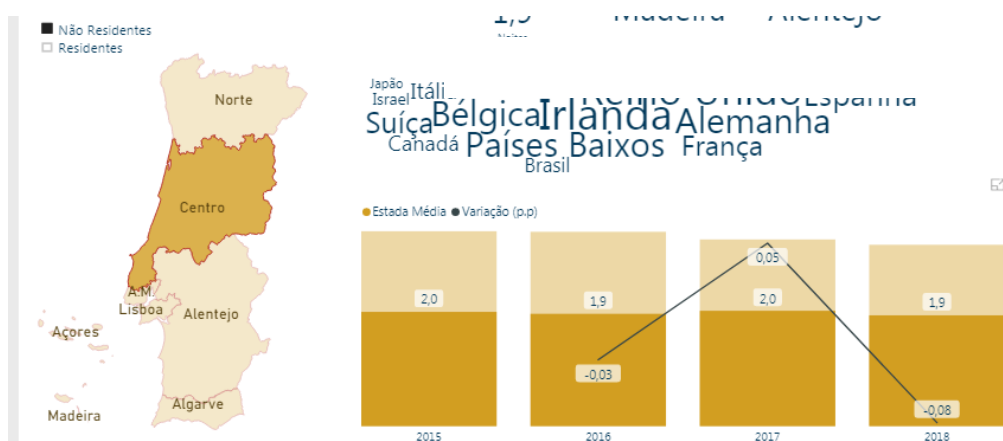


Figura 9: Estada média do mercado externo na Região Centro em 2018

Fonte: <https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-PT/Paginas/sustentabilidade.aspx> (10/10/2019)

Segundo este relatório, a estada média, resultante de viagens turísticas de residentes e não residente está muito próxima, sendo assim devemos focar a nossa marca para o mercado interno e externo, com o objetivo de aumentar 10% a estada média num período de cinco anos. Segundo os dados do INE as dormidas na Região Centro resultaram principalmente de viagens por motivo de “lazer, recreio ou férias” (49,1%); o “alojamento fornecido gratuitamente por familiares ou amigos” foi o meio de alojamento que concentrou o maior número de dormidas em 2018 (41,4%), revelando-se a principal opção nas viagens em território nacional (44,5%), como podemos aferir na figura 10. Os dados INE, na figura

11, permitem concluir que o turista que visa o lazer, recreio ou férias, é sobretudo estrangeiro, sendo também o que mais consome (82,3%); o que menos consome é aquele que visita a familiares ou amigos (43,5%). Entre os turistas internos, os que mais consomem são os que são motivados por razões profissionais e de negócio (49,6%). No que se refere ao turismo de lazer, recreio ou férias o consumo aponta para os 36,1%.

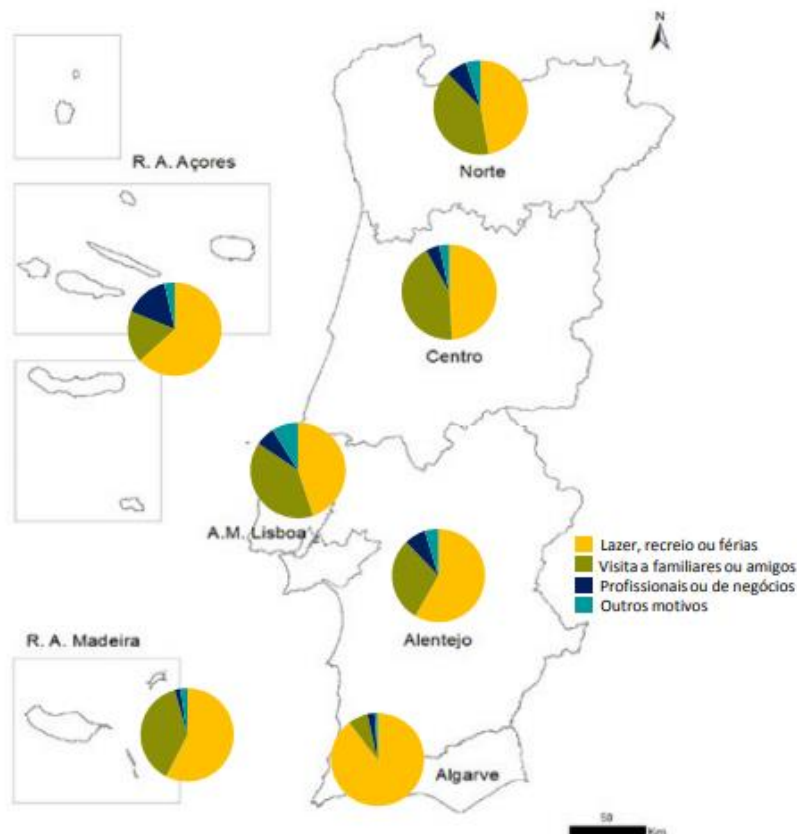


Figura 10: Repartição das dormidas por motivação dos turistas
Fonte: INE (10/10/2019)

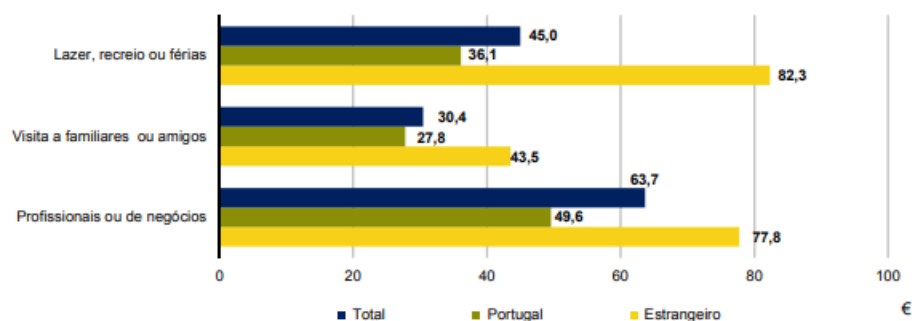


Figura 11: Despesa média diária por turista em relação aos motivos de viagem
Fonte: INE (10/10/2019)

A Região de Sicó tem oferta para o turista de lazer, recreio e férias, pelas estruturas existentes no território (praias marítimas e fluviais, atividades culturais e infraestruturas de hotelaria, restauração entre outras) como podemos aferir no anexo 2 e 3. Para que seja verdadeiramente potenciada, como se deseja, o território tem de ter visibilidade e ser mais atrativo, sendo que este projeto visa apontar linhas estratégicas precisamente nesse sentido.

3.3 Linhas orientadoras do turismo Centro

Atualmente o Turismo de Portugal tem desenvolvido uma estratégia nacional devidamente articulada no continente e nas ilhas, mas igualmente apostada na internacionalização. A Estratégia 2027²⁵, tem uma estratégia para os próximos 10 anos direcionada para:

Pessoas - Promover o emprego, a qualificação e valorização das pessoas e o aumento dos rendimentos dos profissionais do turismo;

Coesão - Alargar a atividade turística a todo o território e promover o turismo como fator de coesão social;

Crescimento em valor - Ritmo de crescimento mais acelerado em receitas vs dormidas.

Turismo durante todo o ano - Alargar a atividade turística a todo o ano, de forma a que o turismo seja sustentável

Acessibilidades - Garantir a competitividade das acessibilidades ao destino Portugal e promover a mobilidade dentro do território.

Procura - Atingir os mercados que melhor respondem aos desafios de crescer em valor e que permitem alargar o turismo a todo o ano e em todo o território.

Inovação - Estimular a inovação e empreendedorismo.

Sustentabilidades - Assegurar a preservação e a valorização económica sustentável do património cultural e natural e da identidade local, enquanto ativo estratégico,

²⁵ <https://www.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/estrategia/estrategia-turismo-2027.pdf>
(8/8/2019)

bem como a compatibilização desta atividade com a permanência da comunidade local.

Simplificação - Simplificar a legislação e tornar mais ágil a administração.

Investimento - Garantir recursos financeiros e dinamizar o investimento.

De acordo com as nossas expetativas de trabalho de campo e a partir dos dados aqui apontados, entendemos ser possível orientar o processo de criar valor no turismo de forma mais consciente. O papel dos institutos politécnicos nesta matéria é evidente, sobretudo para criarem conhecimento passível de ser aplicado ao processo de desenvolvimento sustentável dos territórios. O conhecimento sobre os municípios permite que tenhamos uma visão de conjunto face ao novo propósito de informação: valorização do território através do turismo.

O Orçamento do Turismo Centro de 2019²⁶, baseia-se em três áreas de intervenção estratégica: a Marca, os Destinos e os Recursos e Produtos. Também a proposta de marca “SICÓ Turístico-Cultural para todos” tem cabimento nesta estratégia nacional.

O Plano de Marketing da Entidade do Turismo Centro²⁷, tem um modelo que se pode adaptar nos territórios, assente em sete pilares:

1. A sustentabilidade e coesão territorial;
2. Desenvolvimento e qualificação de produtos / posicionamento
3. Desenvolvimento e qualificação da oferta / agentes turísticos
4. Marketing, promoção e comercialização
5. Internacionalização e dinamização dos mercados externos
6. Empreendedorismo, inovação e diferenciação
7. Investigação, desenvolvimento e formação.

Nos territórios de interior estão consideradas oito iniciativas para o desenvolvimento territorial de base comunitária, conforme de descreve:

1. O envelhecimento com qualidade
2. Inovação da base económica

²⁶<https://turismodocentro.pt/wp-content/uploads/2018/07/Plano-de-Atividades-e-Or%C3%A7amento-2019.pdf> (8/8/2019)

²⁷<https://turismodocentro.pt/wp-content/uploads/2017/03/Plano-de-Marketing-TCP-Analise-InternaExterna.pdf> (8/8/219)

3. Capital territorial
4. Cooperação transfronteiriça
5. Relação Rural-Urbana
6. Acessibilidade digital
7. Atratividade Territorial
8. Abordagem, redes e participação

Ainda no plano de Marketing do Turismo do Centro, a sua aplicação prática está estruturada por quatro pilares aqui considerados:



Figura 12: Pilares do Marketing da região centro.

Fonte: Entidade do Turismo do Centro de Portugal (7/8/2019)

No seguimento desta estratégia elaboramos ainda o quadro que se segue, mais direcionado para o território de Sicó (os seus municípios que tratamos); Cultura, Saúde, Ciência e Turismo Residencial são os campos mais evidenciados.

Cultura História e Património	Turismo Científico e Tecnológico
Gastronomia distintiva Eventos e festa populares Zonas de interesse Arqueológico Marcos históricos Património imaterial Património material	Conferências científicas internacionais Património tecnológico Museus de Ciência
Saúde, Natureza, Bem-Estar e Mar	Turismo Residencial / <i>Lifestyle Migration</i>
Termas /SPA Fé /Religião /Peregrinação Infraestruturas Desportivas Serra Praias Marítimas e Fluviais	Este ponto, até a data não é explorado

Tabela 7 - Pilares do Marketing da Região Sicó que sustenta a Marca que propomos.

Fonte: Elaboração Própria

Dentro dos campos atrás assinalados para a região Centro, observamos que os produtos estabelecidos, no Plano de Marketing para o território em estudo se centra no turismo de natureza como podemos ver na figura que se segue.

Delegação \ Produto	Gastronomia e Vinhos	Turismo Saúde	Turismo Residencial	Turismo Náutico	Turismo Natureza	Golfe	Turismo Neg.	Estádios de e duração em cidade	Circuitos turísticos religiosos culturais	Sol e mar
Ria de Aveiro	Bacalhau, ovos-moles, pão-de-ló de Ovar, leitão, enguias, espumantes, mirtilo	Spa; Termas da Curia; Termas Vale de Mó		Moliceiro, Surf, Ria de Aveiro (t. náutico de recreio)	Reserva natural Dunas de São Jacinto, Praia de São Jacinto, Ria de Aveiro, Rio Vouga, salinas, Salreu-Canelas (obs. aves)		Eventos desportivos de negócios (Miss Sumol Cup – surf, Triatlo urbano) Conferências internacionais – economia do conhecimento		Rota da Arquitetura, Universidade de Aveiro, Rota dos faróis (Barra), museus	Praias Oceânicas (total de 11) – Praia da Barra, Praia da Costa Nova; Praia de Cortegaça; Praia da Torreira; Praia de S. Jacinto. Praias Fluviais (total de 3) – Praia do Areinho, Praia do Monte Branco e Praia da Quinta do Barco.
Coimbra	Chanfana, Leitão à Bairrada	Hospital de Coimbra Termas do Luso		Albufeira da Aguiçeira (t. náutico de recreio)	Serras do Buçaco, Açor, Lousã e Sicó, Rio Mondego (destaque para a foz), Rio Zêzere, Aldeias do vito		Conferências internacionais – economia do conhecimento		Universidade de Coimbra, Biblioteca Joanina Conimbriga, Sé Velha, Sé Nova	Praias Oceânicas (total de 16) – Praia de Mira, Praia da Tocha, Praia de Quiaios, Praia de Ruarcos e Praia da

Figura13: Produtos turísticos por delegação: perspectiva sintética da análise interna.

Fonte: Plano Marketing do Turismo Centro (para melhor visualização <https://turismodocentro.pt/wp-content/uploads/2017/03/Plano-de-Marketing-TCP-Analise-InternaExterna.pdf>) (8/8/2019)

Como se observa, a Entidade do Turismo do Centro considera apenas o Turismo de Natureza para a Região de Sicó que nos afigura escasso e portanto entendemos que esta visão carece de atualização e de maior profundidade. Tendo em vista o contributo que fomos desenvolvendo para essa atualização, propomos o seguinte quadro de referência, que consideramos atualizado com base no trabalho de revisão da literatura e do trabalho de campo que realizamos para produzir este estudo.

Destino Produto	Gastronomia e Vinho	Turismo de Saúde e bem-estar	Turismo Natureza	Estadias de curta duração em cidade	Circuitos turísticos religiosos e culturais	Sol e mar	Turismo de negócio
Alvaiázere							
Ansião							
Condeixa							
Penela							
Pombal							
Soure							

Tabela 8 - Produtos turísticos: análise interna

Fonte: Elaboração Própria (com base no trabalho de campo)

Com base na oferta a partir da qual se estrutura o quadro acima, verificamos que existem recursos no território para além dos se referenciam no Plano de Marketing do Turismo Centro. Com esta interpretação, podemos direcionar a Região de Sicó em três importantes vetores que permitiram a dinamização destes territórios criando um fluxo entre a Oferta e a Procura e vice-versa, com efeitos estruturalmente duradouros:

Vetor 1 - A Internacionalização: com especial destaque para o território da continuidade geográfica (Espanha);

Vetor 2 - A aposta no Marketing, Profissionalização, Modernização e Racionalização da Promoção: com especial destaque para o referencial de intervenção criado pela atividade de formação no setor, que contribui para requalificação dos recursos;

Vetor 3 - A Investigação: a Região Centro dispõe de um grande número de equipamentos científico, dos mais conceituados no espaço nacional e internacional, sendo imprescindível olhar de forma prospetiva para a investigação, no sentido de potenciar a inovação e a diferenciação do território na sua múltipla oferta.

Consideram-se as relações estabelecidas entre os atores tendenciosas e o que argumenta Reis (2005).

“O território para que olham os economistas, os sociólogos, os planejadores é um território relacional. A ideia de que, nas sociedades contemporâneas, os territórios são matrizes quer sublinhar esta sua permanente condição relacional: perante a ordem relacional que os forma, isto é, as interações que estruturam a sua ordem interna, e perante a ordem relacional externa, ou seja, as interações que estruturam o mundo,

que não é o lado exterior dos territórios, mas antes um todo de que eles mesmos fazem parte, como categorias próprias.” (p.61)

Defato, as interações são fundamentalmente fruto das sinergias criadas.

Transpondo esta perspetiva estruturante para a Estratégia Territorial e tendo como referência o nosso estudo de caso definem-se na figura que se segue os Eixos essenciais e respetivos conteúdos, aplicados às Pessoas, que também afetam positivamente a nossa proposta.



Figura14: Eixos e linhas de atuação
Fonte: Estratégia 2027 (8/8/2019)

Prosseguido dentro da análise a esta estratégia da autoridade territorial, os eixos estratégicos são os seguintes:

ATIVO ÚNICO TRANSVERSAL		
1. PESSOAS		
ATIVOS DIFERENCIADORES	ATIVOS QUALIFICADORES	ATIVOS EMERGENTES
2. Clima e luz 3. História, cultura e identidade 4. Mar 5. Natureza 6. Água	7. Gastronomia e Vinhos 8. Eventos artístico-culturais, desportivos e de negócio	9. Bem-Estar 10. Living - Viver em Portugal

Figura 15: Ativos Estratégicos
Fonte: Estratégia 2027 (8/8/2019)

Como observamos na última figura e pela análise feita na Região de Sicó, esta tem como ativos diferenciadores: o clima e luz (clima mediterrâneo); História, cultura e identidade (vestígios desde a pré história aos nossos dias); mar (Praia do Osso da Baleia); água (recursos hídricos que passam no território). Nos ativos qualificadores temos a Gastronomia (vinho de Sicó, pratos típicos da região, doçaria entre outros); eventos artístico-culturais, desportivos e de negócio (festivals gastronómicos, festas regionais, trails, percursos pedestres, centro de negócios de Ansião, entre outros). Nos ativos emergentes bem-estar (o silêncio e as ofertas de empreendimentos na região com SPA, os mercados de Sicó e as Aldeias Calcárias).

Utilizando as palavras de Taleb Rifai, a linha orientadora da Estratégia do Turismo 2027 é direcionada para as Pessoas - receber bem em Portugal não é mero comportamento ditado pelo marketing: é cultura, é atitude, é identidade. Unificar numa vocação universalista que traduz um genuíno interesse por conhecer outras culturas, valorizar a diferença e o entendimento com outros povos; a nossa vontade e capacidade de valorizar as relações humanas, expressa na forma de nos relacionarmos com os outros é consistentemente reconhecida por quem nos visita. As pessoas são, assim, um ativo único e transversal, com particular importância no Turismo – uma atividade de pessoas para pessoas. Conforme este tipo de articulação e como refere o Secretário Geral da OMT anteriormente citado no texto «*The best of Portugal are the Portuguese*» apresentado em fevereiro de 2017²⁸ estas preocupações são importantes.

3.4 Ícones dos Municípios da Região Centro

Na proposta da Marca “SICÓ Turístico-Cultural para todos”, escolhemos utilizar o termo iconicidade porque nos afigurou como mais adequado.

A escolha da terminologia simbólica e, portanto, do termo «ícone» permite-nos argumentar e fundamentar melhor os recursos e os destinos turísticos que queremos destacar porque, a marca tem o mote “turístico-cultural”. Eco (1976), refere que a iconicidade é um

²⁸<https://www.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/estrategia/estrategia-turismo-2027.pdf>
(8/8/2019)

signo icônico com as mesmas propriedades que o seu objeto: é parecido com o objeto que representa, é análogo ao objeto que ele representa, é “motivado” pelo objeto, é “arbitrariamente codificado” e é “motivado” pelo objeto. Referenciamos esta interpretação simbólica para nos focarmos nos ícones como elementos de que o turismo pode e deve apropriar-se. Segundo o autor, a iconicidade é a fabricação de uma realidade perceptiva pelo produtor do signo e pelo observador. Nesse sentido, na semiótica da comunicação de Eco, todo e qualquer signo, seja icônico ou não, depende das convenções culturais que imprimem marcas na percepção dos falantes e na representação dos signos em sociedade. Na visão de Eco, a semelhança não é mais do que um fator cultural ligado às experiências individuais e sociais dos interlocutores. Adaptar esta designação ao turismo pareceu-nos lógica.

Segundo Alexander (2017), os ícones são significativos e traduzem uma ideia que se torna material. O ícone passa a ser algo concreto, no tempo e no espaço, que consequentemente passa a ter um significado social e se torna um modelo com significância. As diferenças endógenas dos territórios, regiões e locais são fontes de atração e captação de turistas, podemos falar de territórios icônicos. Lousada e Ambrósio (2017) referem o relevo enquanto um “(...) dos fatores de diferença e de reconhecimento de estruturas simbólicas que conferem identidade exclusiva a cada lugar, fundamentadas na revalorização e na reinvenção do passado, do património, da memória, das tradições, do folclore, do artesanato, da gastronomia...” (p. 499). Figueira (2013), refere que os ícones nas regiões são uma mais-valia para os territórios, daí a importância da iconicidade identitária, como cunho e imagem de cada local, dando-lhe valor de uso para a apropriação turística dos territórios e dos seus recursos, tanto humanos como materiais. Assim, reforçado por Mello e Netto (2016)

“Do mesmo modo, o olhar do turista é uma representação simbólica calcada em convenções sociais do mundo turístico, por conseguinte nada neutra. Assim sendo, a representação visual do olhar do turista é constituída de “três níveis semióticos - iconicidade, indexicalidade e simbolicidade - e estão “indissolivelmente conectados e intrinsecamente urdidos” (SANTAELLA, 2000, p. 193). Isso nos leva a entender que o olhar está estruturado por signos visuais, tais como, fotografias, pinturas,

esculturas, etc., mas mais do que isso, explica as razões de Urry (2001) afirmar que o sentido que organiza o turismo é visual.” (p. 9)

De seguida e considerando esta nossa definição, decidimos arriscar nesta visão e elaborar uma matriz conforme a tabela 19 em anexo, que foi considerado no quadro, “Níveis de iconicidade municipal – Base: Sítios municipais (consultados entre junho e julho 2019). A intenção é destacarmos aqueles que, a nosso ver, são mais relevantes no conjunto. A metodologia de pesquisa baseou-se na pesquisa, através da web, em cada sítio municipal; com esses dados eletrónicos organizamos uma matriz dos sítios municipais, a qual, consta no anexo 1 da tabela 19. Como se observa, valorámos o sítio dos municípios pesquisados, definindo um nível de atração entre 1 e 5 (1 básico e 5 muito sofisticado); depois relacionamos o ícone (atrativo mais exposto no sítio) com os resultados da pesquisa pela terminologia institucional dada a cada atrativo que aqui consideramos como ícone. Por fim, pesquisámos apenas o tema da Gastronomia e obtivemos os resultados da coluna da direita, destacando os atrativos gastronómicos mais evidenciados em cada sítio. Podemos concluir com esta metodologia expedita que, caso se aprofundasse ainda mais este tipo de recolha de dados, os ícones seriam, certamente, os que estão aqui mais referenciados e, certamente, outros mais. É curioso como alguns dos sítios pesquisados não incluem as expressões “Turismo” e “Visitar”. Um estudo mais alargado certamente facultará mais dados e, portanto, acrescentará mais valor à região. Na continuidade deste projeto pensamos poder alcançar também este objetivo.

3.5 Iconicidade no território de Sicó: o que revelam os sítios eletrónicos municipais

Se a iconicidade do território é uma imagem mental do objeto e garante uma referência real do mesmo de maneira representativa, ela tem um papel importante na escolha dos elementos a integrar numa experiência turística. Cabral (2017) refere que a paisagem pode definir a iconicidade de um local e, daí, criar valor cultural e histórico, definindo uma identidade territorial. Esta tem uma marca forte, que pode ser utilizada na divulgação da região. Nascimento e Steinke (2018) salientam o passado e o presente como estando em contato direto, de forma contínua, no mesmo espaço. Sendo uma forma de preservar a

memória, a paisagem e a cultura do território em que vivemos são fundamentais. Para um melhor conhecimento do território temos de valorizar o património gastronómico. Tal como refere Moreira (2006), no processo turístico é importante estimular o património da gastronomia local intrínseco de cada território concreto com características naturais e culturais. Podemos reforçar que a gastronomia local representa uma valorização do património e da cadeia de valor da economia local. Esta valorização vai do local, regional e nacional até à escala internacional.

Da análise feita na região centro, que observamos na tabela 19 em anexo, estreitamos e utilizamos os ícones referenciados na mesma matriz para a iconicidade da Região de Sicó.

Sítio	Divulgação municipal		Atrativo 1 a 5	Ícone	Resultados	Gastronomia	Resultados
Alvaiázere	X		2	Carvalho Cerquinho	43700	Chícharo	701000
Ansião		X	3	Complexo Monumental de Santiago da Guarda	81200	Lesma	2090
Condeixa-a-Nova	X		4	Ruínas de Conimbriga	28400	Escarpadinha	2490
Penela		X	3	Castelo de Penela	243000	Queijo do Rabaçal	33200
Pombal		X	3	Castelo pombal	8190000	Arrubação	1920
Soure	—	—	1	Castelo de Soure	1040000	Biscoitos de azeite de Soure	5750

Tabela 9 : Ícones da Região de Sicó

Fonte: Elaboração própria

Na análise feita tivemos em conta a notoriedade do produto e como explorá-lo no projeto, sendo cada um destes referencia a outros produtos que no território, também são vocacionados para o consumo turístico

3.6 Redes materiais e imateriais no Território de Sicó: a mobilidade da marca

A região é composta por Via Expressa (A) por Itinerário Complementar (IC), Estradas Nacionais (EN), Estradas Regionais (ER), Estradas Municipais (EM) e Caminhos Municipais (CM) e ainda pela Linha Ferroviária do Norte. A figura 16 mostra as redes viárias

em todo o território, evidenciando os Itinerários Principais. Assim, reforçado por Antunes et al (2008):

“De entre as vias estruturantes, as vias distribuidoras principais representam a classe que tem como função principal fazer a ligação das vias colectoras às redes locais ou, em eixos estruturantes onde não se justifica a existência de vias colectoras, a ligação entre espaços de importância média.” (p.10)

Para poder compreender melhor a distribuição das redes nos territórios visitaram-se os locais identificados, concluindo-se que poderemos usufruir do território de uma forma circular, de forma a que o visitante/turista, onde quer que pernoite possa visitar os locais seleccionados. As redes viárias são incontornáveis na indústria do turismo, combinando o sistema de transporte e as características do território aqui tratado, permitindo a sua visita fácil. Como explica Pereira e Kahil (2006), as redes que fazem parte do espaço geográfico possibilitam a movimentação no território, dando “vida” aos elementos fixos do mesmo. Assim, reforçado por Mafra e Silva (2004), as infraestruturas de transportes e comunicações são instrumentos valiosos na interconexão entre os territórios, entre as zonas centrais e as periféricas e os centros urbanos e o espaço circundante.

As redes estabelecem um fluxo de procura e de oferta que integra os meios rodoviários, ferroviários, fluviais e marítimos, como podemos observar na figura que se segue:

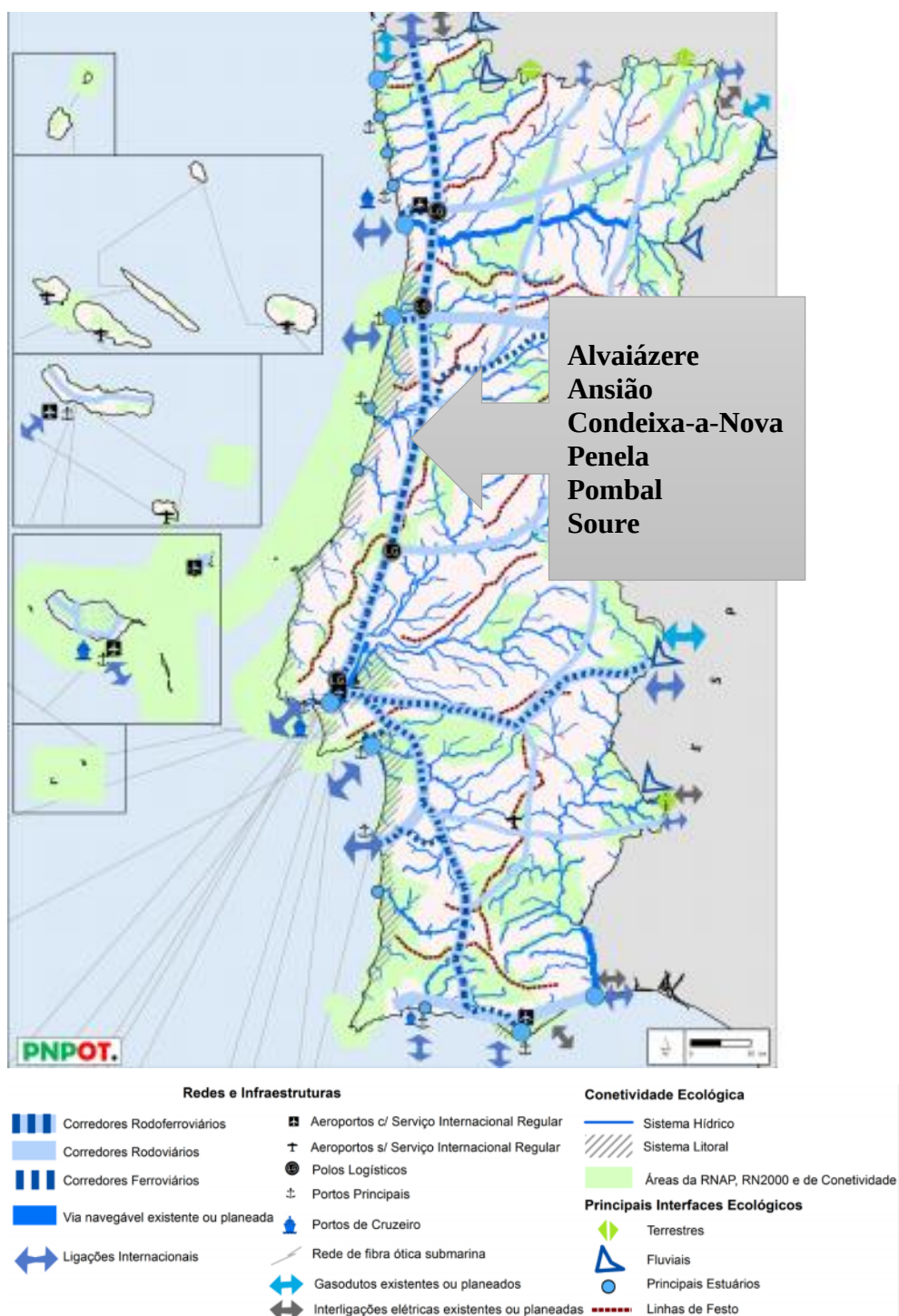


Figura 16: Sistema de Conetividade do Modelo Territorial

Fonte: PNPOT (2018) com adaptação própria (inclusão dos municípios) (15/10/2019)



Figura 17: Principais Vias Viárias

Fonte: Google Maps com adaptação própria

O território dispõe, de tal como referido anteriormente, de várias infraestruturas que permitem a deslocação, mas o acesso aos grandes centros urbanos (Lisboa, Portos, Aveiro, Coimbra) é feito, pela A1, A23 e A17. Depois dentro do território a deslocação é feita por: IC, EN, ER, EM e CM. Nesta perspetiva consideramos o seguinte itinerário de visitaçoão adotado pela marca no sentido de proporcionar um percurso circular de automóvel. Nas indicações assumimos este guia de visitaçoão:

- Condeixa – Reserva Natural do Paul de Arzila (11,1Km): saímos de Condeixa pela IC2 e apanhamos a EN 347 e depois a EM607 até a EM605 até à aldeia de Arzila.
- Reserva Natural – Soure (20,8Km): saímos da reserva pela EM605, e retomamos a M607 e depois apanha-se a N342 até Soure
- Soure – Pombal (19,7Km): saímos de Soure pela EM 589, até à IC2 até à cidade de pombal.
- Pombal – Praia do Osso da Baleia (33,4Km): saímos pela IC2, até à IC8 e saímos para a N342 e depois a N109.
- Pombal - Serra de Sicó (14,8Km): saímos pela IC8 até a EN237 com direção à serra de Sicó

- Serra de Sicó – Complexo Monumental de Santiago da Guarda (9,9Km): saímos da serra e dirigimo-nos pela EM526 até Santiago da Guarda.

- Complexo Monumental de Santiago da Guarda Ansião (6,8Km: saímos pela CM1087-2 até à vila de Ansião.

- Ansião – Serra do Anjo da Guarda (9,8Km): saímos pela EN348 até à a CM1065 até à serra.

- Serra do Anjo da Guarda –Alvaiázere (7,3Km): saímos pela CM1065 até à CM1063 depois encontramos a EN348 Até Alvaiázere.

- Alvaiázere – Nossa Senhora dos Covões (3,4Km): vamos pela CM1118 até a Capela

- Nossa Senhora dos Covões – Miradouro da Serra (3,5Km): vamos pela CM1118 até ao miradouro.

- Miradouro da Serra – Moinho de Vento Avanteira (13,9Km): vamos pela CM1118 até EN356, até M590 até a Avanteira.

- Avanteira-Alvaiázere (14,2Km): vamos pela CM590, até EN356 e depois até EN348 até a vila de Alvaiázere

- Alvaiázere - Praia Fluvial da Louçainha (36,9Km): saímos pela CM1108 até A13 e saímos na EN347 e dirigimo-nos pela CM639 até à Praia fluvial.

- Praia Fluvial da Louçainha - Penela (12,5Km): saímos pela CM639, até a EN347 em direção à EN110 em direção a Penela.

- Penela- Rabaçal (6,4km): vamos pela M563 até ao destino

- Rabaçal- buracas do Casmilo (8,5km): vamos pela N347-1, depois dirigimo-nos pela M609 até ao destino

- Buracas do Casmilo - Condeixa (9,1Km): amos pela M609 até à IC2 até Condeixa.

Nas acessibilidades do território podemos ainda verificar a oferta das redes ferroviárias²⁹ existentes. As estações que permitem o acesso direto à região são: estação de Pombal com ligação do Alfa Pendular, Intercidades, Regional, Inter-regional e Internacional; de Soure, com ligação Regional e Inter-regional; de Alfarelos, com ligação Urbanos de Coimbra, Alfa Pendular, Intercidades, Regional e Inter-regional. No acesso ao território são

²⁹ <https://www.cp.pt/passageiros/pt> (20/10/2019)

também importantes os terminais rodoviários³⁰ de Pombal e Condeixa-a-Nova. Como reforça Tão (2018), as acessibilidades são um instrumento importante, na ligação entre a oferta e a procura turística.

Para uma melhor compreensão e contextualização do território, temos de ter em consideração as comunicações entre os diversos pontos turísticos, não só viárias, mas também institucionais. Neste sentido, Schneider (2017) reforça a importância da comunicação entre as cidades, regiões e países; a comunicação influencia, para além dos seus moradores, os turistas, pois os espaços precisam de comunicar com todos os intervenientes e estruturas, para uma efetiva valorização do território.

3.7 Estruturas existentes no Território de Sicó

A Região de Sicó de Sicó, para além das estruturas viárias, apresenta infraestruturas que permitem usufruir de várias atividades de entretenimento, produtos, serviços e alojamento. Estas permitem a dinamização e desenvolvimento social, económico, cultural, ao mesmo tempo que potenciam o lazer e o turismo. Assim, de acordo com Mafra e Silva (2004:36), as economias rurais têm potencial de desenvolvimento através da diversificação de atividades e de apoios infraestruturais como já referidos. Desta forma constroem-se “capacidades locais através das delegações de poderes em actores locais, do desenvolvimento de lideranças e de programas de desenvolvimento comunitário.”

Como refere o Glossário do Desenvolvimento Territorial, o território inclui um conjunto de estruturas que influenciam a distribuição de pessoas e atividades. Kastenholtz (2008) salienta a dificuldade da conciliação, pois o produto é simultaneamente suporte geográfico de atividades e “(...) um produto complexo, incluindo um conjunto de atividades, produtos, serviços e infra-estruturas que servem as funções residencial, económica, social, cultural, de lazer e turismo” (p.3). Recorrendo ao trabalho de campo e a pesquisas na *internet*, podemos assegurar que o território tem as infraestruturas necessárias para um território dirigido para o turismo: oferece infraestruturas básicas de qualidade e bons acessos. Está ainda estruturado com espaços lúdicos e culturais, hotéis, restaurantes, entre outros.

³⁰ <https://www.rede-expressos.pt/> (20/10/2019)

Para a estruturação da marca “Sicó Turístico-Cultural para todos”, de forma a ter uma noção geral do potencial do território do ponto de vista cultural e natural, para que o turista possa tirar o máximo partido do território, as principais ofertas no território são:

Condeixa	Pombal	Ansião	Soure	Alvaiazere	Penela
. Posto de Turismo . Buracas do Casmilo . Nossa Senhora do Círculo . Ruínas de Conimbriga . Museu Monográfico de Conimbriga . PO.RO.S Portugal Romano em Sicó . Reserva Natural do Paul de Arzila	. Posto de Turismo . Castelo de Pombal . Museu Marques de Pombal . Museu de Arte Popular Portuguesa . Convento do Lourical . Paia do Osso da Baleia . Nossa Senhora da Estrela	. Posto de Turismo . Complexo Monumental Santiago da Guarda . Serra do Anjo da Guarda . Parque Verde / Olhos de Água de Ansião	. Posto de Turismo . Castelo de Soure . Paul da Madriz	. Posto de turismo . Museu Municipal . Capela dos Covões . Serra de Alvaiazere . Moinho de Vento de Avanteira	. Posto de Turismo . Villa Romana do Rabaçal . Castelo de Penela . São João do Deserto . Praia da Louçainha . Pedra Frida

Tabela 10: Oferta na Região de Sicó (nos seis municípios deste projeto)

Fonte: Elaboração própria

Como se demonstra, a região de Sicó possui oferta diversificada, podendo direcionar a mesma, conforme as tendências turísticas de consumo.

Capítulo 4 - Proposta de intervenção

4.1 A escolha do território – Terras de Sicó

Selecionou-se, para intervenção, o território da Região de Sicó porque a sua localização está diretamente relacionada com as suas especificidades culturais e pelo conhecimento que detenho do mesmo, o qual se deve ao estudo continuado que venho a realizar sobre a região desde que iniciei este ciclo de estudos. Pretende-se, então, criar o conceito de um ícone territorial com o intuito de valorizar a marca SICÓ, ainda que esteja criada A Associação “Terras de Sicó” e o projeto “Villa Sicó”. Estas duas designações estão sobretudo associadas a questões relacionadas com financiamentos e com a divulgação da

romanização no território. O projeto que aqui se apresenta visa potenciar a atratividade turística, valorizando o território. Segundo José Reis (2015), o território deve ser analisado enquanto espaço com um papel ativo e interveniente. Neste sentido, é importante o que Mourão e Roca (2003) argumentam:

“A valorização da "autenticidade", "adaptabilidade", "estabilidade" e/ou "diversidade" da identidade territorial, presentes ou potenciais, tornou-se quase que a panaceia das políticas de desenvolvimento local e regional na União Europeia e em Portugal, particularmente nas áreas rurais periféricas e outras menos desenvolvidas. Contudo, o discurso em prol da afirmação da identidade territorial não tem sido adequadamente traduzido na prática, sendo muito raros ou inexistentes os exercícios metodológicos e os estudos sobre este tema, e sobre as mudanças ocorridas. Isto deve-se, em larga escala, à ambiguidades conceptuais e à falta de aprofundamentos empíricos sobre as características mutáveis da identidade territorial e suas relações com a nexa local/global.” (p. 103)

A Associação Terras de Sicó³¹ está vocacionada para o desenvolvimento territorial da Região de Sicó. Por ser assim, esta região tem conquistado alguma projeção como imagem de marca do território intermunicipal, com a finalidade de potencializar os recursos endógenos, o desenvolvimento sustentável e a divulgação do património, tal como refere Silva (2019). Podemos constatar no sítio Terras de Sicó, o seguinte:

“A TERRAS DE SICÓ foi uma aposta clara na organização dos agentes privados em torno das atribuições e competências públicas, originando um projeto de território e uma marca de referência com o objetivo de afirmar o território. Esta associação tem por objetivo o desenvolvimento local e das suas populações, concentrando esforços

³¹ <http://www.terrasdesico.pt> (4/8/2019)

no marketing global, no estudo e promoção de produtos turísticos, na organização de espaços e novas oportunidades de mercado, na generalização e diversificação de pequenos investimentos nos vários sectores da economia, do social e da cultura.”

Como se poderá observar, a estratégia dentro da associação é clara e descrita com detalhe como se segue no seu Plano de Atividades Plurianual, associação Terras de Sicó, tem orientado a sua estratégia nos seguintes eixos de intervenção a que associamos o contraposto da nossa proposta de marca:

Eixos	Estratégia das terras de Sicó	Projeto: SICÓ Turístico-Cultural para todos
1. Eixo valorização dos produtos endógenos:	1.1. A organização dos produtores e criação de associações de base produtiva	Mapeamento de produtos endógenos, para associar à Marca Sicó Turístico Cultural
2. Eixo território enquanto destino turístico:	2.3. Requalificação e valorização de espaços públicos e património natural	Valorização e Requalificação das Reservas Naturais e espaços florestais
	2.4. Requalificação e valorização do património construído	Destaque para o património (castelo, museus entre outros)
	2.5. Requalificação e valorização do património arqueológico	Melhoramento de visitação aos locais arqueológicos
3. Eixo requalificação dos recursos humanos e inovação:	3.2. Formação profissional para Guias Turísticos	Sensibilização dos atores para a valorização do território
	3.3. Formação integrada com carácter inovador de suporte às novas tecnologias	Aplicativo de divulgação do território
4. Eixo cooperação territorial e transnacional:	4.1. Projetos de desenvolvimento integrado de âmbito sub-regional	Agregar os seis municípios

Tabela 11: Estratégia das Terras de Sicó/Projeto

Fonte: Elaboração própria

Na dinamização do território, associação Terras de Sicó incluem vários projetos de parcerias de desenvolvimento tais como: Parceria com o Museu Monográfico de Conímbriga; Projeto "Villa Sicó"³²; Grande Rota 26 (GR 26); Lojas Sicó Gourmet; Parque Temático do Eixo Romanização e também os projetos referenciados na entrevista estruturada para os autarcas, que inclui a rede das Aldeias de Calcário, a denominação de paisagem

³² <http://www.villasico.com/descobrir/patrimonio-romano> (20/9/2019)

protegida de Sicó e os mercados de Sicó. Todos estes projetos inseridos na associação, têm por objetivo o desenvolvimento e a promoção da Região de Sicó.

Para além destes projetos urge refletir sobre os recursos e instrumentos, nomeadamente os digitais, que possam valorizar a marca “SICÓ Turístico-Cultural para todos” como instrumento de divulgação da marca territorial. Gaio e Gouveia (2007) assumem que:

“(…) os fatores críticos da sucesso que contribuem para o processo de definição das estratégias de construção das marcas proporcionando a um dado território os mecanismos de competitividade que mobilizem no eu contexto atividades económicas e sociais que permitam aos territórios existir a uma escala global.” (p. 10)

A marca tem o objetivo de promover o território através da construção e afirmação de uma imagem forte e positiva, apoiada numa oferta da Linha Defensiva do Mondego³³ que está estruturada de forma uniforme e apelativa, como se pode ver em anexo, na figura 22. Parece-nos, assim, evidente que será importante criar uma marca homogénea, diferenciadora, relevante, distinta e credível para o território e para os utilizadores, de forma a identificar rapidamente a região e os produtos de Sicó. Atualmente, cada município, destino ou produto endógeno tem a sua imagem, apenas fazendo referência à região de Sicó; ora, não pode ignorar-se que a procura é influenciada pela capacidade de oferta dos destinos e pela divulgação e promoção dos produtos turísticos.

4.2 Linhas de planeamento e ação

Numa primeira fase do projeto desenvolveu-se uma pesquisa de conceitos direcionados para o mesmo, com o objetivo de o estruturar de forma lógica. A parte conceptual foi direcionada para o turismo de território, sendo que os dados recolhidos permitiram perceber o potencial da região das Terras de Sicó.

³³ <http://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/a-linha-defensiva> (10/10/2019)

Objetivos	Plano de ação
Área de estudo	Território de Sicó
Mapeamento de pontos turísticos	Com base na informação dos Postos Turísticos e da pesquisa na <i>internet</i> , realizamos uma visita aos locais referenciados, tivemos ainda em conta o seu valor patrimonial, cultural, social e ambiental.
Avaliação expedita de acessibilidades	Nos locais avaliamos as acessibilidades, com recolha fotográfica
Com base na avaliação escolha dos pontos turísticos mais acessíveis e atrativos	Após a avaliação, selecionámos os pontos de maior interesse, acessíveis e com valor patrimonial
Proposta	Compilamos a informação e estruturamos a Marca Sicó-Cultural tendo em conta a identidade visual da região, caracterizada pela forte imagem geomorfológica.

Tabela 12: Síntese do projeto

Fonte: Elaboração própria

Numa primeira fase do projeto foi realizada uma pesquisa de conceitos, com o objetivo de o estruturar de uma forma lógica. A parte conceptual foi direcionada para o turismo e para o território e os dados recolhidos no terreno permitiram perceber o potencial da região das Terras de Sicó.

Missão: Valorização e notoriedade do território;

Visão: Até 2025 a marca “SICÓ Turístico-Cultural para todos” deverá ser reconhecida e permitir facilmente identificar os produtos endógenos, o património cultural e o património natural, assumindo-se a região como um território acessível;

Valores: A marca pretende, como referido, ser reconhecida como destino de excelência e inclusivo;

Objetivos: Criar notoriedade no território e atrair turistas.

Como defendo a FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia³⁴ devemos ter em consideração:

“O aprofundamento do conhecimento existente e a criação de novo conhecimento científico- bem como a identificação das necessidades de inovação – deverão contribuir, num horizonte de médio e longo prazo, para um desenvolvimento das atividades associadas ao turismo, ao lazer e à hospitalidade, de uma forma decisiva

³⁴ https://www.fct.pt/agendastematicas/docs/Agenda_Turismo_Final.pdf (15/9/2019)

e inquestionavelmente sustentável, acessível, inclusiva e coesa, tornando Portugal um destino turístico competitivo no panorama internacional.” (p.20)

Para criar esta marca, é necessário deter um conhecimento profundo do território, das suas necessidades e potencial para conseguir a efetiva promoção. Desta forma é possível exaltar os fatores diferenciadores na Região de Sicó. É essencial, ainda, sensibilizar o poder local para o melhoramento das infraestruturas por forma a tornar este território mais inclusivo.

4.3 Fatores diferenciadores no Território como enquadrante da Marca SICÓ Turístico-Cultural para todos

Com base na exposição do capítulo anterior, teremos de ter em conta os ativos estratégicos da ET2017, como surgem na figura que se segue:

ATIVOS ESTRATÉGICOS	ATIVOS DIFERENCIADORES	Atributos-âncora que constituem a base e a substância da oferta turística nacional, reunindo uma ou mais das seguintes características: 1. Endógenos – que refletem características intrínsecas e distintivas do destino/território, que possuem reconhecimento turístico internacional e/ou elevado potencial de desenvolvimento no futuro; 2. Não transacionáveis – que são parte de um destino/território concreto, não transferíveis para outro local e não imitáveis; 3. Geradores de fluxos – que estimulam a procura.
	ATIVOS QUALIFICADORES	Ativos que enriquecem a experiência turística e/ou acrescentam valor à oferta dos territórios, alavancados pelos ativos diferenciadores do destino.
	ATIVOS EMERGENTES	Ativos que começam a ser reconhecidos internacionalmente e que apresentam elevado potencial de crescimento, podendo no futuro gerar movimentos de elevado valor acrescentado e potenciar o efeito multiplicador do turismo na economia.

Figura 18 : Ativos estratégicos

Fonte: ET2027 (8/8/2019)

1. Ativos diferenciadores:

- endógenos - o Queijo do Rabaçal, o Licor de Chicharro, o mel, a ruralidade, as tradições, entre outros;
- não transacionáveis: as características geomorfológicas e paisagísticas e o património cultural e arqueológico;

- que geram fluxo: a tranquilidade e silêncio, as florestas mediterrânicas e a oferta cultural.

2. Os ativos qualificadores: o Museu PO.RO.S; a oferta hoteleira no território (Pousada Conimbriga Hotel do Paço, Duecitânia Design Hotel, Ansiturismo & Spa, Palace Hotel & SPA Termas do Bicanho), a simbiose entre a comodidade e a natureza, as paisagens rurais, entre outros.

3. Ativos emergentes: as Aldeias Calcárias, a paisagem protegida de Sicó, os mercados de Sicó e o turismo inclusivo.

Considerando que o território inclui fatores diferenciadores e que os podemos tornar atrativos e impulsionadores da distinção identitária de cada território, estamos perante uma conjectura específica do planeamento territorial e da administração pública. Estes fatores podem ser decisivos para a recuperação e preservação do património natural e arquitetónico dos territórios e ainda para recuperar os hábitos, usos e costumes já perdidos no devir tempo. Podem ainda ser dinamizados os diversos produtos regionais para a diferenciação das regiões.

Como afirma Orlando Simões (2003), uma grande variedade de termos é utilizada para descrever as atividades turísticas em áreas rurais e naturais: “Turismo no Espaço Rural”, “Turismo de Natureza”, “Turismo Sustentável”, “Ecoturismo”, “Turismo Ativo” ou “Turismo de Aventura”.

Com base na exposição poderemos considerar, que como uma estratégia de marketing ativa e atrativa poderemos ter um território forte no mercado turístico. Para um melhor conhecimento deste foi necessário percorrer o território e avalia-lo de uma forma expedita.

4.4 Matriz de avaliação da saída de campo

Com o objetivo de criar um itinerário a partir de recursos locais, para que lhes seja atribuído um papel estratégico no que concerne ao desenvolvimento territorial, procedeu-se à seleção de destinos em cada um dos seis municípios. A partir desta seleção criou-se uma rede na qual assenta uma marca forte e apelativa que identifica a Região de Sicó. Na definição desta estratégia que visa a atratividade da região, teve-se em consideração a perspetiva de Pollice e Rosario (2011):

“Entende -se como a orientação atractiva do sistema turístico local aquela que deriva da dotação de recursos territoriais (factores de atractividade), e do sistema de fruição, que com base neles foi construído. A orientação atractiva de facto, responde aos objectivos de adequação da atractividade do território à procura dos fluxos turísticos actuais e em perspectiva. Tudo isto demonstra que a configuração turístico-atractiva e estrategicamente coerente se reflecte nas necessidades dos fluxos turísticos que se quer atrair.” (p. 124)

Elaborou-se, para o efeito, uma matriz que permite reunir os atrativos de cada município com o objetivo de compreender a sua funcionalidade, numa perspetiva de visitação turística do território. Foram, então, considerados os seguintes critérios para a elaboração da matriz:

1. Acessibilidade – Para o efeito considerou-se se cada atrativo está perto de uma via de comunicação rodoviária, ferroviária e se é servido por rodovias que permitam a rápida chegada ao destino. Foi também analisado se existe zona de estacionamento e se esta contempla lugares de estacionamento para pessoas com mobilidade reduzida; foi ainda considerada a acessibilidade para plena fruição do atrativo em análise;
2. Notoriedade visível – Avaliou-se se cada atrativo está bem sinalizado (através de placas turísticas e de orientação rodoviária);
3. Visibilidade – Registou-se se para o visitante existem poucos ou nenhuns obstáculos ou se porventura não é de todo visível;
4. Conteúdo – Analisou-se se as descrições estão orientadas para diversos públicos e se cumprem com os requisitos exigidos;
5. Comunicação – Avaliou-se se o atrativo comunica os seus valores patrimoniais com o visitante/turista.

Segue-se o modelo da matriz elaborada para a avaliação dos pontos turísticos seleccionados no território, a qual surge personalizada com imagens de cada atrativo no anexo 3:

Imagem 1			Imagem2	
Local:				
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades			Comunicação	
Notoriedade			Visibilidades	
			Conteúdos	
Legenda:	1 Pouco significativo	3 Bastante significativo	5 Excelente	
	2 Suficientemente significativo	4 Muito significativo		

Tabela 13: Exemplo de matriz do trabalho de Campo

Fonte: Elaboração própria

Conforme foi explicado no texto dedicado à metodologia, que agora recordamos, os critérios para avaliar os atrativos considerados foram inicialmente escolhidos por pesquisa na *internet*. Finalizada essa pesquisa procedeu-se a uma investigação no terreno: dirigimo-nos aos postos de turismo de cada município e preenchemos uma ficha de campo com auxílio das informações recolhidas, de fotografias e do material promocional disponibilizado. Foi elaborada então uma grelha para cada atrativo, no caderno de campo, com os seguintes parâmetros: “Destino”, “Oferta”, “Acessibilidade”, “Avaliação expedita” e Observações”. Esta classificação foi conjugada com a matriz de avaliação para compreender o potencial de cada atrativo e a sua relação com os seis municípios que configuram o eixo principal deste projeto: a oferta da região de Sicó numa perspetiva de desenvolvimento de produtos de turismo cultural.

		Acessibilidades				
Destino	Oferta	Ac.	Par. Acessível	Não Ac.	Av. Expedita	
Condeixa	Posto de Turismo	X			4	Facilidade de acesso; balcão acessível; não tem no perímetro lugar reservado a pessoas com mobilidade reduzida.
	Buracas do Casmilo		X		2	É possível a visita de carro até às buracas e usufruir do espaço, apesar do chão ser em gravilha. Não é possível o contato direto com as Buracas por pessoas com mobilidade reduzida, sendo só possível a observação.
	Nossa Senhora do Círculo			X	1	É possível acesso até ao parque de estacionamento, mas não é possível a visita e observação das Buracas por pessoas com mobilidade reduzida, nem usufruir do espaço da capela. O portão do parque encontra-se fechado e o acesso aberto tem escadas e é de difícil acesso.
	Ruínas de Conimbriga			X	1	Acesso às ruínas com inclinação não adequada e piso irregular não permite a visita. O bar não é acessível pelo exterior, apenas pelo interior do museu monográfico.
	Museu Monográfico de Conimbriga	X			4	Apresenta 2 lugares reservados a pessoas com mobilidade reduzida, mas o piso não é adequado; balcão de bilheteira adequado; WC para deficientes apenas no exterior; visita acessível ainda que o balcão de atendimento não seja adequado a pessoas com mobilidade reduzida.
	PO.RO.S Portugal Romano em Sicó	X			5	Tem 1 lugar reservado a pessoas com mobilidade reduzida apesar de o chão ser em gravilha; o acesso é adequado para pessoas com mobilidade reduzida. Na visita tem objetos que podem ser tocados para a sua

						perceção e sons também para invisuais.
	Reserva Natural do Paul de Arzila		X		2	Não tem lugar reservado a pessoas com mobilidade reduzida. O chão é irregular e com inclinação inadequada, mas com auxílio é possível a visita até à Vala do Monte. Falta informação vertical que permita aos visitantes acederem à Vala.
Pombal	Posto de Turismo			X	1	Está localizado no Castelo, que não é acessível a pessoas com mobilidade reduzida
	Castelo de Pombal					Não é possível o seu acesso, nem ao exterior, porque o parque é muito inclinado e não é possível apreciar a vista para a cidade.
	Museu Marques de Pombal	X			5	Este tem rampa de acesso e uma plataforma elevatória nas escadas; legendas em braile; a visita é acessível; tem WC para pessoas com mobilidade reduzida.
	Museu de Arte Popular Portuguesa	X			4	Tem rampa de acesso; a visita é acessível; tem WC para pessoas com mobilidade reduzida; a referir que o acesso à exposição temporária não é acessível pois tem 4 degraus, mas o espaço dos serviços educativos é acessível a pessoas com mobilidade reduzida.
	Convento do Lourçal		X		2	Acesso por rampa, mas que inicia com um degrau; não tem lugar reservado para pessoas com mobilidade reduzida.
	Praia do Osso da Baleia	X			4	Praia acessível; tem quatro lugares reservados para pessoas com mobilidade reduzida e o parque de merendas também é passível de utilizar.
	Nossa Senhora da Estrela		X			Local parcialmente acessível; é possível usufruir da paisagem, mas não é possível a visita à capela; não tem local reservado para pessoas com mobilidade reduzida

Ansião	Posto de Turismo					Posto de turismo parcialmente acessível, pois não tem rampa e o balcão não é acessível a pessoas com mobilidade reduzida
	Complexo Monumental Santiago da Guarda					No perímetro há lugar reservado a pessoas com mobilidade reduzida. Espaço encerrado à data da visita, mas permite a sua visita ao espaço exterior;
	Serra da Portela ou Serra do Anjo da Guarda	X			4	Espaço do ciclo do pão acessível, mas a zona do moinho de vento é parcialmente acessível, não é possível ir ao interior do moinho.
	Olhos de Água de Ansião / Parque Verde					Espaço com lugar para pessoas com mobilidade reduzida. O local é visitável.
Soure	Posto de Turismo			X	1	Não acessível.
	Castelo de Soure	X			4	No perímetro próximo não há lugar reservado para pessoas com mobilidade reduzida, mas é acessível.
	Paul da Madriz					Falta de informação.
Alvaiazere	Posto de turismo	X			4	Há um lugar reservado a pessoas com mobilidade reduzida e acesso pela parte traseira do edifício; Sem identificação exterior; Balcão de atendimento inadequado.
	Museu Municipal	X			4	Sem lugar reservado a pessoas com mobilidade reduzida; Acesso com rampa, embora com lacuna no acesso ao interior e às exposições, pois as janelas de correr têm uma concavidade inadequada. Ainda assim é possível aceder ao espaço com auxílio. Tem elevador que permite o acesso a todo o edifício; Balcão inadequado; WC adaptados.
	Capela dos Covões		X		2	É possível a sua contemplação, mas com dificuldade de acesso pelo piso de acesso ao seu interior. Não é possível visitar a Lapa da Nossa Senhora da Memória. Falta de informação.

	Serra de Alvaiázere		X		2	É possível a contemplação no ponto mais alto da serra, embora não seja possível usufruir plenamente da mesma pelas suas características naturais; Falta de informação.
Penela	Posto de Turismo					Tem dois lugares reservados para pessoas com mobilidade reduzida; acesso ao posto turismo com rampa; balcão não acessível.
	Villa Romana do Rabaçal		X			É possível a visita do centro de interpretação, embora o acesso ao primeiro andar tenha de ser feito pelo exterior, por rampa; não tem lugar reservado, mas tem WC. As ruínas são parcialmente acessíveis pelas características do solo e o acesso tem um degrau; não tem lugar de estacionamento reservado.
	Castelo de Penela		X		2	É possível a visita ao interior do Castelo, mas não é possível usufruir do todo o espaço.
	São João do Deserto		X		2	Espaço sem lugar reservado, mas é possível usufruir da vista, apesar da tipologia do terreno; o miradouro é inacessível, por ser composto por escadas em betão irregular; tal como a Capela.
	Praia da Louçainha	X			5	Praia já certificada como acessível
	Pedra frida			X	1	Espaço não acessível

Tabela 14: Matriz da avaliação de Campo

Fonte: Elaboração própria

Desta forma estruturou-se um conjunto de informações determinantes para a definição deste projeto.

Capítulo 5 - Projeto: SICÓ Turístico-Cultural para todos

5.1 Marketing territorial do projeto “Sicó Turístico-Cultural para todos”

Kotler (2002), refere que os territórios têm o objetivo de atrair turistas, fábricas, sedes de empresas e novos residentes; os profissionais de marketing, por seu turno, são

especialistas em desenvolvimento económico, agentes imobiliários, desenvolvem trabalho para bancos comerciais, associações comerciais locais e agências de publicidade e trabalham ao nível das relações públicas. Assim, é pertinente fazer uma análise da relação entre marketing e território. Na conjuntura atual é pertinente avaliar e estudar o mercado tendo por base as alterações verificadas nos últimos anos. Segundo Ferreira (2009), no turismo verificamos mudanças nos comportamentos e nas motivações, que se refletem nas inúmeras ofertas (turismo de recreio, turismo de repouso, turismo cultural, turismo de negócios, entre outros). O conhecimento profundo das tendências e dos segmentos de mercado (já existentes e novos), tem um papel importante para um planeamento estratégico de destinos turísticos eficiente, com o objetivo de desenvolver mais atrativos turísticos. O marketing territorial tem um papel fundamental para alcançar a melhoria ambiental, sociocultural, institucional e económica desejada. Neste sentido, perante a existência de um território que necessita de ser ‘vendido’, constata-se a necessidade de atrair o público-alvo, provocando-lhe desejo e curiosidade pelo local. Assim é pertinente criar uma estratégia de marketing e uma marca que se destaque dos restantes territórios, desenvolvendo uma marca territorial forte e atrativa.

Segundo Eshuis, Braune e Klijn (2014), o Marketing Territorial é uma ferramenta de marketing nos territórios, numa conjuntura do país, região ou localidade. Nunes (2011), reforça esta ideia ao salientar que a localização geográfica, o clima e os recursos naturais, a história, a cultura, os valores sociais, os atores públicos e privados e as políticas, entre outros, são fatores de diferenciação dos territórios em relação aos seus concorrentes. É determinante, então, a individualidade e as características distintas de cada lugar, promovendo assim a diferenciação e a valorização dos produtos endógenos intrínsecos dos territórios, sendo estes diferenciadores na criação de uma marca forte e atrativa para a promoção territorial com base na comunicação. Importa, pois, comunicar a imagem do território, interna e externamente, de forma a reforçar o seu posicionamento no mercado. Neste sentido Kastenholz (2008)³⁵ reitera que:

³⁵ <http://www.minhaterra.pt/IMG/pdf/JornalPL53.pdf>- O Pessoas e Lugares - Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+ tem por objetivos divulgar e promover o LEADER+, assim como reforçar uma imagem positiva do mundo rural. (17/9/2019)

“(…) defende-se que cada território aplica, de forma mais ou menos consciente, sistemática e adequada, ferramentas de marketing, procura atrair residentes, investidores e visitantes e criar uma “imagem de marca” que resulta, de modo indirecto, em mais-valias num conjunto de áreas de actuação, sejam elas económicas, sociais ou culturais. Assim, importa compreender que os territórios competem, actualmente à escala global, por habitantes, actividades e recursos, existindo, para além disso, até concorrência no interior dos próprios espaços geográficos.” (p.3)

Assim, reforçamos que devemos direccionar a marca “SICÓ Turístico-Cultural para todos” para o território pelas suas dinâmicas intrínsecas (económicas, sociais ou culturais) por forma a ampliar o público alvo.

5.2 Público-Alvo

Como refere Frazen e Oliveira (2015), as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida têm limitações que devem ser combatidas com adaptações especiais nos locais de destino, para que possam ser o mais autónomas possível (sendo essencial garantir as condições básicas de acessibilidade), desfrutando dos espaços públicos e privados de forma segura. As adaptações dos espaços nos destinos turísticos são tão importantes para quem os visita como para quem é visitado, podendo oferecer locais de convívio em sociedade. Carvalho e Domingues (2014) referem que um estudo realizado pela Comissão Europeia em 2003 aponta que existem 50 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência na europa e mais de 500 milhões no mundo. Dessas pessoas, 70 em cada 100 querem e/ou podem viajar. Refere-se ainda que entre essas 70 pessoas cada duas com incapacidade exigem a presença de acompanhante. É determinante, então, tornar os destinos turísticos mais acessíveis para aumentar o número de turistas e para que todos os públicos possam usufruir destes. Almeida, Costa e Martins (2017:26) referem:

“O investimento no novo nicho de mercado dos turistas com deficiência poderá ter um efeito multiplicador pois, normalmente, este tipo de turista não viaja só, contribuindo para aumentar o número de clientes em função dos acompanhantes. Outro fator importante é que esse nicho de mercado costuma ter mais dias prolongados de estada, de forma a compensar o transtorno da deslocação, tornando-se um ponto positivo para os destinos turísticos. De acordo com Carvalho (2015), a fidelidade desse público é bastante elevada, por ser difícil encontrar locais que ofereçam bons serviços e atendam às condições especiais que esse público requer.” (p.26)

Com o objetivo de estruturar a oferta selecionamos destinos que fossem no mínimo parcialmente acessíveis, construindo a tabela seguinte:

Destino Produto	Oferta
Alvaizere	Museu Municipal Serra de Alvaizere Nossa Senhora dos Covões
Ansião	Complexo Monumental de Santiago da Guarda Olhos de Água de Ansião / Parque verde Serra da Portela ou Serra do Anjo da Guarda
Condeixa	Museu PO.RO.S Museu Monográfico de Conimbriga/ Ruínas Reserva Natural do Paul de Arzila Buracas do Casmilo
Penela	Castelo de Penela Espaço-Museu da Villa Romana do Rabaçal/ Villa Romans Rabaçal Serra do Espinhal Praia da Louçainha
Pombal	Castelo de Pombal Museu Marquês de Pombal Museu Marquês de Pombal Praia do Osso da Baleia
Soure	Castelo de Soure

Tabela 15: Oferta na Região de Sicó

Fonte: Elaboração própria

5.3 Conceptualização do Projeto

Foram identificados diversos recursos culturais dos seis municípios, de forma a potenciar o interesse turístico pela Região de Sicó. Esta região beneficiaria com o aumento do conhecimento em “rede” das ofertas turísticas. Assim, este projeto pretende sensibilizar também o poder político, população e intervenientes para os pontos fortes do território. De acordo com Gonçalves (2005), qualquer estratégia turística:

“Deve mobilizar o interesse por conhecer, sentir, usufruir o território por parte de outras pessoas para além dos que são residentes (sendo estes a maioria das vezes protagonistas na representação quotidiana dessas formulações identitárias). O objectivo é somar as forças inerentes à imagem de cada um dos lugares, vilas, cidades, concelhos, para que o traço comum a todos (imagem da global da rede) tenha conteúdo suficiente para poder ser “vendida” como um destino turístico.” (P.13)

Descrevemos, de seguida, com base nas suas características naturais e nas estruturas existentes, ao nível da natureza, saúde, bem-estar e cultura, os pontos turísticos que se seguem:

Concelho	Pontos turísticos	Descrição
Alvaiázere	Museu	Espaço que assume a preservação e divulgação da identidade alvaiazerense, projetado na exposição permanente “Tempo, Espaço e Memória” e “Fragmentos em diálogo” – mostra arqueológica que representa a ocupação deste território desde o Paleolítico até à Idade Média
	Serra de Alvaiázere	Local panorâmico onde se pode ter uma vista do território de 360° e assim ter uma perceção de todo o território de Sicó. Podemos observar as características geológica e geomorfológica. É possível observar Serra de Aire, as Serras de Sicó, Monte de Vez e Lousã.
	Capela de Nossa Senhora dos Covões	É um templo religioso do século XVIII, implantado na Serra de Alvaiázere, que se caracteriza pela sua singularidade. Esta capela é conhecida pela lapa de N. Sra. da Memória que se situa na escadaria de acesso à capela
Ansião	Complexo Monumental de Santiago da Guarda	Monumento nacional desde 1978. Caracterizado por uma Torre e residência Senhorial, sendo o único exemplar de arquitetura manuelina no concelho; é uma villa tardo-romana dos séculos IV e V composta por mosaicos riquíssimos.
	Olhos de Água de Ansião/ Parque Verde	A nascente do rio Nabão está localizada junto à vila de Ansião. Trata-se de uma cavidade acessível por meio de dois poços artificiais, que dão acesso a cerca de 100 metros de galeria. O seio do rio passa na vila onde se requalificou uma área significativa para criar o Parque verde.

	Serra da Portela ou do Anjo da Guarda	Miradouro, no Alto Serra da Portela, também chamada de Serra do Anjo da Guarda. Dá acesso a uma vista sobre toda a região. Pode-se usufruir ainda de infraestruturas relacionadas com o ciclo do Pão e com a Capela do Anjo da Guarda.
Condeixa-a-Nova	Conimbriga	Este espaço tem origem num castro celta da tribo dos Conii, nos finais da Idade do Ferro. Ocupada pelos romanos a partir de 139 a.C. e a sua população foi totalmente romanizada. Foi pelo imperador Augusto, no séc. II d.C. que a cidade conheceu o seu esplendor, tendo sido construídas então termas públicas e um Fórum cuja reconstituição se pode ver no Museu. Com o declínio do Império nos finais do séc. IV, foi elevada uma monumental muralha defensiva, o que não impediu o assalto da cidade pelos suevos, em 468 e o consequente declínio de Conímbriga, que se foi desertificando; os habitantes que restaram deslocaram-se para Condeixa-a-Velha, mais a norte.
	PO.RO.S	Este é um espaço atrativo e inovador, que nos leva numa aventura pela memória da romanização e do legado que perdura até hoje. Há cerca de 2.000 anos os romanos chegaram às Terras de Sicó. No limite do Império, Conímbriga tornou-se num centro verdadeiramente romanizado. A exposição é uma viagem à presença romana nas Terras de Sicó, que dá a conhecer o encontro de culturas que moldou a história do território. A tecnologia estimula os sentidos e dá à exposição um caráter vivo e dinâmico, capaz de aliar conhecimento e entretenimento e, com isso, contribuir para a salvaguarda e divulgação da memória histórica da romanização.
	Reserva do Paul de Matriz	A paisagem reflete o equilíbrio/harmonia resultante da intervenção humana no meio natural. A apreciação da sua qualidade, do seu valor, através do estabelecimento e caracterização de manchas/unidades homogêneas de acordo com determinados critérios, contribui para a avaliação das disfunções existentes, essencial na equação de propostas de ordenamento do território.
	Buracas do Casmilo	Estão localizadas num vale com vertentes abruptas e nuas, onde existem vários abrigos rochosos, as chamadas “buracas”. Este vale apresenta a maior concentração de buracas do país.
Penela	Castelo de Penela	O castelo foi construído sobre um maciço rochoso, aproveitando, no desenho das muralhas, parte da disposição natural dos penedos. No seu interior encontra-se a Igreja de São Miguel e podem também ser vistas sepulturas cavadas na rocha.
	Villa Rabaçal	No centro da vila do Rabaçal pode visitar-se ainda o museu dedicado à villa romana, onde se exhibe o espólio encontrado durante as inúmeras escavações que decorreram no local, nomeadamente os baixos-relevos em mármore.
	Praia da Louçainha	Adaptada das represas naturais da ribeira da Azenha, Localizada na serra do Espinhal, é um espaço balnear muito atrativo.
Pombal	Castelo de Pombal	Planta em forma de escudo com panos de muralha rematados por ameias prismáticas e reforçados nos ângulos e a intervalos regulares por torreões quadrangulares. O acesso fazia-se através de duas portas de arco quebrado, uma a sudeste, entre torreões; outra a noroeste, rasgada já no reinado de D. Manuel e por isso assinalada com os tradicionais símbolos deste monarca: o escudo real, a esfera armilar e a cruz de Cristo. A imponente torre de menagem, quadrangular, dotada de uma base rampeada e com porta ao nível do primeiro andar, ergue-se perto da porta primitiva do castelo. Intramuros são ainda visíveis fundações de construções e as bocas da cisterna. No pano sudoeste rasga-se uma janela dupla em cujo mainel está a pedra de armas dos Sousa Ribeiro, antigos alcaides do castelo. A defesa do castelo era reforçada pela existência de uma barbacã parcial, muito reconstruída pelas obras de restauro do século

		XX. Do lado exterior, na plataforma abaixo do monte onde se ergue o castelo, encontram-se as ruínas de uma segunda cortina, dotada de 3 torreões quadrangulares bem como o que resta de uma capela renascentista pertencente à desaparecida igreja de Santa Maria do Castelo.
	Museu Marques de Pombal	Instalado na antiga Cadeia Velha de Pombal, edifício mandado construir pelo Marquês de Pombal em 1776, reúne um valioso conjunto de peças de valor histórico e artístico que foram pertença de Marquês de Pombal ou que com ele se relacionam. O espólio primitivo tem sido complementado ao longo dos anos e atualmente o acervo do Museu dá ênfase à sua verdadeira identidade, sendo constituído por vários núcleos ligados a Sebastião José de Carvalho e Melo e à História nacional e local do séc. XVIII.
	Museu de Arte Portuguesa	Este encontra-se instalado num edifício pombalino, classificado como Imóvel de Interesse Público, outrora um Celeiro, mandado construir em 1776 pelo Marquês de Pombal para armazenar os cereais que vinham da sua quinta, a Quinta da Gramela. O edifício foi remodelado pela Câmara Municipal de Pombal, num projeto do Arquiteto Reis de Figueiredo, tendo as salas do rés do chão sido recuperadas e adaptadas ao projeto museológico do Museu de Arte Popular, dedicado ao Artesanato.
	Convento do Lourçal	Convento de clarissas, maneirista, com duplo coro, transepto inscrito rematado por cruzeiro. O claustro abre-se a meio do complexo, a norte da igreja.
	Serra de Sicó	Esta serra, com 553 metros de altitude, é um dos magníficos exemplos de paisagem cársica da região e que dá nome a todo o maciço calcário; é composta por extensos campos de lapiás, podendo ser aqui encontradas outras formas cársicas de superfície e de profundidade.
	Praia do Osso da Baleia	Situada na Mata Nacional do Urso, deve o seu nome ao aparecimento de um esqueleto de baleia que, segundo testemunhos orais, terá dado à costa naquele areal no início do século XX. Desde 1998 é considerada Praia Dourada por apresentar valores singulares do ponto de vista geológico, florístico, faunístico, paisagístico e patrimonial. Nesta zona de singular beleza, recentemente recomendada num artigo do canal americano CNN, pode ainda explorar-se a envolvente, bem como alguns aspetos associados à fauna e flora, realizando os percursos pedestres “Trilho da Lagoa de São José” e “Trilho da Baleia Verde”.
Soure	Castelo de Soure	O que resta do Castelo de Soure é o suficiente para revelar uma planta retangular. Das torres que vieram fortalecer a primitiva estrutura restam ainda duas: a de menagem, dotada de alambor pelo exterior e parcialmente arruinada, facto que permite constatar a grossura dos seus muros; e uma outra, no canto oposto, a que se tem acesso por uma porta rasgada ao nível do adarve, em cuja parte de cima se encontra uma pedra (parte de um ajimez) decorada com motivos religiosos, datada da 1ª metade do século XI e naturalmente reaproveitada de um outro edifício.

Tabela 16: Oferta na Região de Sicó

Fonte: Elaboração Própria (com conteúdos adaptados dos sítios eletrónicos municipais)

Com base na informação anterior passamos a análise da marca:



Figura 19: Marca SICÓ Turístico-Cultural para todos

Fonte: Elaboração Própria

Breve descrição:

Avaliação das estruturas e acesso: Acessibilidades das infraestruturas e acessos viários às mesmas

Caraterização e avaliação da atividade turística: Foi feita com base na matriz de avaliação.

Oferta de serviços e atividades: Pesquisa no sítio de *internet* dos municípios e na divulgação recolhida nos postos de turismo.

Potencialidades da Região: Valorização das características cárssicas da região e da sua tranquilidade.

Promoção do território: Promoção da marca territorial (redes sociais, meios online e offline, vídeo promocional; agências de viagens, plataformas digitais, material promocional)

Consideramos estes critérios essenciais para a criação da marca, pois parece-nos evidente que para que a marca seja coerente com o que existe no território devemos ter conhecimento profundo do mesmo.

5.4 Imagem de marca do território e o projeto

Sicó já é uma marca associada ao território. Para aferir a imagem dos governantes sobre o território, com o objetivo de direcionar o projeto para as necessidades do mesmo e para sustentar a nossa proposta, decidimos colocar três questões aos dirigentes das autarquias trabalhadas neste projeto. As questões foram organizadas como se segue:

1. Entende como estratégia a criação de uma rede turística para uma eventual marca “SICÓ TURÍSTICO - CULTURAL”?
2. O município que lidera terá interesse em participar numa rede de suporte àquela marca, com maior visibilidade turística ou a atual é satisfatória?
3. Tem soluções que entenda ajudar-nos a tornar o nosso projeto académico como mais um contributo para a valorização da Região?

Dos seis municípios, apenas um respondeu às questões

No anexo 3 poderemos consultar a resposta dada pela autarca Célia Marques. A resposta pretendia perceber o domínio das medidas políticas autárquicas para o turismo. Assim, considera-se validado o documento que, remetido via e-mail, corresponderá, certamente, à opinião política dos restantes autarcas, facto que validámos através de pesquisas no sítio de *internet* de cada autarquia. O conteúdo da resposta remetida permite perceber a visão autárquica sobre a associação das terras de Sicó e o que se pode melhorar; refere ainda que seria importante incorporar as “Aldeias Calcárias”, os mercados Sicó e a paisagem protegida de Sicó no projeto, o que faz sentido pois são projetos partilhados na Região de Sicó.

5.5 Integração territorial do projeto: enquadramento institucional

Com base nos princípios da Coesão Territorial³⁶, considerando o Diagnóstico Estratégico do território, mantendo presentes os Desafios Territoriais, a política de ordenamento do território para as próximas décadas e os desafios territoriais que foram

³⁶http://pnpot.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/PNPOT_EstrategiaModTerritorial_20Julho2018.pdf
(15/10/2019)

identificados (a que as políticas terão de dar resposta), conclui-se que a integração territorial pode ser um processo. Este processo, no contexto do desenvolvimento integrado, estimula a competitividade para minimizar as dificuldades dos territórios de baixa densidade. Tendo em conta a proposta da Coesão Territorial a nossa proposta consubstancia-se no seguinte:

Diagnostico estratégico	Proposta para o Território Sicó
D1 - Gerir os recursos naturais de forma sustentável	Educação ambiental e boas práticas de todos
1.1 - Valorizar o capital natural	Focar normativos para o uso dos recursos
1.2 - Promover a eficiência do metabolismo regional e urbano	Articular redes sociais e empresariais
1.3 - Aumentar a resiliência socioecológica	Promover modos de produção sustentável
D3 - Promover a inclusão e valorizar a diversidade territorial	Estimular a execução de novos projetos
3.1 - Aumentar a atratividade populacional, a inclusão social, e reforçar o acesso aos serviços de interesse geral	Facilitação de processos produtivos e sociais
3.2 - Dinamizar os potenciais locais e regionais e o desenvolvimento rural face à dinâmica de globalização	Foco na nova realidade de digitalização do mundo rural
3.3 - Promover o desenvolvimento transfronteiriço	Ligação cultural e económica transfronteiriços
D4 - Reforçar a conectividade interna e externa	Redes de projetos de pessoas e produtos
4.1 - Otimizar as infraestruturas ambientais e a conectividade ecológica	Sustentabilidade e a sua pegada ecológica
4.2 - Reforçar e integrar redes de acessibilidades e de mobilidade	Consciencialização para as ações colaborativas
4.3 - Dinamizar as redes digitais	Indústria e turismo digital
D5 - Promover a governança territorial	Integração de todos os atores do território
5.1 - Reforçar a descentralização de competências e a cooperação intersectorial e multinível	Governança e subsidiariedade em rede
5.2 - Promover redes colaborativas de base territorial	Observar os territórios e os seus recursos e possibilidades
5.3 - Aumentar a Cultura Territorial	Com a abertura dos orçamentos participativos e outras inovações

Tabela 17: Proposta para o território de Sicó

Fonte: Elaboração própria com base no PNPOT (15/10/2019)

Com o objetivo de dar expressão ao território, maioritariamente de baixa densidade, parece-nos importante ir ao encontro da Estratégia e Modelo Territorial

5.6 Redes Territoriais, proposta de um percurso turístico acessível

Os territórios de Baixa Densidade, para serem valorizados, precisam de se tornar mais assertivos, daí a importância de se criarem dinâmicas interativas.

As redes territoriais implicam relações espaciais incontornáveis, tais como a sua localização, características e dinâmicas similares – passível de serem observadas nas suas vivências. Neste sentido, o autor Offner (2000) refere a importância das relações entre os territórios (em redes) e a sociedade. Devemos ainda valorizar a ideia de rede no território, pois esta desempenha um papel estruturante e dinamizador para o mesmo. Dias (1996) diz que rede é um sistema organizado, em que se procura uma relação urbanística e territorial entre nações, regiões e cidades.

Na região de Sicó temos dois pontos urbanos (Pombal e Condeixa), que poderão ser os pontos de entrada do fluxo turístico no território. Destes pontos, os visitantes serão direcionados para os aglomerados habitacionais (Alvaiázere, Ansião, Penela, Soure) e daí serem distribuídos pelos pontos turísticos que gravitam na região. Essa distribuição será feita como observamos na figura que se segue:

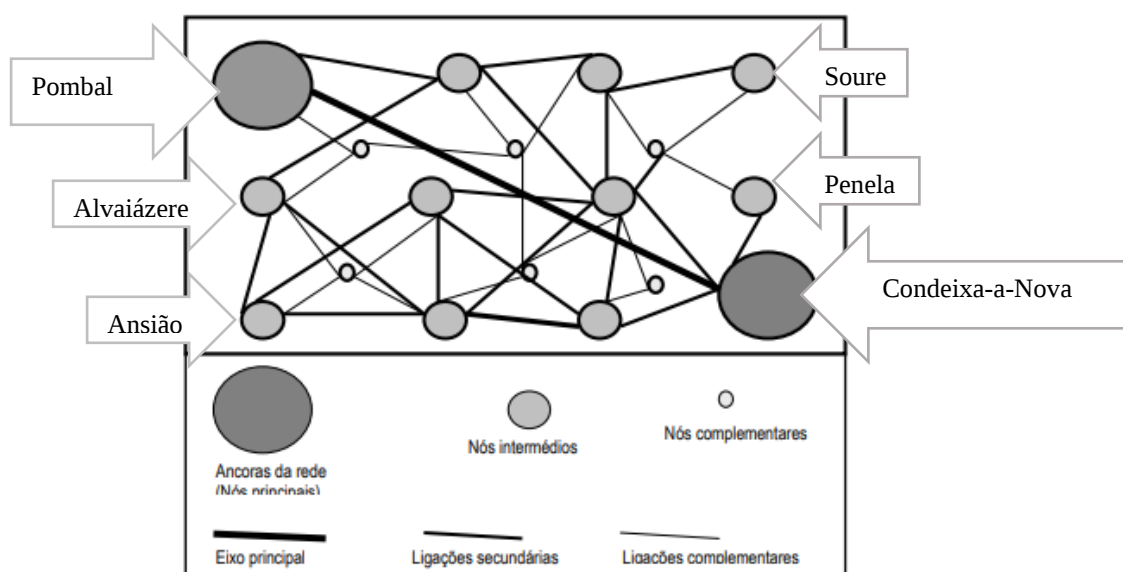


Figura 20: Representação de uma rede de Territórios adaptado ao estudo da proposta
Fonte: Gonçalves (2005)

Capítulo 6 - Análise dos resultados e síntese sobre a abordagem desenvolvida

Será pertinente, no território, recuperar, reativar e atualizar os recursos endógenos da região, procurando sempre valorizar os bens culturais e turísticos de elevado valor,

direcionando o projeto para a inclusão social, desenvolvendo ações para a participação de todos.

A planificação do projeto estrutura-se em três fase:

1ª Fase a curto prazo	2ª fase Medio Prazo	3ª fase Longo Prazo
Estudo dos potenciais do território Criação da marca Lançamento da marca Comunicação com atores do território, dar a conhecer o projeto Publicidade Comunicação com agências e operadores turísticos Analisar o feedback da marca	Outdoors Vídeo promocional Sensibilizar para o valor territorial Analisar o feedback da marca	Aumentar a visitação do território Destacar a marca no Turismo Centro de Portugal Inquéritos de satisfação Criação de aplicação móvel com os pontos de interesse no território Analisar o feedback da marca

Tabela 18: Fases do projeto

Fonte: Elaboração própria

Considerando os recursos associados à marca “Sicó Turístico-Cultural para todos”, com o foco no turismo inclusivo, seguem-se as propostas de ofertas a desenvolver no futuro, a médio e longo prazo:

- Rota cársica (entre 1 a 3 anos);
- Percurso inclusivo (entre 1 a 5 anos);
- Aldeias de Calcário (entre 1 a cinco anos);
- Paisagem protegida de Sicó (entre 1 a 3 anos);
- Os mercados de Sicó (entre 1 a 3 anos).

Será pertinente, no território, recuperar, reativar e atualizar os recursos endógenos da região, procurando sempre valorizar os bens culturais e turísticos de elevado valor, direcionando o projeto para a inclusão social e desenvolvendo ações para a participação de todos.

De acordo com o Turismo de Portugal ainda existe ausência de informação das ofertas para pessoas com capacidades reduzidas. É necessário, por isso, estabelecer uma visão mais alargada dos territórios, pois como indica [accessibleportugal](http://accessibleportugal.com/quem-somos/accessible-portugal/)³⁷, “O envelhecimento da população mundial, em particular dos mercados emissores mais relevantes, juntamente com os hábitos consolidados e crescentes pelo gosto de viajar, trazem naturalmente a necessidade

³⁷ <http://accessibleportugal.com/quem-somos/accessible-portugal/> (15/10/2019)

de preparar e comprometer os destinos turísticos para responder aos correspondentes desafios.”

Neste seguimento realizamos uma análise da plataforma TUR4all que nos permite uma visão de como esta abordagem está a ser trabalhada no território. Podemos observar, na pesquisa realizada no anexo 5, que o território ainda não tem qualquer registo na plataforma, num universo de 17 categorias (alojamento, restauração postos de Turismo, monumentos, Cultura, Feiras e congressos, Natureza e Praias, Lazer, Compras, Clubes Desportivos, Termas e SPAS, Instalações Sanitárias Públicas, Serviços Financeiros, Serviços de Bem Estar, Estacionamento, Transportes e Rotas e itinerários). Daí fazer sentido direccionar o projeto essencialmente para pessoas com deficiência e com mobilidade reduzida, o que implica a sensibilização do poder político para esta realidade, potenciando o mote “para todos” e o papel dinamizador da proposta que, entendemos, é clara. Esta proposta é oportuna e exequível, permitindo aumentar a atratividade do território que foi escolhido para este projeto.

Conclusão

Consideramos ter alcançado o que nos propusemos com este Projeto. Numa perspetiva de desenvolvimento de produtos de turismo cultural, o fato de propormos a marca “SICÓ Turístico-Cultural para todos” significa que a nossa atenção territorial se posiciona no domínio do turismo e da cultura da Região de Sicó. A notoriedade de Sicó decorre da sua relação histórica com a arqueologia e com a geomorfologia específica, bem como com a flora e com os equipamentos culturais existentes. A nossa marca inclui projetos que atenuarão as dificuldades dos territórios de interior. Por isso, a nossa proposta foi construída com essa preocupação, devidamente enquadrada ao nível internacional, nacional e regional, não esquecendo o papel decisivo do Turismo do Centro que integra 100 municípios, entre os quais os seis municípios trabalhados neste Projeto.

Bibliografia

- Alarcão, A., Carvalho, A., Cunha, L., Queirós, A., & Vilaça, R. (1996). *O Oppidum de Conimbriga e as Terras de Sicó*. Lisboa: Liga de Amigos de Conimbriga.
- Alexander, J. (2017). Consciência icônica: o sentimento material do significado. *Vol 32(3)*, pp. 573-591., Consultado em 24 de agosto de 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v32n3/0102-6992-se-32-03-573.pdf>
- Anacleto, S., & Remoaldo, P. (2016). Contributo para um turismo mais inclusivo - Estudo de caso dos invisuais na cidade de Braga. *FLUP*, 291-307. Consultado em 02 de setembro de 2019. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15457.pdf>
- Antunes, A. J., Costa, C. H., Seco, A. J., & Silva, A. M. (2008). *Manual do Planeamento de acessibilidades e transportes: Princípios básicos de organização de redes viárias* (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento do Norte). Consultado em 23 de outubro de 2019. Disponível em: http://www.estgv.ipv.pt/PaginasPessoais/vasconcelos/Documentos/ManualdeAcessibilidades/ManuaisCCDRNmiolo_AF/04PrinciBasicos_AF.pdf
- Aragall, F., & Motes, R. (2009). Turismo Acessível ou Turismo para Todos? Sustentabilidade do Negócio. *RT&D*, 11, 141-145. Obetido em 02 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.ua.pt/degeit/rtd/indice11>
- Accessibleportugal. Obetido em 15 de outubro de 2019. Disponível em: <http://accessibleportugal.com/quem-somos/accessible-portugal/>
- Aubry, T., Dimuccio, L., & Moura, H. (2017). Paleoambientes e culturas do paleolítico superior no centro e norte de Portugal: balanço e perspetivas de investigação. *Estudos do Quaternário*, 17, 29-43. Obtido 10 de agosto de 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329552774_Paleoambientes_e_Culturas_do_Paleolitico_Superior_no_Centro_e_Norte_de_Portugal_Balanco_e_Perspetivas_de_Investigacao
- Bilhim, J. A. (2019). *Governança proposta de regionalização e caminho para a sua implementação* (Sociedade de geografia de Lisboa). Obtido em 19 de setembro de 2019. Disponível em:

https://www.parlamento.pt/Documents/2019/julho/descentralizacao/Bilhim_Relatorio-final_CID.pdf

Blum, G. G. (2014). Os conceitos de Espaço, Território e Estado numa perspectiva político-geográfica. *Conjuntura Global*, Vol.3(1), 28-42. Obtido em 4 de agosto de 2019. Disponível em:

<https://accounts.google.com/ServiceLogin?service=mail&passive=true&rm=false&continue=https://mail.google.com/mail/&ss=1&sc=1<mpl=default<mplcache=2&hl=pt-PT&emr=1>

Cabral, A. M. (2017). *Singularidades da comunicação visual urbana no território investigação aplicada ao centro histórico de Vila Nova de Gaia* (Doutoramento em Arte e Design, Universidade do Porto) Obtido em 14 de setembro de 2019, disponível em:

https://sigarra.up.pt/fbaup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=252882

Cabral, F. S., Nery, R. V., Rollo, M. F., Silva, A. S., & Silva, R. H. (2010). *Viajar Travelling Viajar Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da 1ª República*. Turismo Portugal.

Cabrita, S. (2012). *O Turismo no Território e no Planeamento Territorial. Estudo de caso: O concelho de Faro* (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento de Destinos Turísticos, Universidade do Algarve). Obtido em 05 de abril de 2019, disponível em:

https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3110/1/TESE_Final_SCabrita.pdf

Carvalho, P. (2009). Planeamento, Turismo e Património em Territórios de Baixa. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade d Coimbra*, Vol. VII, 483-504. Obtido de 7 de julho de 2019, disponível em:

https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/32770/3/BiblosVII_artigo22.pdf?ln=pt-pt

CCDRC - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro. Obtido de 7 de agosto de 2019, disponível em:

www.ccdrc.pt

Centro Portugal 20202. Obtido de 15 de setembro de 2019, disponível em:

<http://www.centro.portugal2020.pt>

Cerro, F. (1993). *Técnicas de Evaluacion del Potencial Turístico*. Madrid: Ministerio de Industria, Comercio y Turismo.

- Costas, C. (2005). Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do setor do turismo (1990- 2000). *Análise Social, Vol. XL (175)*, 279-295. Obetido em 05 de agosto de 2019, diponível em:
<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n175/n175a02.pdf>
- Covas, A. (2007). *Temas e Problemas do Mundo Rural*. Algarve: Universidade do Algarve.
- Cunha, L. (1990). *As Serras Calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere. Estudo de Geomorfologia*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica
- Cunha, L. (2003). Maciço de Sicó. Valorização dos recursos naturais e criação de emprego a nível local. *Centro de Estudos Geográficos*, 1-17. Obtido em 13 de setembro de 2019, disponível em:
<https://core.ac.uk/download/pdf/19128522.pdf>
- Cunha, L. (2009). *Introdução ao Turismo*. Lisboa: Verbo.
- Cunha, L. (2010). A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário, 1-23. Obtido em 7 de Maio de 2019, diponível em:
<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/665/A%20Defini%C3%83%C2%AA7%C3%83%C2%A3o%20e%20o%20%C3%83%e2%80%9Ambito%20do%20Turismo.pdf?sequence=1>
- Cunha, L. (2013). *Economia e Política do Turismo* (3 ed.). Lisboa: Lidel.
- Cunha, L., & Vieira, A. (2004). Geomorfologia, património e actividades de lazer em espaços de montanha: exemplos no Portugal Central. *Actas do III Seminário Latinoamericano de Geografia Física*, Coimbra, 21/23, 15-28. Obtido em 24 de abril de 2019, disponível em:
https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13792/1/2004_cad_geog_01.pdf
- Estratégia Europa 2020(2015). Obtido em 16 de setembro de 2019, disponível em:
<https://publications.europa.eu/pt/publication-detail/-/publication/b25d7add-c181-11e4-bbe1-01aa75ed71a1/language-pt>
- Dasí, J. (2008). Gobernanza territorial para el desarrollo sostenible: estado de la cuestión y agenda. *Boletín de la A.G.E.*, 46, 11-32. Obtido em 11 de agosto de 2019, disponível em:
<http://www.dhl.hegoa.ehu.es/ficheros/0000/0563/Gobernanza.pdf>

- Dias, L. C. (2000). Redes: Emergencia e organização. *Geografia Conceitos e Temas*. Brasil, 141-162. Obtido em 20 de agosto de 2019, disponível em: <http://www.ligiatavares.com/gerencia/uploads/arquivos/d9f70cc6d16bd1315391ed9004d769ce.pdf>
- Eco, U. (1976). *La production des signes*. Paris: Le Livre de Poche.
- Eshuis, J., Klijn, E. H., & Braun, E. (2014). Place marketing and citizen participation: branding as strategy to address the emotional dimension of policy making? *International Journal of Administrative Science*, 80 (1), 151-171. Obtido em 03 de setembro de 2019, disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/260959341>
- ET27. Estratégia Turismo 2017. Obtido em 8 de agosto de 2019, disponível em: <https://www.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/estrategia/estrategia-turismo-2027.pdf>
- Eusébio, C. (2006). *Avaliação do impacte económico do turismo a nível regional. O caso da Região Centro de Portugal* (Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro) Obtido em 03 de maio de 2019, disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1839/1/2007000092.pdf>
- Ferrão, J. (2010). Governança e ordenamento do território. Reflexões para uma governança territorial eficiente, justa e democrática. *Prospectiva e Planeamento*, Vol. 17, 131-139. Obtido de 7 de agosto de 2019, disponível em: <https://economiadoterritorio.files.wordpress.com/2014/11/governanca-e-ordenamento-do-territc3b3rio.pdf>
- Ferrão, J. (2013). Governança, governo e ordenamento do território em contexto metropolitano. In Consequência (Ed.), *Metropolização do espaço Gestão territorial e relações urbano-rurais* (pp. 257-283) Obtido de em 9 de agosto de 2019, disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10853/1/ICS_JFerrao_Governanca_CLI.pdf
- Ferreira, L. (2009). Planeamento Estratégico de Destino Turístico. *15º Congresso de APDR*, 1509-1537. Obtido em 01 de setembro de 2019, disponível em: <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2015/178A.pdf>
- FCT -Fundação para a Ciência e Tecnologia (2019). Obtido em 15 de setembro de 2019, disponível em:

https://www.fct.pt/agendastematicas/docs/Agenda_Turismo_Final.pdf

Franzen, L. I., & Oliveira, J. P. (2015). Acessibilidade em destinos turísticos: criação de pictogramas para mapeamento. 1-12. Obtido em 13 de outubro de 2019, disponível em:

<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/154.pdf>

Glossário das sínteses, EU-Lex. Obtido em 15 de agosto de 2019, disponível em:

<https://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/subsidiarity.html?locale=pt%20>

Gonçalves, C. (2005). Portugal, território e turismo. *X Colóquio Ibérico de Geografia*, “*A geografia Ibérica no contexto Europeu*”, Universidade de Évora. Obtido em 20 de outubro de 2019, disponível em:

http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/065.pdf

Gouveia, P., Mendes, D., & Simões, J. (2010). *Turismo acessível em Portugal lei, oportunidades económicas, informação*. Obtido em 05 de setembro de 2019, disponível em:

http://www.crbg.pt/estudosProjectos/temasreferencia/def_incap/Documents/Turismo_acessivel_em_Portuga_lei_oportunidades_economicas_informacao.pdf

INE - Instituto Nacional de Estatística. Obtido em 10 de outubro de 2019, disponível em:

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main&xlang=pt

Infopédia. Obtido em 8 de agosto de 2019, disponível em:

www.infopedia.pt

Julio, R. D., & Pollice, F. (2011). Avaliação da competitividade turística. *Finisterra*, XLVI (91), 121-138. Obtido em 15 de setembro de 2019, disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/267786811_Avaliacao_da_competitividade_de_turistica_do_territorio

Jornal Observador (2019). Obtido em 30 de setembro de 2019, disponível em:

<https://observador.pt/2019/09/10/portugal-e-o-melhor-destino-turistico-do-mundo-para-pessoas-com-deficiencia/>

Jossep, B. (2006). ¿Narrando el futuro de la Economía Nacional y el Estado Nacional?: Puntos a considerar acerca del replanteo de la regulación y la re-inversión de la gobernancia. *Documentos y Aportes en Administración Pública y Gestión Estatal*, vol. 6 (7), 7-44. Obtido em 10 de agosto de 2019, disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/3375/337530212001.pdf>

- Kastenholz, E. (2008). A imagem de um território. Pessoas e Lugares, *Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+*, (53). Obtido em 18 de agosto de 2019, disponível em:
<http://www.minhaterra.pt/IMG/pdf/JornalPL53.pdf>
- Kotler, P. (2002). *Marketing Management - The Millennium Edition*. Obtido em 03 de agosto de 2019, disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/235362523_Marketing_Management_The_Millennium_Edition
- Lenschow, A., & Knill, C. (2005). *Compliance, competition and communication: different approaches of European governance and their impact on national institutions*, Vol. 43. *Journal of Common Market Studies*.
- Lopes, M. D. (2001). *A flora e vegetação das Terras de Sicó*. (tese de Doutoramento) Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Lousada, M., & Ambrósio, V. (2017). *Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal*. Obtido em 20 de agosto de 2019, disponível em:
<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/27298>
- Lousão, M., & Ribeiro, S. (2017). *Lousão, M. & Ribeiro, S. (2017). Guia das Plantas Lenhosas e Sublenhosas Espontâneas no Sítio Sicó-Alvaiázere da Rede Natura 2000*. Leiria, Textiverso, Lda.
- Machado, V. M. (2010). Sistemas de turismo e ordenamento do território no regime jurídico das áreas regionais de turismo e pólos de desenvolvimento turístico. *Revista da ESGHT*, 19, 37-58 Obtido em 27 de setembro de 2019, disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/49614747_Sistemas_de_turismo_e_ordenamento_do_territorio_no_regime_juridico_das_areas_regionais_de_turismo_e_polos_de_desenvolvimento_turistico
- Mafra, F., & Silva, J. (2004). *Planeamento e gestão do território*. Obtido em 20 de outubro de 2019, disponível em:
http://www.spi.pt/documents/books/inovacao_autarquia/docs/Manual_X.pdf
- Mantas, V. G. (1997). *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga* (Tese de Doutoramento). Universidade de Coimbra, Coimbra Obtido em 10 de agosto de 2019, disponível em:
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/790>

- Mathieson, A., & Wall, G. (1982). *Tourism: economic, physical and social impacts*. London, Longman.
- Melo, A. (2000). *Políticas e estratégias culturais para o desenvolvimento local*. Documento facultado pelo autor.
- Monteiro, H. (Junho de 2012). *A estrada de Beira: reconstituição de um traçado medieval* (Dissertação de Mestrado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Obtido em 13 de março de 2019, disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/8340>
- Moreira, R. (2006). Recursos alimentares e identidades territoriais: uma perspectiva sobre a gastronomia local. In *Tadição e inovação alimentar* (pp. 153-175). Obtido em 7 de julho de 2019, disponível em:
<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/3575>
- Mortágua, C. (2018). *Turismo e desenvolvimento Local*. Obtido em 6 de maio de 2019, disponível em:
https://adraces.pt/ficheiros/revista/1466094540_1217001165viver008.pdf
- Município de Alvaiázere. Obtido em 26 de agosto de 2019, disponível em:
www.cm-alvaiazere.pt
- Município de Ansião. Obtido em 26 de agosto de 2019, disponível em:
www.cm-ansiao.pt
- Município de Condeixa-a-Nova. Obtido em 26 de agosto de 2019, disponível em:
www.cm-condeixa.pt
- Município de Penela. Obtido em 26 de agosto de 2019, disponível em:
www.cm-penela.pt
- Município de Pombal. Obtido em 26 de agosto de 2019, disponível em:
www.cm-pombal.pt
- Município de Soure. Obtido em 26 de agosto de 2019, disponível em:
www.cm-soure.pt
- Nascimento, R. A., & Steinke, V. A. (2018). Apontamentos teóricos para a relação entre paisagem e fotografia na geografia. *Raega*, 44, 21-35. Obtido em 14 de setembro de 2019, disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/47200/35293>
- Nunes, E. (2011). *Fatores de sucesso em Marketing Territorial: Desafios de desenvolvimento na região do Alentejo* (Disertação de Mestrado). Universidade

- Técnica de Lisboa, Lisboa. Obtido em 31 de agosto de 2019, disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3535/1/Factores%20de%20sucesso%20em%20Marketing%20Territorial.pdf>
- Nunes, S. P., & Sousa, V. C. (2018). Recursos Perfeitos, Turismo e Singularidades Territoriais: Contributos Para o Desenvolvimento de Uma Linha de Turismo Científico na Golegã. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 50, 27-47. Obtido em 02 de agosto de 2019, disponível em: <http://www.apdr.pt/siterper/numeros/RPER50/50.2.pdf>
- Offner, J.-M. (2000). *Territorial deregulation”: Local authorities at risk from technical networks* (Vol. 24). International Journal of Urban and Regional Research.
- OMT- Organização Mundial de Turismo . (1994).
- Paisagem, C. E. (2004). Forum das Cidades. Obtido em 02 de agosto de 2019, disponível em: <http://www.forumdascidades.pt/content/paisagem>
- Pardellas, X. (2005). *Competitividade e innovación no sector turístico: unha nova oportunidade de avaliación dos recursos endóxeos, II Estudos Estratéxicos do Eixo Atlântico*. Libro IV, Ourense
- Pereira, M. F., & Kahil, S. P. (2006). O território e as redes: considerações a partir das estratégias de grandes empresas. 213-226. Obtido em 02 de outubro de 2019, disponível em: http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2006/o_territorio.pdf
- PNPOT- Programa Nacional da Política do Ordenamento do Território. Obtido 15 de outubro de 2019, disponível em: <http://pnpot.dgterritorio.pt/>
- PO.RO.S. Museu Portugal Romano em Sicó. Obtido 18 de outubro de 2019, disponível em: <https://www.poros.pt/>
- Programa Nacional para a Coesão Territorial. Obtido em 10 de agosto de 2019, disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-pdf.aspx>

- Queirós, A. (2014). Turismo cultural e economia do património, *Revista Lusofona, Cadernos de Sociomuseologia*, 7, 57-96. Obtido em 13 de agosto de 2019, disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5492>
- Reis, J. (2005). Uma epistemologia do território. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 13(1), 51-74. Obtido em 16 de setembro de 2019, disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/41759/1/Uma%20epistemologia%20do%20territ%C3%B3rio.pdf>
- Rhodes, R. (1997). Understanding Governance: policy networks, governance, reflexivity and accountability. *Organization Studies* 28(08), 1–22. Obtido em 9 de agosto de 2019, disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233870082_Understanding_Governance_Policy_Networks_Governance_Reflexivity_and_Accountability
- Ribeiro, G. (2009). A Geografia testemunha a História: paisagem, região e interdisciplinaridade em Marc Bloch. *Revista de História Regional*, 14(2): 7-28. Obtido em 16 de setembro de 2019, disponível em: <https://www.revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/1013/784>
- Roca, Z., & Mourão, J. C. (2003). Identidade e desenvolvimento territorial entre a retórica e a prática. *Revista de Humanidades e Tecnologias*, 102-110. Obtido em 14 de setembro de 2019, disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/2554/1052.pdf?sequence=1>
- Rodrigues, A. (2010). Construção de um Índice de Interioridade para Portugal: metodologias e aplicações. *Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia*, Porto. Obtido em 29 de setembro de 2019, disponível em: <http://web.lettras.up.pt/xiicig/comunicacoes/102.pdf>
- Rodrigues, M. R. (2006). *Viagens pela história de Alvaiázere*. Alvaiázere: Câmara Municipal de Alvaiázere.
- Romão, F., & Barreiro, P. (1999). *Percursos na Serra de Sicó*. Coimbra: Quercos.
- Santos, N., & Cunha, L. (2007). Novas oportunidades para o espaço rural. Análise exploratória no Centro de Portugal. *VI Congresso da Geografia Portuguesa*, Lisboa, 1-18. Obtido em 10 de setembro de 2019, disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/21758/1/54-Norberto_Santos_-_Oportunidades_espa%C3%A7o_rural.pdf

Seabra, C., Paiva, O., Abrantes, J., Pereira, A., & Reis, M. L. (2018). *Imagem do Centro de Portugal: uma abordagem geracional*. Obtido em 31 de agosto de 2019, disponível em:

<http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/5041/2/IMAGEM%20DO%20CENTRO%20DE%20PORTUGAL.pdf>

Sidman, M. (2009). *Coerção e as suas Implicações*. Livro Pleno.

Silva, C. (2019). *Sicó - Lugares notáveis do património Cultural*. De Autor.

Silva, F. (2013). Turismo na natureza como bases do desenvolvimento turístico responsável nos Açores (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa, Lisboa. Obtido em 13 de agosto de 2019, disponível em:

<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8742>

Smith, S. L. (1995). The tourism satellite account: perspectives of Canadian tourism associations and organizations. *Tourism Economics* 1 (3) 225-244. Obtido em 4 de agosto de 2019, disponível em:

<https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/19961804697>

Tão, M. M. (2018). *Turismo no Centro de Portugal*. Lisboa: Actual.

Terras de Sicó. Obtido em 4 de agosto de 2019, disponível em:

<http://www.terrasdesico.pt>

Torres, N. (2007). Gestão do Património Histórico e Desenvolvimento Urbano Sustentável: Políticas Públicas para o incremento do Turismo em Curitiba (dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná. Obtido em 13 de setembro de 2019, disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/cp029312.pdf>

Tsukamoto, M. G. (2017). Governança Multiníveis em Territórios de Baixa Densidade: as Comunidades Intermunicipais do Alto Alentejo e da Beira Baixa (Dissertação de Mestrado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Obtido em 3 de julho de 2019, disponível em:

<https://run.unl.pt/handle/10362/23489>

Turismo de Portugal. Obtido em 30 de julho de 2019, disponível em:

<https://business.turismodeportugal.pt/pt/Paginas/homepage.aspx>

Valls, J. (2004). *Gestión de destinos turísticos sostenibles*. Barcelona: Gestions 2000.

Villa Sicó. Obtido em 20 de setembro de 2019, disponível em:

<http://www.villasico.com/>

Anexos

Anexo 1 – Matriz das iconicidades da Região Centro

Sítio	Divulgação municipal		Atrativo 1a5	Ícone	Resultados	Gastronomia	Resultados
	Turismo	Visitar					
Abrantes	X		4	Castelo da Abrantes	5770000	Palha de Abrantes	192000
Águeda		X	2	Umbrella Sky Project	52600000	Pateira de Fermentelos	94900
Aguiar da Beira		X	3	Torre de Aguiar da Beira	2300000	Festa do pastor e do queijo	318000
Albergaria-a-Velha		X	3	Castelo e Palacete da Boa Vista	188000	Pão do Fontão	118000
Alcanena		X	2	Alviela	101000	Cachola de Alcanena	10300
Alcobaça	X		3	Mosteiro de Alcobaça	633000	Pão-de-ló de Alfeizerão	4660
Alenquer	X		5	Castelo de Alenquer	2 100000	Uvada	709
Almeida		X	3	Fortaleza de Almeida	24400000	Jeropiga	7600
Alvaiázere	X		2	Carvalho cerquinho	43700	Chícharo	701000
Anadia	X		4	Termas da Curia	193000	Vinho espumante	41900
Ansião		X	3	Complexo Monumental de Santiago da Guarda	81200	Lesma	2090
Arganil		X	3	Aldeias de Xisto	45200	Bucho de Arganil	9140
Arruda dos vinhos		X	2	Serras de Al-Ruta	6 180 000	Bruxas da arruda	184 000
Aveiro		X	4	Ria de Aveiro	2780000	Ovos moles	563000
Batalha		X	4	Mosteiro da Batalha	1030000	Tachadéu	225
Belmonte			4	Castelo de Belmonte	6270000	Requeijada de Belmonte	633
Bombarral		X	2	Quinta dos Liridos e espaço Buddha Eden	10800	Mimosos do Bombarral	19600
Cadaval	X		2	Real Fábrica do Gelo	1170000	Bolo de pera rocha	365000
Caldas da Rainha		X	3	Parque Carlos I D.	932000	‘Tronchuda’ Caldas da Rainha	3770
Cantanhede	X		4	Lagoa dos Teixoeiros	2520	Leitão	248000

Carregal do Sal		X	2	Casa do Passal - Aristides de Sousa Mendes	7880	Feira da pinha e do pinhão	43200
Castanheira de Pêra	X		2	Praia Fluvial das Rocas	80300	Cabrito Castanheira de Pêra	24800
Castelo Branco		X	4	Paço Episcopal de Castelo Branco	91 900	Queijo de Castelo Branco	2050000
Castro Daire	X		3	Montanhas de Castro Daire	176000	Bolo podre	622000
Celorico da Beira		X	2	Castelo de Celorico da Beira	715000	Queijo de Celorico da Beira	69600
Coimbra		X	4	A Universidade de Coimbra, Alta e Sofia	2700000	Pastéis de Santa Clara	7830000
Condeixa-à-Nova	X		4	Ruínas de Conimbriga	28400	Escarpiada	2490
Constância		X	2	Parque ciência viva constância	1710000	Fataça	34100
Covilhã		X	4	Museu de Lanifícios	106000	Pastel de molho	5160000
Entroncamento		X	2	Museu ferroviário	1450000		
Estarreja		X	2	Património Natural BioRia	51900	Broa de'Avanca	1500
Ferreira do Zézere		X	2	Dornes	602000	Bons maridos	1260000
Figueira da Foz		X	2	Serra da Boa Viagem	21400000	Papas de moadado	807
Figueira de Castelo Rodrigo		X	2	Castelo Rodrigo	13700000	Borrego da Marofa	3660
Figueiró dos Vinhos		X	3	Casulo de Malhoa	4890	Pão-de-ló de Figueiró dos Vinhos	42700
Fornos de Algodres		X	2	Termas de Fornos de Algodres	196000	Queijada de urtiga	17700
Fundão		X	2	Centro Histórico	591000	Cereja do Fundão	113000
Góis	X		3	Rio Ceira	691000	Chanfana	11500
Gouveia		X	2	Castelo de Folgosinho	53000	“os Tapiscos”	213
Guarda		X	2	Sé Catedral da Guarda	2770000	Bucho com grelos	8680
Idanha-a-Nova	X		4	Idanha-a-Nova Território UNESCO	21000	Borrachões	86700
Ílhavo	X		3	Praia Costa Nova	68300000	Bacalhau Ílhavo	208000
Leiria		X	5	Castelo de Leiria	18900000	Brisas do Lis	1150000
Lourinha	X		3	Dino Parque	37800000	Areias Brancas	414000

Lousã		X	4	Castelo da Lousã	2 950 000	chanfana Lousã	29800
Mação		X	3	Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo	18 300 000	Fofas de Mação	198000
Mangualde	X		2	Praia artificial de Mangualde	35400	Esticadinho de Mangualde	461
Manteigas		X	2	Vale Glaciário do Zêzere – Serra da Estrela	25400	Feijoca de Manteigas	5200
Marinha Grande		X	3	Turismo Industrial	1780000	Sopa do vidreiro	35600
Mealhada		X	2	Termas de Luso	407000	Leitão da Bairrada	197000
Mêda		X	2	Castelo de Mêda	6200000	Grelos à pobre	36800
Mira	X		3	Lagoas e Barrinha de Mira	183000	Sardinha torrada na telha	29500
Miranda do Corvo	X		3	parque biológico da Serra da Lousã	48000	Chanfana de Miranda do Corvo	25300
Montemor-o-Velho	X		3	Castelo de Montemor o Velho	1130000	Pastel de Tentúgal	30700
Mortágua	X		3	Santuário de São Salvador do Mundo	2590000	Lampantana	5780
Murtosa		X	3	Igreja Matriz de Murtosa	108000	Enguia frita	2420
Nazare	—	—		Praia da Nazaré	18900000	Peixe Seco	10400000
Nelas		X	3	Caldas da Felgueira Termas & Spa	12500	Vinho do Dão Caves de Nelas	62400
Obidos	—	—		Castelo de Óbidos	560000	Ginjinha de Óbidos	125000
Oleiros	X		2	Ribeira de Oleiros	2090000	Vinho Callum	52900
Oliveira de Frades	X		2	Rio Vouga	1190000	Galo capão	182000
Oliveira do Bairro		X	2	Vale do Rio Cértima	38800	Rota da Bairrada	126000
Oliveira do Hospital	X		2	Ruínas Romanas de Bobadela	24200	Arroz de Suã	311000
Ourem		X	2	Santuário de Fátima	4420000	Bolo de Arco	48900
Ovar		X	3	Azulejos	62700	Pão de ló de Ovar	70400
Pampilhosa da Serra		X	3	Miradouro da Barragem de Santa Luzia	34600	Maranhão da Pampilhosa da Serra	68800
Pedrogão Grande	X		2	Praia Fluvial do Mosteiro	219000	Pudim de Pão	5160

Penacova		X	2	Mosteiro de Lorvão	129000	pastéis de Lorvão	15700
Penalva do Castelo	X		2	Mata da Senhora da Lourdes	2510000	Vinho Dão de Penalva	343000
Penamacor	X		2	Gata Malcata	56700	Feijão seco no forno	769000
Penela		X	3	Castelo de Penela	243000	Queijo do Rabaçal	33200
Peniche		X	2	Ilhas das Berlengas	109000	Pasteis de Peniche	88800
Pinhel		X	3	Castelo de Pinhel	802000	Vinho de pinhel	705000
Pombal		X	3	Castelo pombal	8190000	Arrubação	1920
Porto de Mós		X	3	Castelo de Porto Mós	1300000	cabrito e do borrego	14000
Proença-a-Nova		X	4	Portas de Almourão	6650	Bolo finto	89400
Sabugal		X	4	Termas do Cró	176000	Bucho Raiano	32200
Santa Comba Dão		X	2	Albufeira da Aguiieira e de Santa Comba Dão	90000	Cabrito assado em forno de lenha	39300
São Pedro do Sul		X	2	Termas de São Pedro	1480000	Caladinhos	323000
Sardoal	X		3	Semana Santa	102000	Tigeladas	2890
Sátão	X		2	Santuário de Nosso Senhor dos Caminhos	5010000	Miscaro	24100
Seia	X		4	Museu do Pão	14400000	Bola de manteiga	3340000
Sertã		X	3	Castelo da Sertã	2390000	Maranho e Buchos	11200
Sever do Vouga		X	2	Cascata da Cabreia	20800	Mirtilo	1850000
Sobral de Monte Agraço		X	2	Igreja de Santo Quintino	594000	Fritada dos Santos	356000
Soure	—	—	1	Castelo de Soure	1040000	Biscoitos de azeite de Soure	5750
Tábua		X	2	Penedo «cabana»	218000	Vinho Novo	2070000
Tomar		X	2	Convento de Cristo	17500000	Fatias de Tomar	2 310 000
Tondela	X		3	Barro Negro de Molelos	7380	Chanfana na padela	312
Torres Novas		X	3	Rio Almonda	73000	Broas podres	12600
Torres vedras	X		3	Linhas de torres	12600000	Pastel de Feijão	2360000
Trancoso	X		2	Centro Histórico de Trancoso	412000	Sardinhas doces de Trancoso	11400
Vagos		X	3	Praias de Vagos	4980000	Caldeirada de enguias	32000

Vila de Rei		X	3	Passadiços do Penedo Furado	16000	Achigã	63900
Vila Nova da Barquinha		X	2	Castelo de Almourol	120000	Doce de Tancos	85700
Vila Nova de Paiva	X		2	Parque Botânico Arbutus do Demo	5490	Papas de relão	2800000
Vila Nova de Poiares		X	2	Piscinas da Fraga	1840000	Chanfana de Vila Nova de Poiares	24300
Vila Velha de Ródão	X		3	Monumento Natural Portas de Rodão	26000	Pantufas	20600
Viseu		X	5	Feira de São Mateus	32500000	Rancho à Moda de Viseu	88800
Vouzela	X		3	Mata da Penoita	5540	Pastéis de Vouzela	46800

Tabela 19: Matriz de análise dos sítios municipais

Fonte: Elaboração própria

Anexo 2 – Oferta de Restauração e Hotelaria

Concelho	Restaurante	Estadia
Condeixa-a-Nova	Churrasqueira Perola Frango Café Restaurante Amadeu Bairradino dos Leitões Churrasqueira o Cugusto Restaurante Pariz Casa da Júlia Casa do Cabrito Churrasqueira o Veloso Churrasqueira Pérola dos Frangos Churrasqueira Ti Nela Conversa Fidalga Flor d'Aldeia Lambarices Luz e Vida Manjar romano Manjares da Avó O Cantinho do Simões O paço da Vila Restaurante o Filipe Restaurante o Pote O Regional do Cabrito Restaurante Restinova Milho Rei O Taíinha Telepizza Churrasqueira Ventura Churrasqueira Transparentes Serrado da Vila Pimm's Manuel júlio	Pousada de Condeixa

	Non Solo Pane Barreira Cafetaria Museu PO.RO.S Catrapázio bar	
Pombal	O Manjar do Marquês Restaurante Pedro's Restaurante O Pote do Leitão Casa da Azinheira Restaurante O Fidalgo, Restaurante Variante Churrasqueira Tapa Narsan Restaurante O Tirole Cervejália Leitaria Da Praça Pizzaria Restaurante o Forninho Pitadas Pizza&Kebab Restaurante Pizzaria Jardim D'Itali Restaurante O Regalo Quinta das Vinhas Tasquinha Pombalense Mr. Pizza Quinta Do Ti Lucas	Cardal Hotel Residencial Terrabela - Hotel Pombalense Senhora de Belém Hotel Vila Colina B&B Casa do Vale do Papo Acquavilla
Ansião	O Sítio do Costume Adega típica de Ansião Casa do Ensaio - Restaurante e Bar Alquimia - Restaurante Cervejaria Manjar Do Diogo Canto da Vila AnsiLeitões O Marujo Ansião Pizzaria Estrela O terreiro do lagar Churrasqueira Mocobico C.A.M. - Actividades Hoteleiras O Sítio do Costume - Petisqueira Garden Sabores D' Itália Churrascaria Ansião A Ti Matilde Santiago Restaurante Café Pérola - O Gandin Restaurante Serranito Restaurante Barrocas	Ansiturismo - Alojamento & SPA
Soure	Larina Restaurante Restaurante Alto Douroana	Palace Hotel & Spa - Termas do Bicanho
Alvaiázere	Café/Restaurante "O Marques" Restaurante "Casa Lagoa" Restaurante "Os Grelhados" Restaurante "O Brás" Café Restaurante "As Piscinas" Café Restaurante "O Mercado" Churrasqueira "Loja dos Frangos" Café Restaurante "A Grelha" Restaurante "A Picanha" Café Restaurante "Dona Maria" Dutchy's Snack-Bar	Casa de Turismo Rural "Quintinha Catarina" "Casa do Alferes Curado" "O Brás" "O Marques" "Albergaria Pinheiros" Laura Marques Henriques Alves Casa Antiga Amarela Quinta das Maças Quinta Batista Largo José dias Batista, 3

	Café Restaurante “O Cantinho”	Aveleira Casa Franco Quinta da Cortiça Al Villas – Ariques Al Villas – Barqueiro Al Villas – Bofinho Al Villas - Venda do Preto Ti’ Ladeira Villa Rominha Calçada Fonte do Campo nº 1 Rominha Cantinho do Lucas Casa de Pedra
Penela	Casa dos Frangos de Monte Café Restaurante O Bonito Cantinho da Lena Bigodes Boa Esperança Gustatio O Cantinho da Clotilde O Pastor Pastor O Terreiro do Lagar O Vintém Ruínas do Rabaçal São Lourenço Sto Amaro Taberna Típica do Cristo Varandas do Castelo Xisto ° Restaurante	Casa de Turismo do Rabaçal Duecitânia Design Hotel **** Casas do Favacal Casa do Zé Sapateiro Pensão Bigodes Vale do Ninho Nature Houses O Homem Verde Casa de Xisto dos Pardieiros Uma Casa Portuguesa Quinta do Espanhol Eira do Vez - Alojamento

Tabela 20: Oferta de restauração e hotelaria da Região de Sicó

Fonte: sítios dos municípios e promoção dos postos de turismo

Anexo 3 – Entrevista aos autarcas

Pedido de colaboração institucional para o Estudo académico ➤



rosita <sjrster@gmail.com>

sábado, 31/08, 17:57



para presidente, majonunes, gab.presidente, antonio.domingues, celia.marques, presidente ▼

Boa Tarde:

Sou aluna do Mestrado de Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural, venho solicitar informação e eventual colaboração para o projeto que desenvolvo no domínio de propostas para a valorização turística da região de SICÓ.

O objetivo deste estudo é o de contribuir para a valorização territorial e inclusão Social no Turismo (eventual estudo da marca “SICÓ TURÍSTICO - CULTURAL”)

Se poder responder às três questões, agradeço.

1. Entende como estratégia a criação de uma rede turística para uma eventual marca “SICÓ TURÍSTICO - CULTURAL”?
2. O município que lidera terá interesse em participar numa rede de suporte àquela marca, com maior visibilidade turística ou a atual é satisfatória?
3. Tem soluções que entenda ajudar-nos a tornar o nosso projeto académico com mais um contributo para a valorização da Região?

Grata pela Atenção

Sandra Rosa

Figura 21: Mail enviado

Fonte: Elaboração própria

Resposta da presidente de Camara de Alvaiázere

1. Entende como estratégia a criação de uma rede turística para uma eventual marca “SICÓ TURÍSTICO - CULTURAL”?

Sim, considero que essa marca seria extremamente útil na afirmação do território de Sicó e na afirmação da identidade territorial destes municípios...é indiscutível a singularidade desta região e o seu potencial. Acredito que num futuro próximo, dada a relevância que a própria estratégia nacional de turismo tem imprimido à autenticidade e à identidade dos territórios, o caminho será esse!

2. O município que lidera terá interesse em participar numa rede de suporte àquela marca, com maior visibilidade turística ou a atual é satisfatória?

O Município de Alvaiázere terá sempre interesse em associar-se a marcas que contribuem para a afirmação e projecção do seu concelho...esta marca de Sicó já é reconhecida na região Centro, mas necessita ser alavancada e estruturada com base num fortalecimento desta identidade.

3. Tem soluções que entenda ajudar-nos a tornar o nosso projeto académico com mais um contributo para a valorizarização da Região?

Na minha modesta opinião, a Associação Terras de Sicó, está a promover um conjunto de projectos que poderão ser um contributo para esta valorização da Região!...inclusive a rede das Aldeias de Calcário, a denominação de paisagem protegida de Sicó, os mercados de Sicó, entre outros que considero serem interessantes incluir nesta dissertação.

Anexo 3 – Matriz de avaliação da saída de campo

Esta matriz de avaliação, foi realizada no mês de outubro, onde se efetuou a recolha de imagens no local à exceção do Parque Verde de Ansião e os Olhos d'Água, que foram retiradas imagens da *internet*. Na matriz é constituída pela a descrição do nome, o tipo de destino e a avaliação das acessibilidades, comunicação, notoriedade, visibilidades e conteúdos.

Condeixa




Local:	Posto de turismo de Condeixa-a-Nova			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	4
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	4
Legenda:	1 Pouco significativo 2 Suficientemente significativo 3 Bastante significativo 4 Muito significativo 5 Excelente			






Local:	Ruínas e Museu Monográfico de Conimbriga			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	5
Notoriedade	5		Visibilidades	4
			Conteúdos	4
Legenda:	1 Pouco significativo 2 Suficientemente significativo 3 Bastante significativo 4 Muito significativo 5 Excelente			

				
				
Local:				
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	5		Comunicação	5
Notoriedade	5		Visibilidades	5
			Conteúdos	5
Legenda:		1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo		

				
				
Local:	Buracas do Casmilo			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	2
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	2
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			



				
Local:	Nossa Senhora do Círculo			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	1		Comunicação	2
Notoriedade	3		Visibilidades	3
			Conteúdos	1
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			





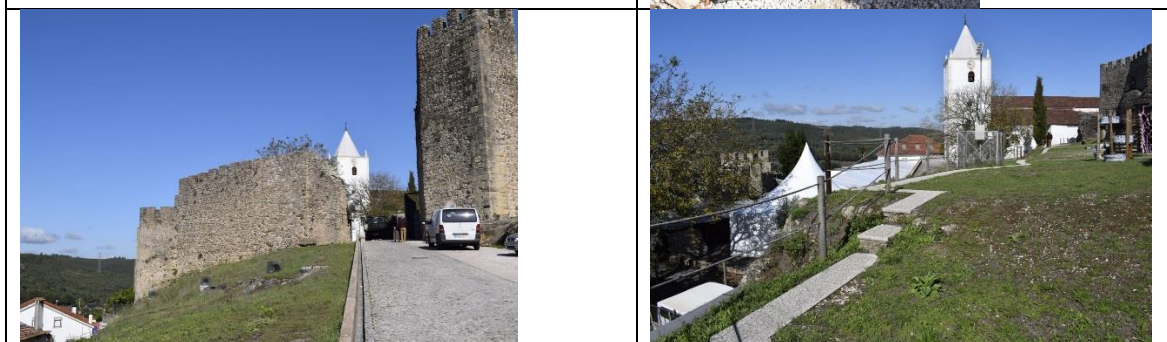

Local:	Reserva Natural do Paul de Arzila			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	2		Comunicação	3
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	3
Legenda:	1 Pouco significativo 2 Suficientemente significativo 3 Bastante significativo 4 Muito significativo 5 Excelente			

Penela



Local:	Posto de Turismo de Penela			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	4		Comunicação	4
Notoriedade	3		Visibilidades	4
			Conteúdos	4

Legenda: 1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente
2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo



Local:	Castelo de Penela			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	4
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	4

Legenda:	1 Pouco significativo	3 Bastante significativo	5 Excelente
	2 Suficientemente significativo	4 Muito significativo	

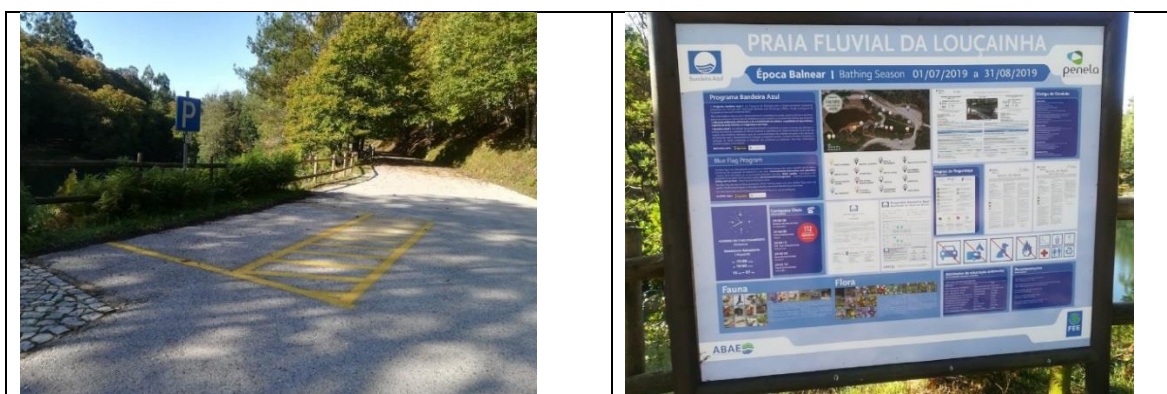
					
					
Local:	Castelo de Germanelo				
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro	
Acessibilidades	2		Comunicação	2	
Notoriedade	2		Visibilidades	3	
			Conteúdos	3	
Legenda:	1 Pouco significativo		3 Bastante significativo		5 Excelente
	2 Suficientemente significativo		4 Muito significativo		

			
---	--	--	--

				
Local:	Miradouro de São João do Deserto			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	1		Comunicação	3
Notoriedade	3		Visibilidades	3
			Conteúdos	3
Legenda:	1 Pouco significativo 2 Suficientemente significativo		3 Bastante significativo 4 Muito significativo	5 Excelente

				
				
Local:	Espaço-Museu da Villa do Rabaçal			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	3
Notoriedade	4		Visibilidades	3
			Conteúdos	3
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			

					
					
Local:					Ruínas - Villa Romana
Destino:		Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades		2		Comunicação	2
Notoriedade		4		Visibilidades	4
				Conteúdos	3
Legenda:		1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			



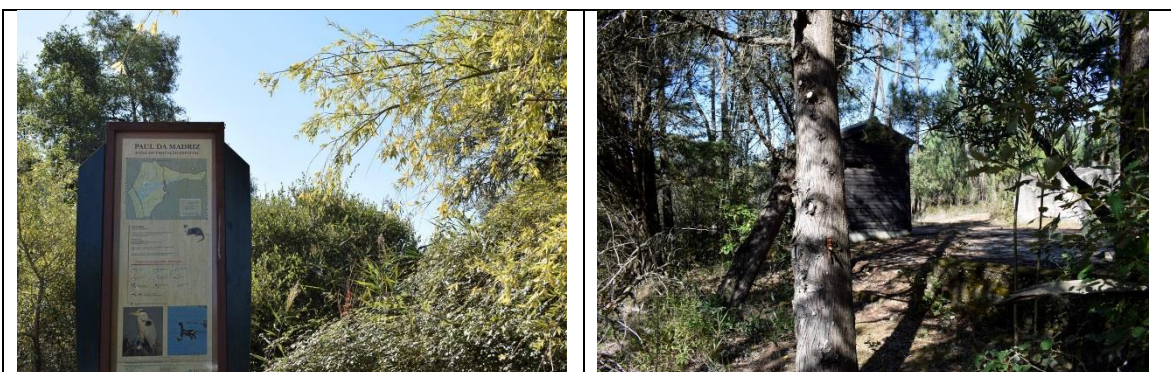



Local:	Praia Fluvial da Louçainha			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	4		Comunicação	4
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	4
Legenda:	1 Pouco significativo 2 Suficientemente significativo 3 Bastante significativo 4 Muito significativo 5 Excelente			

				
				
Local:	Pedra Frida			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	2		Comunicação	2
Notoriedade	3		Visibilidades	2
			Conteúdos	2
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			

Soure

				
				
Local:	Castelo de Soure			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	3
Notoriedade	3		Visibilidades	3
			Conteúdos	2
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			





Local:	Reserva Natural do Paul de Madriz			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	1		Comunicação	1
Notoriedade	2		Visibilidades	2
			Conteúdos	2
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			

Pombal

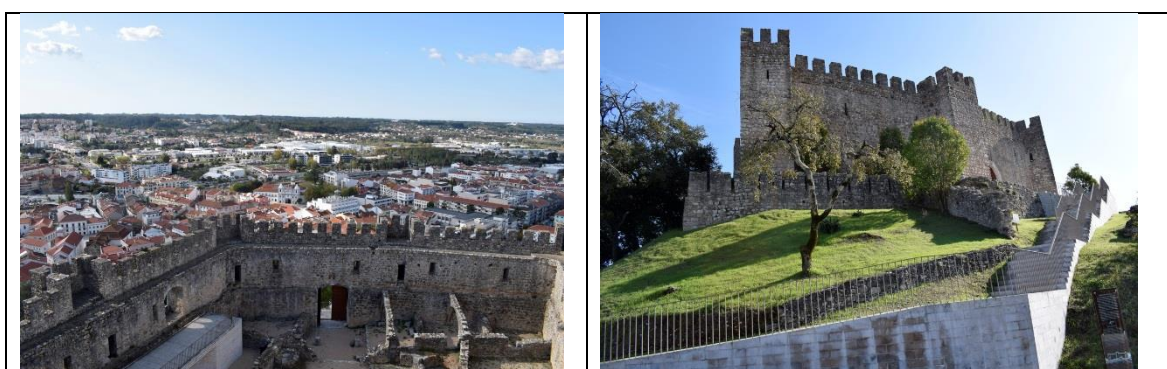






Local:		Nossa Senhora da Estrela		
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	2
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	2
Legenda:		1 Pouco significativo 2 Suficientemente significativo 3 Bastante significativo 4 Muito significativo 5 Excelente		

				
				
Local:	Praia Osso da Baleia			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	5		Comunicação	3
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	2
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			





Local:	Castelo de Pombal/ Posto de Turismo			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	2		Comunicação	5
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	5
Legenda:	1 Pouco significativo 2 Suficientemente significativo 3 Bastante significativo 4 Muito significativo 5 Excelente			






Local:	Convento do Louriçal/ Aqueduto Louriçal			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	3
Notoriedade	4		Visibilidades	3
			Conteúdos	2

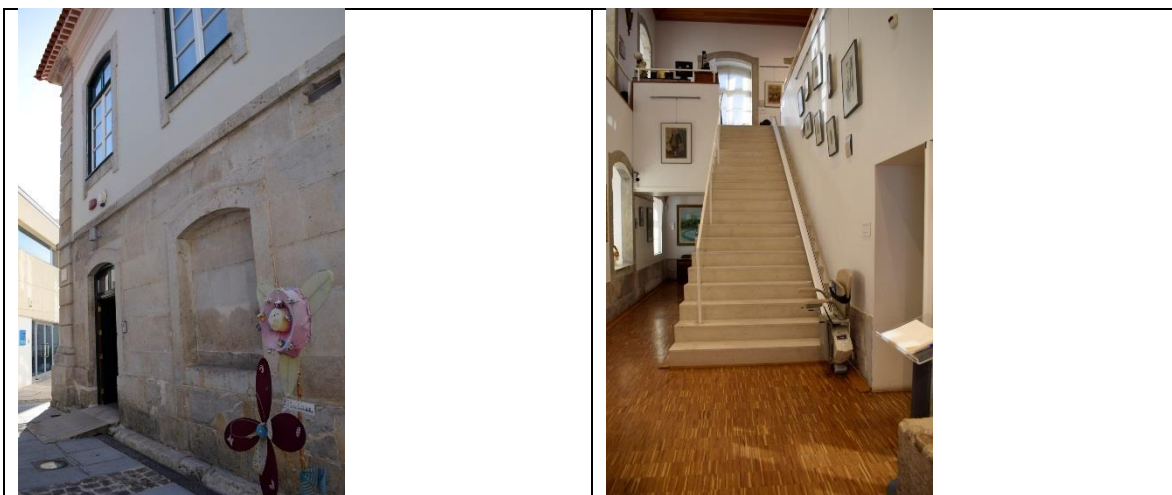
Legenda:

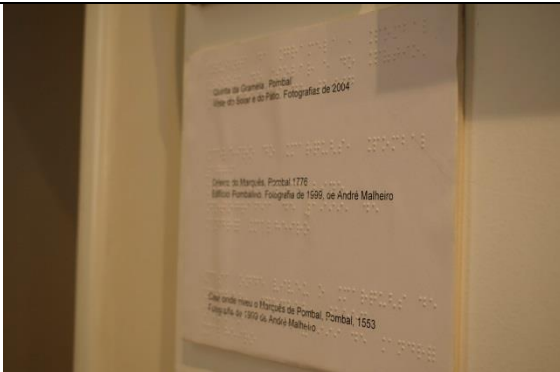
1 Pouco significativo
2 Suficientemente significativo

3 Bastante significativo
4 Muito significativo

5 Excelente

				
				
Local:				
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	4		Comunicação	2
Notoriedade	3		Visibilidades	3
			Conteúdos	2
Legenda:		1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo		







Local:	Museu Marques de Pombal			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	5		Comunicação	4
Visibilidade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	5

Legenda:

1 Pouco significativo
2Suficientemente significativo

3 Bastante significativo
4 Muito significativo

5 Excelente

				
				
Local:	Serra de Sicó			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	2		Comunicação	2
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	2
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			

Ansião

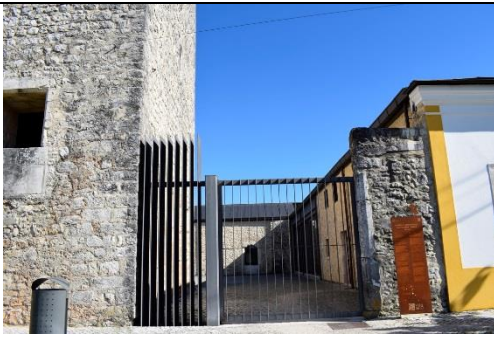
									
Local:		Posto de Turismo Ansião							
Destino:		Cultural		Natureza		Lazer		Outro	
Acessibilidades		3				Comunicação		3	
Notoriedade		4				Visibilidades		4	
						Conteúdos		3	

Legenda: 1 Pouco significativo 2 Suficientemente significativo 3 Bastante significativo 4 Muito significativo 5 Excelente

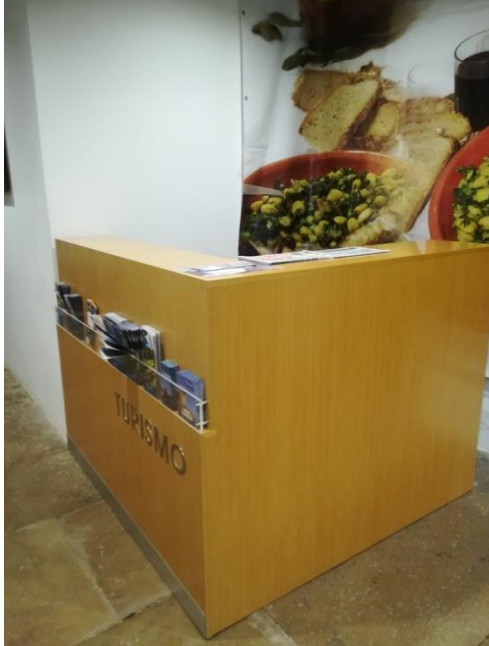
Local:	Serra da Portela (Anjo da Guarda)			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	3
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	3

Legenda: 1 Pouco significativo 2 Suficientemente significativo 3 Bastante significativo 4 Muito significativo 5 Excelente

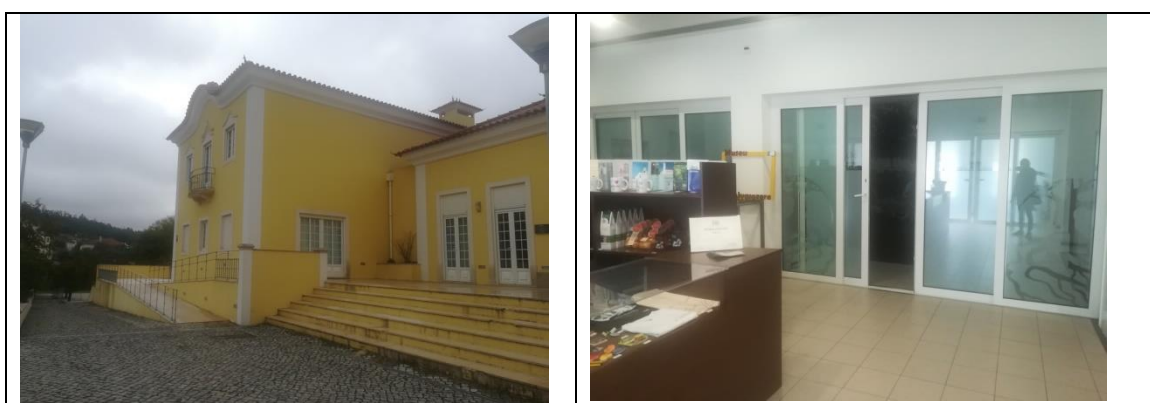
				
				
Local:	Complexo Monumental de Santiago da Guarda			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	2
Notoriedade	4		Visibilidades	2
			Conteúdos	2
Legenda:		1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo		

				
Local:	Olhos de Água de Ansião/Parque verde			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	2
Notoriedade	4		Visibilidades	2
			Conteúdos	1
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			

Alvaiázere




Local:		Posto de Turismo		
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	2
Notoriedade	2		Visibilidades	2
			Conteúdos	1
Legenda:		1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo		

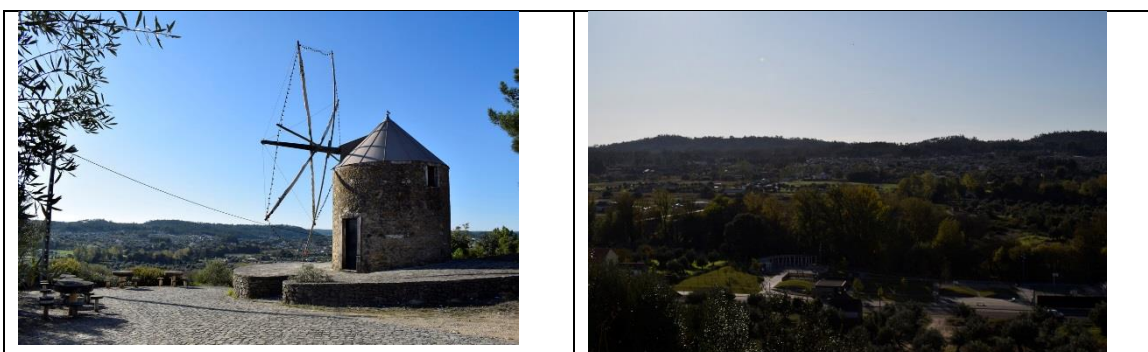





Local:	Museu Municipal de Alvaiázere			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	3
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	3
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			

				
				
Local:	Serra de Alvaiázere			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	3		Comunicação	2
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	1
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			

				
				
Local:	Nossa Senhora do Covões			
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	2		Comunicação	1
Notoriedade	4		Visibilidades	4
			Conteúdos	1
Legenda:	1 Pouco significativo 3 Bastante significativo 5 Excelente 2 Suficientemente significativo 4 Muito significativo			



				
Local:		Moinho de Vento de Avanteira		
Destino:	Cultural	Natureza	Lazer	Outro
Acessibilidades	2		Comunicação	1
Notoriedade	3		Visibilidades	4
			Conteúdos	1
Legenda:		3 Bastante significativo 5 Excelente		
		4 Muito significativo		
		1 Pouco significativo		
		2 Suficientemente significativo		

Anexo 4- Exemplo de sinalética da Linha defensiva do Mondego



Figura 22: Exemplo das Linhas Defensivas do Mondego
 Fonte: Elaboração própria

Anexo 5 - Pesquisa no Sítio TUR4all

Pesquisa realizada no mês de outubro no sítio TUR4all

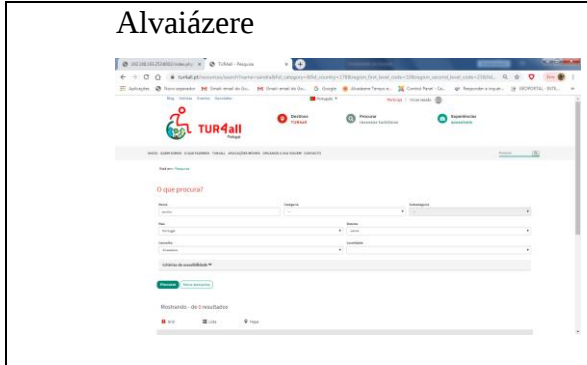
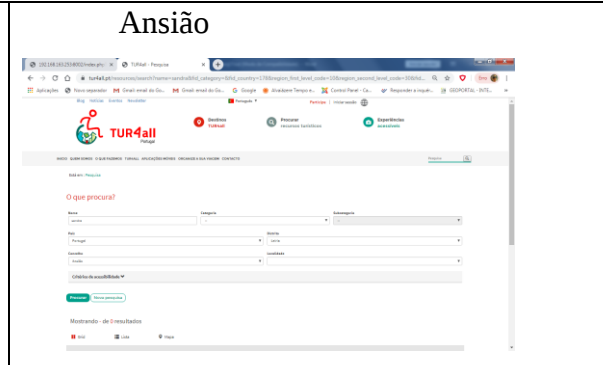
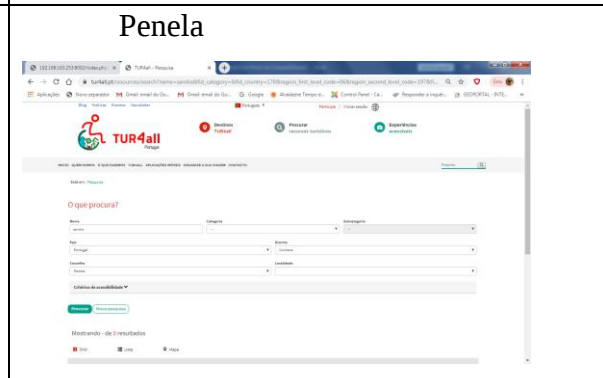
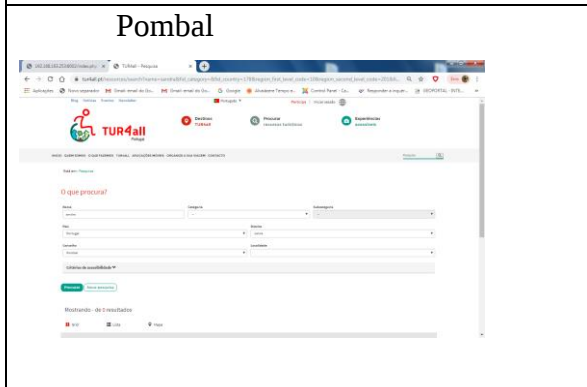
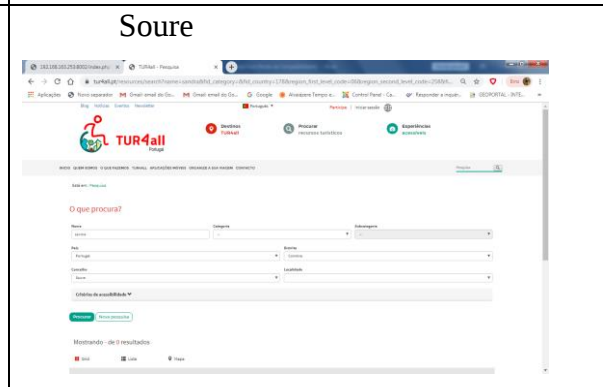
Alvaiázere 	Ansião 
Condeixa a Nova 	Penela 
Pombal 	Soure 

Tabela 21: pesquisa nos sítios TUR4all da região de Sicó
Fonte: Elaboração própria